



**Universidade de
Aveiro
2018**

Departamento de Línguas e Culturas

**SANDRA ISABEL
DOS SANTOS
CARDOSO**

**LABORATÓRIOS DE EDIÇÃO NO BRASIL –
ANÁLISE DAS SUAS PRÁTICAS
EDITORIAIS**



**Universidade de
Aveiro**
2018

Departamento de Línguas e Culturas

**SANDRA ISABEL
DOS SANTOS
CARDOSO**

**LABORATÓRIOS DE EDIÇÃO NO BRASIL –
ANÁLISE DAS SUAS PRÁTICAS
EDITORIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Margarida Ramos, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e coorientação da Doutora Nina Katarzyna Szczygiel, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo.

o júri

presidente

Prof. Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutora Nina Katarzyna Szczygiel
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (coorientadora).

agradecimentos

Às minhas orientadora e coorientadora, pelos conselhos sábios.

Aos entrevistados, pelo contributo importantíssimo.

Aos meus professores e colegas, pela partilha nas aulas.

Aos meus amigos Ana, Fábio, Patrícia, Maria, Matilde e Viviana, pela amizade valiosíssima.

À minha família – mãe, pai e irmão –, pelos alicerces de quem sou hoje.

palavras-chave

laboratório de edição, práticas editoriais, universidades brasileiras, Brasil, mercado editorial.

resumo

A presente dissertação pretende fazer uma ponte entre o mundo acadêmico e o mercado editorial. Mais concretamente, é analisado o conceito de “laboratório de edição” no contexto de cursos universitários ligados à área da Edição no Brasil. Como enquadramento inicial, são abordados temas que relevam a importância da prática da leitura; os novos meios de acesso ao livro e à leitura, nomeadamente, os suportes impresso e digital; a ligação entre a educação e a cultura; e, por último, o paradigma brasileiro: como se entendem os fenómenos que entroncam a educação, a edição e a universidade. Para esse efeito, foram realizadas entrevistas a seis coordenadores de laboratórios de edição de universidades brasileiras. Os resultados sugerem que a existência dos laboratórios de edição complementa e enriquece a atividade dos cursos de Edição, permitindo aos alunos ter uma primeira abordagem do mercado editorial.

keywords

publishing laboratory, publishing practices, brazilian universities, Brazil, publishing market.

abstract

This dissertation intends to make a bridge between academia and the publishing market. More specifically, it examined the concept of "publishing laboratory" in the context of university courses related to publishing areas in Brazil. As initial framework relevant themes are dealt with such as the importance of the practice of reading; the new means of access to books and reading, namely, printed and digital media; the link between education and culture; and, finally, the Brazilian paradigm: how to understand the phenomena that ties education, publishing and the university. For this purpose, six interviews were conducted to laboratory coordinators of edition in Brazilian universities. The results suggest that the existence of the publishing laboratories complements and enriches the activity of the publishing degrees, allowing the students to have a first approach to the publishing market.

Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	3
2.1. A Biblioteca de Babel	3
2.1.1. A arte-ação	4
2.2. O paradigma brasileiro	5
2.2.1. Educação como prática da liberdade	5
2.2.2. Mercado editorial brasileiro	7
2.2.3. A Universidade e a Edição	8
2.2.4. Espaço-tempo da Universidade	9
3. Metodologia	11
3.1. Introdução	11
3.2. Entrevista	11
3.3. Conceitos / Categorias	12
4. Resultados	13
4.1. Descrição dos laboratórios	13
4.2. Caracterização de entrevistas	15
4.3. Guião de perguntas	16
4.4. Análise das entrevistas	18
1. Contexto profissional e académico dos coordenadores dos laboratórios	18
2. Origem dos laboratórios	20
2.1. Quando, por quem, onde	20
2.2. Como, porquê	23
2.3. Editora universitária versus laboratório de edição	25
3. Catálogo	27
4. Atividades	29
5. Distribuição	31
6. Divulgação	32
7. Financiamento/Orçamento	34
7.1. Autossustentabilidade	35
8. Parcerias / Protocolos	36
9. Estágio / Trabalho	38
9.1. Estagiar dentro ou fora do laboratório	38

9.2. Experiência no laboratório: mais-valia profissional	39
9.3. Qual o caminho: a academia ou o mercado editorial	41
10. Considerações livres	42
4.5. Discussão	44
5. Conclusão	47
5.1. Limitações do estudo	47
5.2. Recomendações para futuras investigações	48
6. Bibliografia	51
7. Anexos	53
Transcrição integral das entrevistas	
Anexo 1 – Entrevista de Plínio Martins Filho	55
Anexo 2 – Entrevista de Ana Gruszynski	61
Anexo 3 – Entrevista de Sônia Queiroz	68
Anexo 4 – Entrevista de Ana Elisa Ribeiro	73
Anexo 5 – Entrevista de Ricardo Pinto de Souza	79
Anexo 6 – Entrevista de Marília de Araújo Barcellos	84
Autorizações dos entrevistados	
Anexo 7 – Autorização de entrevista de Plínio Martins Filho	91
Anexo 8 – Autorização de entrevista de Ana Gruszynski	92
Anexo 9 – Autorização de entrevista de Sônia Queiroz	93
Anexo 10 – Autorização de entrevista de Ana Elisa Ribeiro	94
Anexo 11 – Autorização de entrevista de Ricardo Pinto de Souza	95
Anexo 12 – Autorização de entrevista de Marília de Araújo Barcellos	96

Índice de tabelas

Tabela 1 – Guião de perguntas	17
Tabela 2 – Ano de criação, fundadores e local dos laboratórios de edição	21
Tabela 3 – Síntese dos resultados das entrevistas	44

1. Introdução

A presente dissertação insere-se no âmbito do mestrado em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Tendo em vista que essa área, tanto ao nível de licenciatura, quanto de mestrado, proporciona uma experiência de aproximação ao mundo editorial português e internacional, é importante analisar como as dinâmicas disciplinares podem acrescentar valor ao percurso académico e profissional do aluno. Nessa medida, todas as unidades curriculares do curso exercem uma função importante no aprofundamento de questões relacionadas com a Edição, como a revisão, a paginação, o design, as tipologias de edição, a propriedade intelectual e os direitos de autor, o marketing e a gestão editoriais, entre outras.

Assim, com este trabalho, tenciona-se fazer uma ponte entre o mundo académico e o mercado editorial. Determinando como funciona um laboratório de edição em contexto universitário, o foco residirá no diálogo entre a formação e a profissionalização dos alunos na área da Edição.

Os novos tempos tecnológicos, as mudanças nas rotinas laborais, entre outros fatores, influenciam as dinâmicas educativas que têm necessariamente que se adaptar a esta “modernidade líquida”.

Nesse sentido, é crucial perceber em que medida esta plataforma editorial pode constituir um espaço de formação académico-profissional, servindo de tubo de ensaio para uma primeira abordagem profissional nas áreas da edição, revisão, tradução, paginação, entre outras. Ter-se-á também como foco de interesse a distinção entre a tipologia de editora universitária e a de laboratório de edição.

Segundo Ausubel (1968, 31), “[...] o fato isolado mais importante que influencia na aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece”. Portanto, o aluno está muito mais predisposto a colaborar no processo de aprendizagem quando possui interesse *a priori*. Ausubel criou o conceito de “aprendizagem significativa”, processo em que interagem os conteúdos previamente apreendidos pelos alunos e a nova informação que vai sendo transferida na sala de aula.

De facto, alunos motivados para uma determinada área de estudo irão estar mais recetivos em contexto de aprendizagem. Nesse sentido, o processo é duplamente significativo, na medida em que o espaço de partilha e de produção do conhecimento é denominado de “laboratório”.

Por ser um tema inédito ao nível da investigação científica, a presente dissertação tem um carácter exploratório, dando a conhecer as motivações para a

criação de um espaço de teor prático no âmbito dos cursos de Edição e de áreas afins em seis universidades brasileiras.

A opção por investigar laboratórios de edição deve-se a vários aspetos, nomeadamente, à magnitude do mercado editorial brasileiro, à existência de uma tradição académica que valoriza a práxis, ao percurso mais experiente no que toca à formação e especialização na área da Edição e à abundância de diferentes modelos de laboratórios.

Pelo facto de o Brasil possuir um mercado editorial de grande dimensão comparativamente com o português, é expectável que exista uma necessidade na formação de mão de obra qualificada para as várias funções editoriais. Além disso, as práxis educativas no Brasil primam por uma metodologia de ensino mais prática.

Para fundamentar a investigação, optou-se pela abordagem metodológica qualitativa, usando a amostragem por caso múltiplo. Por se tratar de uma realidade recente e em expansão, o estudo representará os laboratórios de edição mais dinâmicos e consolidados ao nível de estrutura, de publicações e de atividades. As cidades representadas são Belo Horizonte, com dois laboratórios; Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre e Santa Maria, com um cada. De forma a documentar e sustentar esta dissertação, foram realizadas seis entrevistas aos coordenadores de laboratórios de edição de instituições brasileiras de ensino superior.

Para enquadrar o estudo, a revisão de literatura analisa o fenómeno do livro e da leitura, uma vez que se trata de uma questão subjacente à atividade dos laboratórios. Tratando-se de espaços formativos onde os alunos são impelidos a conceber um produto editorial (seja um livro, revista, página *web*, entre outros), refletem-se temáticas como a função do objeto livro num presente cada vez mais tecnológico. Por conseguinte, na revisão de literatura é abordada a importância da prática da leitura; os novos meios de acesso ao livro e à leitura, nomeadamente, os suportes impresso e digital; a ligação entre a educação e a cultura, retratando como a universidade pode acompanhar e influenciar as mudanças sociais e culturais; e, por último, o paradigma brasileiro: como se entendem os fenómenos que entroncam a educação, a edição e a universidade. No capítulo III, é explicitada a metodologia científica adotada, que, no caso, foi através de amostragem por caso múltiplo à luz da abordagem qualitativa. Posteriormente, no capítulo IV, apresenta-se a análise das seis entrevistas e as conclusões do trabalho. Por fim, surgem as referências bibliográficas e os anexos.

2. Enquadramento teórico

2.1. A Biblioteca de Babel

As palavras de Carrière (2010, 270-271) são clarividentes: “Convém dizer que nada é mais difícil do que arrumar uma biblioteca. É como começar a colocar um pouco de ordem no mundo”. De facto, iniciar uma esquematização de ideias e conceitos, que espoletam ainda mais ideias e conceitos, é uma missão árdua e imensa, contudo necessária e desafiante.

Os livros são a forma mais bem conseguida de ordenação do mundo, porque ajudam os leitores a pensar e a interpretar. Nas palavras de Borges (1968, 998), no poema “Junho”: “Ordenar bibliotecas é exercer, / de um modo silencioso e modesto, / a arte da crítica.” Dispostos em diversas estantes, os livros precisam de ser consultados e analisados para serem verdadeiramente “despertados” porque, segundo Eco (1987, 2), são “mecanismos preguiçosos”. Assim, para contrariar essa tendência, deve existir uma cooperação intrínseca entre o autor e o leitor.

Nesse sentido, interessa compreender como se desenvolve o fenómeno dos hábitos de leitura nos dias de hoje. A forma como se entende a leitura, atualmente, é muito distinta da do passado, principalmente, nos grupos etários mais jovens. Não há uma fórmula definitiva para caracterizar o que deve ser a leitura, posto que essas dinâmicas se encontram bastante diluídas e difusas, tal como Chartier (1998, 103-104) evoca: “Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”. Ora, as práticas de leitura têm vindo a sofrer mudanças que se devem, fundamentalmente, à nova era comercial e tecnológica. Esta era altera os padrões comportamentais, sendo portadora de vantagens e desvantagens no acesso à leitura.

Se antes o livro detinha uma posição privilegiada no que concerne à sua utilização e conservação, presentemente, é ameaçado pela emergência dos novos suportes digitais e tecnológicos, os quais “[...] decoram os ambientes juvenis e [...] caracterizam o seu estilo de vida.” (Petrucci 1997, 20).

Se o livro é o suporte de leitura mais simbólico e perdurável, o mesmo não acontece com os outros dispositivos, que se sucedem à velocidade da contemporaneidade e que “[...] informam regularmente os leitores sobre coisas “para fazer” e “ter” a todo custo, dão-lhes conselhos sobre aquilo que é *out* e, portanto, descartável.” (Bauman 2009, 662).

À medida que se avança na História do Livro, o homem que possuía uma “consciência tipográfica” passa a ganhar uma “consciência multimédia”¹. É essencial ter uma visão realista mais além dos fatores tecnológicos, pois estes, por si só, exercem apenas um impacto parcial no formato físico do livro. É preciso ter consciência de que o futuro da edição de livros é influenciado pela interação das dimensões culturais, sociais e económicas com as novas tecnologias. Apesar de tudo, não se vaticina o fim do livro nem a morte do leitor. Nas palavras de Derrida (2001, 30), haverá “[...] coexistência e sobrevivência estrutural de modelos passados no momento em que a génese fará surgir novas possibilidades.”. O livro será sempre um suporte indispensável como difusor do conhecimento.

2.1.1. A arte-ação²

Retomando as palavras de Bide, Kahn, Max-Lino e Potter, é preciso analisar todos os fatores que influenciam as dinâmicas em torno do livro e da leitura, principalmente, qual o papel da educação nesta matéria. Os estudantes são a matéria-prima em potência do sistema de ensino, contudo, “[...] a «ciência», o «método», o «saber», a «ideia» vêm por portas travessas; são dados *a mais*; são *restos*.” (Barthes 1975, 29). A materialização do saber é, por isso, produto de uma soma interminável de referenciais, saberes e noções. A criação obedece a uma rebeldia original: “Criar (e também descobrir) significa sempre quebrar uma regra; seguir a regra é mera rotina, mais do mesmo - não um ato de criação.” (Bauman 2001, 185).

A liberdade criativa potencia o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, porque permite estreitar laços com a realidade exterior. A proposta seria, então, conectar os campos da cultura, da arte e da educação como forças libertárias e emancipatórias. Cada vez mais, a educação é posta em diálogo com os meios tecnológicos, uma vez que são de uso quotidiano dos jovens. Portanto, é urgente conciliar os tempos, isto é, o tempo acelerado da tecnologia e o tempo vagaroso da aprendizagem.

¹ Conceitos teorizados por Chartier (1998, 72).

² Conceito de Teixeira Coelho em “O que é Ação Cultural” (2001).

2.2. O paradigma brasileiro

2.2.1. Educação como prática da liberdade

No Brasil, país de grandes contrastes políticos, económicos e sociais, seria a educação uma ferramenta emancipatória para a construção da liberdade almejada: “A opção, por isso, teria de ser também entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade.” (Freire 1967, 35). E com a educação, uma vez mais, aborda-se a alfabetização e, conseqüentemente, a prática da leitura. Numa entrevista feita ao editor, professor e estudioso do livro, Aníbal Bragança, no livro *Caleidoscópio Estudos Editoriais Volume I*, ele afirma que grande parte da população brasileira ainda não lê:

Pesquisar o livro, ainda mais em um país que lê pouco, é fundamental, até para que se encontrem os caminhos para superar isso que a gente entende que é prejudicial às pessoas e à sociedade, que é o baixo índice de leitura. Através das pesquisas, principalmente a dos “Retratos da leitura no Brasil”, se constatou (e as pesquisas sempre podem ter falhas) que apenas cerca de 25% dos adultos que frequentaram a escola são capazes de ler, são efetivamente leitores, e isso exclui 75% da leitura de livros. (Bragança 2017, 18)

Desta forma, as condições educativas brasileiras de base são frágeis, fazendo com que exista uma percentagem baixa de leitores. O estudioso acrescenta que as pessoas leem textos de curta dimensão, “[...] mas não têm a competência literária necessária para poder ler um texto longo.” Bragança (2017, 18) aponta dois motivos para esse problema:

[...] uma é a extrema desigualdade social no Brasil, que não dá oportunidades a todas as famílias de manterem os seus filhos na escola, por inúmeras razões, não só a pobreza, mas, às vezes, pela dificuldade de se chegar na escola; outras vezes, porque a família precisa da criança para trabalhos.

Os fenómenos sociais afetam diretamente a vivência escolar das crianças e jovens brasileiros. Nesse sentido, há um longo caminho a percorrer para melhorar a situação educacional no que concerne ao investimento em políticas públicas. A este propósito, Marques Neto (2016, 61-62) corrobora que os intentos públicos vão sendo escassos no desenvolvimento de “[...] esforços verdadeiros e de alcance nacional na formação de leitores plenos [...]”.

Nesse sentido, cabe especificar o poder de alcance da leitura nos jovens, já que são a força motriz da presente dissertação. Na opinião de João Luís Ceccantini, no artigo *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*, é um falso argumento invocar que os jovens não leem nem gostam de ler, preferindo colocar de parte essa “visão apocalíptica”. O investigador reitera que o cenário não é tão catastrófico como afirmam, referindo a influência do mercado editorial no acesso à leitura. Ou seja, há um movimento de reciprocidade entre o mercado e os leitores: “[...] o mercado produz muitos livros porque há jovens que os leem, e os jovens leem muito mais livros porque o mercado apresenta uma ampla e variada produção [...]” (Ceccantini 2016, 88-89).

Portanto, seria redutor simplificar esta questão, que se imbuí de múltiplas variantes. Entre elas, destacam-se as tendências das leituras dos jovens, as quais se explicam pela rápida difusão de uma extensa lista de títulos que fizeram e fazem sucesso nacional e internacionalmente, os chamados *best-sellers*. Além disso, também o ambiente social e cultural em que os jovens se inserem determina as suas tendências de leitura: “[...] é preciso também pensar a leitura no conjunto de outras práticas culturais em que o jovem contemporâneo está mergulhado [...]” (Ceccantini 2016, 89). Em consequência, a relação dos jovens com a leitura, atualmente, é muito particular e deve ser analisada à luz do surgimento e da solidificação das novas tecnologias nos hábitos da população. O suporte livro está, presentemente, conectado a uma série de modalidades tecnológicas e comerciais que permitem outras possibilidades de exploração: “[...] enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes [...]” (Ceccantini 2016, 89).

As práticas de consumo dos jovens são, pois, híbridas, multimodais e inter-relacionadas. Curiosamente ou não, o Brasil é sinónimo dessa fragmentação, hibridez e miscigenação na sua base, uma vez que “[...] com essa cultura múltipla e muito mais voltada para o oral e o audiovisual, é muito mais plástico para assumir novas formas, muito mais receptivo para novas mudanças tecnológicas.” (Bragança 2017, 22). Em suma, o facto de o país se adaptar às novas configurações tecnológicas, pela “[...] plasticidade da cultura brasileira é uma coisa muito positiva.” (Bragança 2017, 22).

2.2.2. Mercado editorial brasileiro

Merece destaque o facto de o mercado editorial latino-americano ser tão permeável à entrada de grandes *players* da Edição. A partir dos anos 90, o Brasil tornou-se o oitavo maior mercado editorial do mundo, o que originou um *boom* no número de editoras nacionais e internacionais. Para explicar este fenómeno, José de Souza Muniz Jr. (2012, 2) indicou que

Na América Latina, o ingresso de capitais estrangeiros, favorecido por determinadas políticas económicas, reconfigurou o espaço ocupado pelas editoras. Empresas estrangeiras de diferentes origens, atraídas pela expansão desses mercados consumidores, vieram para disputar espaço com as já atuantes nos mercados locais ou trataram de fagocitá-las, principalmente em nichos de retorno mais garantido.

Portanto, naquela latitude, o mercado editorial tornou-se apertadamente concorrencial. Concomitantemente, também foi necessário repensar e redefinir o espaço de cada grande grupo e das editoras de médio e pequeno porte. Estas últimas reclamaram o seu merecido espaço. Face a esta expansão, e tendo em conta que há meios tecnológicos à disposição de qualquer um, o número de editoras aumentou, assim como as oportunidades em termos de produção editorial.

Consequentemente, gerou-se um aumento significativo do número de editoras brasileiras. Como comprovam os dados de 2009 da FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Económicas): “[...] o país contava com quase 500 editoras, das quais 16 (3,21%) possuíam faturamento anual acima de 50 milhões de reais, ao passo que 420 delas (84,3%) faturavam até 10 milhões de dólares ao ano.” (Muniz Jr. 2012, 3).

Este crescimento exponencial foi motivado pelo investimento em políticas públicas que atraíram a fixação de grandes editoras no país. O Brasil era considerado um mercado de grandes perspectivas e oportunidades, oferecendo condições estratégicas para quem aí montasse o seu negócio. Como refere Marques Neto (2010, 167-168): “O mercado editorial e livreiro no Brasil já é parte significativa da economia nacional, atraindo investidores e capitalistas do exterior que já adquiriram fatias expressivas deste mercado.”. Assim, constitui uma área de grande interesse para investidores locais e internacionais, somando-se a uma grande aposta ao nível da formação, principalmente, no contexto universitário.

2.2.3. A Universidade e a Edição

Paralelamente ao incremento das editoras comerciais, também as editoras universitárias proliferaram. É o que afirma Marques Neto (2010, 167): “Mas esta concepção de editora universitária também se impôs pelo crescimento e profissionalização do mercado editorial brasileiro.”. Ou seja, é necessário atentar à relação direta entre o desenvolvimento do *mainstream* editorial com os grandes grupos mais comerciais e a edição universitária. Ainda que atendam a objetivos distintos, podem chegar a uma mesma parcela de leitores.

Marques Neto e Rosa (2010) identificaram três tipos de editoras no âmbito da edição académica e científica que fazem questionar o papel das mesmas como instituições que geram conhecimento, cultura e, por vezes, comércio: “Estes dois autores falam de editoras universitárias *strictu sensu*, ou clássicas, de editoras universitárias com vocação regional e de editoras de livros universitários.” (Medeiros 2015, 585). Referem que existe uma tensão entre comércio e cultura, ou seja, constitui uma situação ambivalente, uma vez que se trata de um subsector editorial com uma vocação mais intelectual, cultural e educativa.

No contexto brasileiro, essa liderança da edição universitária é bem notória, na medida em que se demarca largamente de realidades editoriais como a portuguesa. Em termos comparativos, as realidades brasileira e norte-americana de edição universitária estão mais evoluídas e cimentadas, tendo Portugal um longo caminho pela frente (Medeiros 2015, 597). E isto não diz respeito somente à quantidade de editoras, mas sobretudo à função primordial das editoras universitárias na vida intelectual do Brasil. Desta forma, o seu papel é determinante na construção do debate intelectual dentro das instituições de ensino, porque além de elevar o grau de literacia da comunidade académica, reivindica por novos leitores. A preponderância e alcance da edição universitária brasileira confere-lhe um prestígio assinalável que deve ser mantido e desenvolvido em interação com outros agentes, com a sua natural independência, e acompanhando a evolução das práticas. (Marques Neto 2010, 167-172).

Efetivamente, a profusão e o dinamismo das editoras universitárias brasileiras são dignos de nota. Paulo Franchetti justifica o posicionamento dianteiro da edição universitária brasileira com os seguintes argumentos: “[...] da presença maciça nas bibliografias especializadas à referência constante na grande imprensa, passando pelos prêmios literários em que se galardoam textos de investigação.” (Tantas Páginas 2012). Além disso, há um conjunto de fatores que explicam um maior investimento em

volume de publicações por parte das universidades brasileiras, como, por exemplo, o sistema de avaliação do Ministério da Educação. Existem normativas de avaliação e de classificação que valorizam a publicação em revistas e livros em regime de *publish or perish*. E também existem já *rankings* de editoras, posto que a produção de livros é elevada.

Isto justifica todo o esforço investido de professores, investigadores e alunos na carreira académica, ao nível de publicações e boas cotações em *rankings*, uma vez que se irá traduzir na atribuição de apoios financeiros para o desenvolvimento de projetos, laboratórios, edições, entre outros. O currículo de cada profissional é, assim, perscrutado e cotado conforme o seu trabalho e prestígio. Consoante a excelência de cada curso, são atribuídas maiores verbas federais para “[...] custeio dos cursos de pós-graduação, bem como o número de bolsas de estudos para alunos de pós-graduação.” (Tantas Páginas 2012).

Neste seguimento, são também contempladas e valorizadas as distinções e os prémios literários. Assim, todas as formas de avaliação são tidas em conta pela academia. Para Franchetti, que conhece bem esta realidade, “[...] a preocupação com índices que parecem indicar a qualidade relativa não só das editoras universitárias, mas ainda das próprias universidades, tem crescido.” (Tantas Páginas 2012).

2.2.4. Espaço-tempo³ da Universidade

Fica patente o papel extremamente importante da edição universitária em constante diálogo com a academia e com a comunidade em geral. Daí existir uma interação e cooperação em estreita relação com as práticas de editoras nacionais e internacionais. Dentro do eixo académico, é crucial que o ambiente de aprendizagem represente um espaço de experimentação, de tentativa e erro.

A noção de “espaço-tempo” que expõe Freire (1996, 38) desvenda as múltiplas possibilidades de encarar o processo de ensino-aprendizagem como “[...] um *texto* para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Consequentemente, uma boa relação entre professor e aluno potencia essa experiência de “espaço-tempo”. O aluno é instigado a questionar, a debater, a procurar as respostas e as soluções por si próprio, claro, sempre com a orientação do professor. Essa troca entre aluno e professor reflete-se na prática educativa, uma vez

³ Conceito de Paulo Freire.

que solidifica o “[...] *respeito devido à autonomia do ser do educando.*” (Freire 1996, 24-25).

Portanto, é através da experimentação que os alunos se podem envolver mais intensamente com o seu objeto de estudo. O conceito de laboratório, em análise, é prova dessas múltiplas possibilidades da liberdade e autonomia do ensino-aprendizagem. Segundo o dicionário brasileiro Michaelis, algumas das definições de “laboratório” são as seguintes:

Local ou sala especial de trabalho, experimentação e investigações científicas, equipada com aparelhagem específica para pesquisa e experimentos [...].

Situação ou ambiente propício para se observar e experimentar algo.

Exercícios práticos e experimentais de criatividade nos quais atores ou estudantes de teatro criam personagens e situações e desenvolvem emoções, preparando-se para o papel ou personagem a ser representado; oficina, workshop.

A prática é, assim, a metodologia de excelência que permite pôr à prova, com espaço para a tentativa e erro, os conhecimentos adquiridos, seja por via empírica ou científica. O laboratório é um lugar promotor de atividades coletivas que instigam cada aluno a unir-se em prol de um projeto. Ou seja, “[...] o educando não é o objetivo de ensino, mas sim sujeito do processo, parceiro de trabalho, trabalho este entre individualidade e solidariedade.” (Demo 1996, 16).

3. Metodologia

3.1. Introdução

Partindo da pergunta de investigação “Como é o funcionamento de um laboratório de edição?”, pretendeu-se esclarecer como se desenvolve uma disciplina de teor totalmente prático dentro de cursos associados à Edição. Ao responder a esta questão, ter-se-ão dados para analisar qual o impacto de uma disciplina prática num curso que prepara os alunos para o mercado editorial. Desta maneira, através dos exemplos dos laboratórios brasileiros, que desenvolvem uma atividade constante neste domínio, poder-se-ão extrair conclusões muito úteis para a transposição do modelo brasileiro para Portugal, nomeadamente, para a Universidade de Aveiro, dentro do curso de Estudos Editoriais.

Considerou-se que a metodologia mais adequada a adotar seria a do estudo de caso, uma vez que é “[...] uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos.” (Yin 2001, 32).

Assim, usou-se um tipo de amostragem por caso múltiplo analisado à luz de uma metodologia qualitativa. Esta modalidade subdivide-se em “amostra por homogeneização”, o que significa que é analisado um grupo homogéneo, com um número restrito de entrevistas; e também em “amostra por contraste-saturação” que, como o nome indica, é atingida a saturação, uma vez que são realizadas poucas entrevistas de curta duração. (Guerra 2006, 44-47).

3.2. Entrevista

A entrevista, como proposta qualitativa utilizada, oferece ao entrevistador possibilidades diversas que o ajudam a nortear a sua investigação, pois “[...] o assunto é selecionado apenas pelo entrevistador, que necessita exatamente daquelas informações para seu próprio benefício (fazer uma pesquisa, defender uma tese, publicar um artigo, etc.).” (Moreira 2007, 1). As entrevistas são classificadas segundo o seu grau de estruturação, ou seja, podem ser estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas.

Este estudo tem uma função exploratória (Bertaux 1997), isto é, não existindo trabalhos científicos que incidam diretamente sobre a temática dos laboratórios de

edição, tem-se o objetivo de abrir caminho para a investigação e explicação deste fenómeno. Assim sendo, optou-se por seguir um método padronizado, ou por outras palavras, as entrevistas são estruturadas, obedecendo-se a uma organização definida de perguntas, umas mais fechadas, outras mais abertas, que permitirão obter respostas relativamente comparáveis. Em resumo, há um mesmo ponto de partida e situações semelhantes que orientam o guião da entrevista. Contudo, sendo os sujeitos entrevistados distintos e localizáveis em espaços sociais díspares, existirão variações nas respostas. (Bardin 1996, 135).

Nesse sentido, algumas das vantagens de se optar por este método de recolha de dados são: a maior absorção de informação, uma vez que os entrevistados estão mais dispostos a falar do que a escrever; a observação da linguagem não-verbal, como a expressão facial e corporal, os silêncios e as pausas; a perceção de algum tipo de contradição inerente ao pensamento posto em palavras; a possibilidade de aprofundar questões mais complexas; o estreitamento de laços de confiança e de respeito entre o entrevistador e o entrevistado, o que proporciona a recolha de outros dados, podendo tornar mais flexível um guião estruturado. (Goldenberg 2004, 88-89).

3.3. Conceitos / Categorias

Para sistematizar a análise de conteúdo da entrevista, recorreu-se à denominada “análise categorial” (Bardin 1979). Organizou-se o estudo através de eixos denominados “*conceitos*”, que são “[...] unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria.” (Bardin 1996, 80). “*Conceitos*” esses que formam as “*categorias*”. Estas ajudam a esquematizar uma entrevista por áreas temáticas.

No processo de recolha de dados a partir de entrevistas, todos os elementos são relevantes na fase de análise posterior, porque revelam as camadas de comunicação entre as duas partes: entre o entrevistador e o entrevistado.

Portanto, não é um processo fechado nem terminado, “[...] com tudo o que comporta de contradições, de incoerências, incompletudes.” (Bardin 1996, 131-132).

Tendo por base a principal questão de investigação, foi construído um roteiro de perguntas que permitisse extrair informações pertinentes e relevantes acerca do tema em análise. As perguntas foram estruturadas em torno de áreas temáticas, entre as quais: Universidade; Brasil; Cursos de Edição; Editoras universitárias; Laboratórios de edição; Práticas editoriais; Experiência académica; Mercado editorial.

4. Resultados

4.1. Descrição dos laboratórios

Seguidamente, apresenta-se uma descrição breve de cada laboratório, do mais antigo ao mais recente.

O Com-Arte, “editora-laboratório” da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, criado em 1973, consolidou-se pelo facto de existirem, dentro do Bacharelato em Comunicação Social, na Habilitação em Editoração, três disciplinas experimentais, que são o Laboratório de Produção Editorial I, II e III, sob orientação do Prof. Doutor Plínio Martins Filho. No Com-Arte os estudantes têm a oportunidade de passar por uma série de processos editoriais (avaliação de originais, edição de texto e imagens, elaboração de projetos gráficos); administrativos (aquisição de verbas para a realização dos trabalhos, elaboração de orçamentos, organização do fluxo de produção); e comerciais (promoção dos projetos nas redes sociais e meios de comunicação, organização de eventos e produção de material de divulgação, além da manutenção do *Site* e do catálogo da editora).

O Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) foi criado em 1991 na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde então, vem-se dedicando a atividades de pesquisa, ensino e extensão com o apoio de órgãos como o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e as pró-reitorias de pesquisa e extensão da Universidade (Propesq e Prorext). Até 2012, denominava-se “Laboratório Eletrônico de Arte & Design”. Atualmente, o laboratório atua sobretudo na área da pesquisa, estando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) com os seus membros vinculados às linhas de Mediações e Representações Culturais e Políticas e de Jornalismo e Processos Editoriais, além de pesquisadores de outras instituições.

O Laboratório de Edição da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) coincide com a incorporação da ênfase em Estudos de Edição no currículo da Faculdade de Letras. Criado em 2007 por iniciativa do Prof. Jacyntho Lins Brandão, foi institucionalizado em 2009 com o apoio da Câmara de Ensino da Faculdade de Letras (FALE). A partir de 2010, o laboratório formalizou-se como “editora-laboratório”, assumindo as Edições Viva Voz, na qual estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – são orientados por docentes da área da Edição. São produzidos cadernos, livros,

áudio e vídeo-livros, e também são publicados textos de alunos e professores no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias) da Faculdade de Letras da UFMG.

O Laboratório de Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG) encontra-se associado à graduação em Letras, com linha de formação em Tecnologias da Edição. É uma plataforma que assegura a formação prática dos alunos, de forma a que possam tornar-se revisores e editores. Por ter uma vertente teórica, insere também os alunos nas possibilidades da prática e também na experiência, na invenção e experimentação. Através da produção de revistas, jornais, plaquetes, poesia em outros formatos, entre outros, o laboratório pode também simular o mercado editorial. Além de os alunos serem instigados a desenvolver projetos para disciplinas do curso, têm liberdade para criar outras propostas. Além disso, são promovidos eventos e oficinas dentro e fora da atividade do laboratório.

O Laboratório de Edição, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é um espaço dedicado à pesquisa e à educação sobre o livro, a leitura e a edição. O laboratório está ligado ao Centro de Estudos de Ciência da Literatura, na Faculdade de Letras da UFRJ, e oferece cursos e oficinas sobre os seus temas de estudo, produz livros e cuida de projetos específicos relacionados à prática de edição e à história do livro. Os professores associados ao laboratório ministram cursos e oficinas de curta duração, incidindo sobre questões ligadas ao labor editorial. O laboratório também produz livros e revistas, cabendo aos alunos a revisão e edição de originais e o trabalho gráfico. Em 2005, iniciou uma nova experiência com a criação de uma editora dedicada à publicação de monografias sobre teoria e crítica literária.

No segundo semestre do ano de 2010, a Editora Experimental pE.com tornou-se um laboratório no âmbito de um projeto de extensão, ligado ao curso de Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria. Com a proposta pedagógica de desenvolver competências voltadas para a edição de maneira interdisciplinar, o laboratório surge como um espaço para desenvolver propostas aliadas ao curso ou para promover alguma parceria com outros departamentos, sejam elas provenientes do ensino, pesquisa ou extensão, desenvolvendo atividades que reúnam saberes acadêmicos com atividades relacionadas à proximidade com a sociedade sem fins lucrativos.

4.2. Caracterização de entrevistas

Pelo facto de a presente dissertação se focar na realidade brasileira, mais propriamente no funcionamento de laboratórios de edição, as entrevistas foram realizadas a seis coordenadores brasileiros. Inicialmente, seriam sete laboratórios, mas uma coordenação não aceitou participar no estudo.

Consequentemente, na impossibilidade de se fazerem presencialmente, dada a distância geográfica, as entrevistas foram conduzidas *online*, através do *Skype*. A janela temporal das mesmas situou-se entre 31 de julho e 16 de setembro de 2017. Em média, tiveram a duração de 1h25 minutos. Todos os entrevistados aceitaram revelar a sua identidade, assim como a do seu laboratório. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Os respetivos documentos de autorização encontram-se disponíveis nos Anexos.

Tendo em conta que um laboratório de edição representa uma plataforma de extensão e prática dos cursos de Edição e áreas afins, uma vez que dá espaço a professores e alunos para a criação de produtos e projetos editoriais, procurou-se analisar laboratórios com um forte poder de ação e em diálogo direto com o mercado editorial.

Assim, estes seis laboratórios finais constituem uma amostra importante, na medida em que são estruturas com um trajeto constante e consolidado no campo da Edição. O laboratório representado mais antigo, com quarenta e cinco anos de existência, é o “Com-Arte” da Universidade de São Paulo, e o mais recente, com apenas 6 anos, é o “Editora Experimental pE.com” da Universidade Federal de Santa Maria. Partindo de vários critérios, chegou-se a seis laboratórios: em primeiro lugar, procurou-se localizar os cursos de Edição mais relevantes da academia brasileira; em segundo, investigar se possuíam um laboratório associado; depois, estando referenciadas as regiões, as cidades, as universidades, os cursos e os laboratórios, analisar aspetos como a longevidade, a solidez, a autonomia, a ação e a influência do laboratório dentro do curso e em interlocução com o mercado editorial.

Dada a enorme dimensão e importância do mercado editorial brasileiro, este estudo pretendeu relevar os aspetos formativos e profissionalizantes dos seis laboratórios. Num primeiro momento, importou mais descobrir quais os laboratórios mais autónomos e sustentados, representativos no âmbito da sua área de estudo. Mais tarde, foi interessante observar que um laboratório estava localizado em São Paulo, outro no Rio de Janeiro, dois em Minas Gerais, em Belo Horizonte, mais propriamente, e os dois últimos no Rio Grande do Sul, um em Santa Maria e outro em

Porto Alegre. Portanto, não só nos dois grandes eixos editoriais, que são o Rio de Janeiro e São Paulo, se observa este fenómeno na aposta da formação em Edição.

4.3. Guião de perguntas

A construção do guião de perguntas seguiu vários critérios, entre os quais, definir como se deu a criação de cada laboratório, analisar as suas principais áreas de ação e destrinçar o conceito de laboratório de edição e o de editora universitária.

Nesse sentido, em primeiro lugar, os coordenadores foram indagados acerca da sua conexão à área editorial, seja no contexto académico seja no mercado editorial. A resposta a esta questão explicaria se existe relação direta entre a formação académica e a experiência profissional, isto é, se os coordenadores, que são professores, são também profissionais do livro. Na segunda questão, as perguntas “quando”, “por quem”, “onde”, “como” e “porquê” teriam como objetivo caracterizar uniformemente cada laboratório, ajudando a montar a identidade de cada um. Ainda nesta secção, foi possível interrogar os coordenadores acerca da diferença entre um laboratório de edição e uma editora universitária, procurando estabelecer paralelismo entre as práticas e os processos editoriais. Na terceira parte, o mote seria o catálogo e as atividades desenvolvidas. O catálogo é um guia de referência para qualquer estrutura editorial, por isso, através dele pode deduzir-se qual o foco de interesse de cada laboratório. Já as atividades fornecem dados acerca da conexão entre o laboratório, o curso, a universidade e o mercado, uma vez que se podem dirigir à comunidade académica e não académica. Dentro deste âmbito, questiona-se como é realizada a distribuição, na eventualidade de haver produção editorial, e a divulgação dos lançamentos e dos eventos, se pela via mais tradicional (livrarias, presencialmente e boca a boca), se mais tecnológica (*online*, página *web* e redes sociais). A quarta secção destaca o financiamento que é atribuído a cada estrutura para compreender como cada coordenação gere o seu orçamento. Em suma, se é a universidade que canaliza uma verba específica através do curso ou se, por ventura, os laboratórios conseguem ser autossuficientes. A questão das parcerias e dos protocolos orienta a quinta secção. Tendo em mente que as parcerias são uma peça fundamental para qualquer projeto desta natureza, pretende-se que sejam enumeradas as parcerias mais estratégicas para cada laboratório. Na sétima parte, é crucial entender como os laboratórios, através de estágios com carácter mais ou menos formal, podem representar uma porta de entrada para o mercado de trabalho. Para além da procura

de trabalho no setor editorial, é preciso analisar qual a amostra de alunos que prossegue estudos na área da Edição. Por último, é aberto um espaço de opinião, onde os coordenadores podem acrescentar outros detalhes ou completar algum outro ponto já abordado.

Em seguida, apresenta-se a tabela com o roteiro de perguntas.

Tabela 1 – Guião de perguntas

Entrevista
<p>Contexto profissional e académico dos vários coordenadores dos laboratórios</p> <p>1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e académica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.</p>
<p>Origem dos laboratórios – quando, por quem, onde, como, porquê</p> <p>2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:</p> <p>2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)</p> <p>2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)</p> <p>2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)</p> <p>2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)</p> <p>2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)</p> <p>2.5.1. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora na sua universidade?</p>
<p>Catálogo / Atividades / Distribuição / Divulgação</p> <p>3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.</p> <p>4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.</p> <p>5. Como fazem a distribuição?</p> <p>6. Quais os canais de divulgação utilizados? (<i>Site</i>, <i>blogue</i> e <i>redes sociais</i>?)</p>

<p>Financiamento / Orçamento / Autossustentabilidade</p> <p>7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?</p> <p>7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades?</p> <p>7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?</p> <p>7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?</p> <p>7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?</p> <p>7.2.2. Do seu ponto de vista, qual é a chave de sucesso?</p>
<p>Parcerias / Protocolos</p> <p>8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo, com a que existe na sua universidade? E com outras editoras? E com gráficas?</p> <p>8.1. Que tipo de protocolos?</p> <p>8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?</p> <p>8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?</p>
<p>Estágio / Trabalho</p> <p>9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?</p> <p>9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?</p> <p>9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?</p>
<p>Considerações livres</p> <p>10. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?</p>

4.4. Análise das entrevistas

1. Contexto profissional e académico dos vários coordenadores dos laboratórios

As entrevistas foram iniciadas questionando os coordenadores quanto à sua vivência profissional e académica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório. Os seis coordenadores têm percursos académicos e profissionais muito

semelhantes, uma vez que são formados em Letras e tiveram e têm atuação no mercado editorial, dentro e fora da universidade.

Do Com-Arte, “editora-laboratório” do curso de Editoração da Universidade de São Paulo, Plínio Martins Filho é mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Com uma longa experiência em Edição, uma vez que trabalha na área desde 1971, aquando da sua entrada na USP como professor, assumiu a coordenação do Com-Arte, assim como da editora universitária da USP.

Ana Gruszynski, coordenadora do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) vinculado ao programa de pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é graduada em Jornalismo Gráfico e Audiovisual. Tem experiência na área do *design* e publicidade. No âmbito editorial, trabalhou como *designer* e ilustradora de livros infantis.

Associado ao bacharelato em Edição, o Laboratório de Edição (Labeled) da Universidade Federal de Minas Gerais é coordenado por Sônia Queiroz. Esta professora possui formação em Letras e uma extensa carreira na área editorial. Após ter trabalhado numa editora comercial, voltou à universidade e assumiu a gestão da Editora UFMG. Mais tarde, assumiria a coordenação do Labeled.

Ana Elisa Ribeiro, coordenadora do Laboratório de Edição da linha de formação em Tecnologias da Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG), é formada em Letras. Trabalhou em várias editoras, exercendo funções de revisora de textos, corretora e editora assistente. Foi promotora, juntamente com outros colegas, de cursos ligados à edição na sua cidade, Belo Horizonte.

O Laboratório de Edição do programa de pós-graduação de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é coordenado por Ricardo Pinto de Souza. Antes de se ter tornado professor, Ricardo atuou no mercado como *freelancer* e, posteriormente, como editor.

Marília de Araújo Barcellos é a coordenadora da Editora Experimental pE.com ligada ao curso de Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com uma longa passagem pelo mercado editorial antes de entrar na academia como professora, exercitou diversas funções editoriais, como editora, assessora de imprensa e livreira. Mais tarde, doutorou-se com uma tese sobre pequenas e médias editoras.

Todos os coordenadores têm simultaneamente experiência no mercado editorial e na academia. Antes de terem assumido a coordenação dos respectivos laboratórios, todos já tinham passado pela área editorial, exercendo funções variadas como editores, revisores, *designers*, paginadores, livreiros, assessores de imprensa,

entre outros. Essa experiência na primeira pessoa foi transportada para a carreira docente. Em alguns casos, a estrutura do laboratório já estava montada, tendo de ser reconfigurada, em outros casos, criaram a mesma de raiz. No entanto, em todos os casos, há uma relação umbilical entre a experiência profissional anterior à carreira docente, que se direcionaria precisamente para a área da Edição. O facto de cada coordenador ter um conhecimento consolidado e diversificado dentro do campo editorial representou uma mais-valia para o curso e, nomeadamente, para o laboratório, uma vez que este faz a ponte com o mercado. Por conseguinte, os alunos podem ter como orientadoras pessoas experientes e conhecedoras dos meandros do mercado editorial.

2. Origem dos laboratórios

2.1. Quando, por quem, onde

Esta segunda secção pretende abrir e aprofundar a origem/fundação de cada laboratório, tendo sido pedido aos entrevistados que respondessem detalhadamente aos tópicos *quando, por quem, onde, como, porquê*.

Em primeiro lugar, seria necessário saber qual o ano de fundação de cada laboratório. De forma a esquematizar o conteúdo, procedeu-se à organização cronológica, ou seja, do laboratório mais antigo para o mais recente. Nesse sentido, aquele que funciona há mais tempo, há precisamente quarenta e cinco anos, é o Com-Arte, “editora-laboratório” da Universidade de São Paulo, que foi criado em 1973, e, em 1986, a direção é assumida por Plínio Martins Filho. Já o mais recente, com apenas seis anos de existência, é o Editora Experimental pE.com, concebido em 2012, e, em 2016, obteve o prefixo editorial. Nesse intervalo temporal, foram criados o LEAD da UFRGS, em 1991, que conta já com vinte e sete anos, sendo que a atual coordenação se encontra ali desde 2001; o Labed da UFMG, em 2007, e institucionalizado em 2009, e conta com onze anos de atividade; o Laboratório de Edição do CEFET – MG na transição de 2007/2008, e aprovado em 2008/2009, também tem onze anos; e, por fim, o Labedição da UFRJ, em 2011, possui sete anos de funcionamento.

É também crucial conhecer quem idealizou e impulsionou estas estruturas laboratoriais. Em cinco casos, foram professores que estiveram na condução desse processo. No sexto caso, no Editora Experimental pE.com uniu-se ao corpo de professoras uma aluna. Ressaltar também que todos os coordenadores, à exceção da

coordenadora atual do LEAD, fizeram parte da equipa fundacional do seu laboratório. Os professores eram oriundos de áreas de conhecimento próximas ao conceito do laboratório: Edição, Editoração, Letras, Literatura, Comunicação, Jornalismo, Publicidade, *Marketing*, Administração, entre outros.

O espaço físico onde se localiza cada laboratório é outro fator relevante. Em todos os casos, o espaço é anexo à Faculdade ou ao Departamento do curso.

Abaixo segue a informação esquematizada.

Tabela 2 – Ano de criação, fundadores e local dos laboratórios de edição

	Quando?	Por quem?	Onde?
Com-Arte USP	1973 (criação) 1986 (Plínio Martins Filho assume a coordenação)	Três professores: Plínio Martins Filho, Thiago Mio Salla e Marisa Midori Deaecto	Escola de Comunicações e Artes (ECA) Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE)
LEAD UFRGS	1991 (criação) 2001 (Ana Gruszynski assume a coordenação)	Três professores: Flávio Vinicius Cauduro, Joaquim da Fonseca e Sérgio Rosa	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) Departamento de Comunicação (DECOM)
Labeled UFMG	2007 (criação) 2009 (institucionalizado pela Câmara de Ensino da FALE)	Dois professores: Sônia Queiroz e Jacyntho Lins Brandão	Faculdade de Letras (FALE)
Laboratório de Edição CEFET-MG	2007/2008 (com a fundação do curso) 2008/2009 (aprovações da instituição)	Cinco professores: Ana Elisa Ribeiro juntamente com Olga Valeska, Ana Maria Nápoles, Rogério Barbosa da Silva e Wagner Moreira	CEFET-MG Térreo do Campus 1
Labeledição UFRJ	2011 (criação)	Um professor: Ricardo Pinto de Souza (contou com o apoio informal de outros professores)	Faculdade de Letras, Centro de Estudos do Departamento de Ciência da Literatura, Sala D207
p.E.com UFSM	2012 (criação) 2016 (conseguem o prefixo editorial, o ISBN)	Cinco professoras e uma aluna: Marília de Araújo Barcellos, Cláudia Bonfá, Liliane Brignol, Sandra Rúbia da Silva, Rosane Rosa e a aluna Camila Nunes	Departamento de Ciências da Comunicação Prédio 67, sala 1114

Informações retiradas das entrevistas

Estes seis laboratórios, embora tenham diferentes anos de existência, contam com vários aspectos em comum. O primeiro, o Com-Arte, da Universidade de São Paulo, com quarenta cinco anos, é vinculado ao curso mais antigo de Edição do Brasil. Nesse sentido, desde o começo da formação acadêmica em Edição, existiu uma preocupação pela incidência na componente prática da área. É o próprio coordenador Plínio Martins Filho que faz um paralelismo com a área da medicina, dizendo que o laboratório está para o curso de Edição como o “hospital-escola” está para os futuros médicos. Ou seja, sem lugar para a prática seria impossível formar os estudantes para o mercado. O aparecimento de outros cursos de Edição responde à necessidade do mercado editorial que foi crescendo e adquirindo outros contornos, nomeadamente, no que se refere aos meios de produção – mais evoluídos tecnologicamente. Muito à conta desse fenômeno, surgiram cursos de Edição fora dos eixos geográficos tradicionais. Até então, São Paulo e Rio de Janeiro (principalmente, o primeiro) concentravam as maiores editoras e oportunidades nesse campo. No entanto, com a dispersão e profusão de médias e pequenas editoras por todo o território brasileiro, surgiram novas oportunidades em regiões como Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A confirmar esse fenômeno, neste estudo estão representados quatro laboratórios fora do eixo Rio-São Paulo. Eles são, na região de Minas Gerais, mais especificamente, em Belo Horizonte, o Labed da UFMG e o Laboratório de Edição do CEFET-MG; já na região do Rio Grande do Sul, em Santa Maria e em Porto Alegre, respetivamente, a Editora Experimental pE.com e o Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD). Assim, a amostra revela o florescimento do meio editorial alternativo em regiões até então menos exploradas. A par dessa expansão, o meio académico, atento a esse fenômeno, começou a ofertar cursos para formar profissionais da área editorial.

A coordenação de cada laboratório pôde contar com o apoio de docentes de outras áreas complementares à Edição, como da Literatura, Comunicação, Jornalismo, Publicidade, *Marketing*, Administração, entre outras. Nesse sentido, os professores oferecem aos alunos uma formação sólida e diversificada. É preciso acrescentar um aspecto fundamental: embora sejam os professores a assegurar a direção dos laboratórios, a sua criação parte de uma necessidade conjunta de alunos e professores. A necessidade aguça o engenho. Finalmente, essa plataforma serve o propósito do curso de Edição na prática.

Relativamente ao espaço físico onde estão instalados os laboratórios, nem todos possuem as condições desejáveis. No caso do CEFET-MG, por exemplo, o Laboratório ocupa uma sala que não é a mais adequada para o efeito, uma vez que é uma adaptação de um espaço ocioso. Também a nível de equipamentos, como a

compra de computadores e das bancadas para os mesmos, foi um processo moroso e complexo. À semelhança do Laboratório do CEFET-MG, também o LEAD da UFRGS teve dificuldade na obtenção de verba para os equipamentos. Tendo em conta que é um espaço com determinados requisitos, porque atende à utilização diária de alunos e professores para a realização de projetos, é necessário torná-lo acolhedor e funcional. Apesar de tudo, esse foi um esforço que, nos outros quatro casos em análise – na USP, UFMG, UFRJ e UFSM – foi atendido.

2.2. Como, porquê

No que diz respeito às questões “Como” e “Porquê”, estas forneceram dados relativos ao modo e aos motivos de criação dos laboratórios. Para entender como se realizou o processo burocrático associado à projeção de cada laboratório, questionou-se os entrevistados quanto às facilidades e constrangimentos encontrados ao longo desse processo.

Quanto a este tópico, as opiniões dividiram-se. Por um lado, os coordenadores Plínio Martins Filho, Sônia Queiroz, Ricardo Pinto de Souza e Marília de Araújo Barcellos mencionaram facilidade nesse processo. A última entrevistada refere maiores limitações na obtenção do equipamento. Por outro lado, Ana Gruszynski e Ana Elisa Ribeiro destacaram bastantes dificuldades no que toca a financiamento, a um espaço físico e ao apoio da universidade.

Plínio Martins Filho revelou ter sido um processo simples, sem problemas burocráticos, acrescentando que o único constrangimento pode ter estado no facto de a verba não ser suficiente. Já Ana Gruszynski referiu dificuldades na obtenção de financiamento. Destacou que a verba é descontínua e bastante morosa e que a universidade não facilitou nesse processo. Sônia Queiroz, à semelhança de Plínio, mencionou não ter havido obstáculos na criação do laboratório. Apenas existiu alguma resistência no que concerne à atividade editorial mais científica. Ana Elisa Ribeiro indicou que houve bastantes limitações em afirmar o projeto e em reclamar um espaço físico para o mesmo. A sua universidade apresentou-se pouco sensível ao curso de Tecnologias da Edição. Ricardo Pinto de Souza comentou que, no momento da criação do laboratório, privilegiou a abundância de verba disponível para as universidades brasileiras. Ainda, contou com o apoio de vários colegas. Por último, Marília de Araújo Barcellos referiu facilidade no processo de criação, mas dificuldade na obtenção do equipamento.

Todos evocaram a questão orçamental como a mais complexa e alguns a falta de compreensão por parte da sua universidade, que ainda não entende bem o propósito de tal estrutura. O financiamento continua a ser descontínuo e irregular. Essa falta de verba condiciona o poder de ação dos coordenadores que, dependendo dela, têm de readaptar os projetos e atividades dos laboratórios. Além disso, foram referidos alguns entraves no que concerne à logística do espaço e do equipamento.

No que se refere ao “Porquê” de se ter idealizado cada laboratório, há uma unanimidade de opiniões. Os coordenadores apontam que o objetivo principal era a conceção de um espaço de experimentação para alunos, professores e investigadores, usado para a produção editorial de livros, revistas e outros produtos e materiais, e para a realização de cursos, eventos e atividades. Aliada à formação teórica e prática do laboratório, que permitiria a formação de editores preparados para todas as etapas do mercado editorial, uma das marcas mais fortes do projeto é o seu carácter experimental, inovador e inventivo. Várias foram as palavras-chave comuns, entre elas: “prática”, “formação”, “experiência”, “aprendizado”, “experimentação”, “invenção”, “treinamento”, “espaço”, “ensino”, “pesquisa”, “extensão”, “mercado”.

Para Plínio Martins Filho, o laboratório veio proporcionar uma vivência semelhante à de uma editora, permitindo que os alunos pudessem acompanhar o livro desde a preparação até à sua apresentação no mercado. Além disso, veio pôr termo a uma certa ideia de falta de formação prática dos alunos, motivo pelo qual as editoras não ofereciam estágios aos alunos de Edição, uma vez que estes, ao invés de ser eficientes, acabavam por tornar o trabalho mais moroso.

Na opinião de Ana Gruszynski, o laboratório, por ter um carácter experimental, está recetivo a novas linguagens e a diferentes ações. No âmbito editorial, destacou a produção de materiais para diferentes órgãos da universidade e também a realização de cursos abertos à comunidade. E o grande enfoque foi sempre a pesquisa, uma vez que possuem linhas de investigação no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM).

Sônia Queiroz é perentória mencionando que o maior objetivo é o do ensino e formação de editores de texto, podendo ter os alunos acesso às várias etapas da produção de uma publicação. Através do estágio, os alunos recebem uma bolsa e são iniciados numa vivência próxima da profissional. Destacou igualmente o espaço do laboratório como um lugar de aprendizagem e experimentação.

Para Ana Elisa Ribeiro, a formação prática desenvolvida no laboratório permite preparar os alunos para serem revisores e editores. Além de o curso providenciar uma sólida formação teórica, é essencial que o laboratório seja um lugar de inovação e invenção, na medida em que o aluno pode testar várias possibilidades, simulando o

próprio mercado editorial. São testados vários formatos, entre os quais, revistas, jornais e plaquetes de poesia.

Ricardo Pinto de Souza indicou três objetivos aquando da criação do laboratório: o primeiro, seria o treinamento profissional; o segundo, seria atender ao fluxo de produção do departamento de Ciência da Literatura; e, o terceiro, a pesquisa ligada à História da Edição, da Leitura, Novas *Media*, Novas Tecnologias de Leitura, de Circulação de Livro.

Na perspetiva de Marília de Araújo Barcellos, o laboratório permitiria desenvolver competências em nível pedagógico. A experiência de Marília no mercado editorial permitiu uma orientação mais direcionada, uma vez que os alunos, além de conceber produtos editoriais, poderiam acompanhar todas as etapas subsequentes, como o lançamento em eventos e feiras, contactando diretamente com o público leitor e comunidade em geral.

2.3. Editora universitária versus laboratório de edição

Ainda dentro da questão do “Porquê”, abriu-se uma subsecção para indagar acerca das diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Para complementar a questão, atentou-se à existência ou não de uma editora universitária em cada universidade e ao facto de estarem ou não em normal funcionamento.

No que concerne à USP, esta possui uma editora com uma forte tradição editorial universitária, sendo uma das mais prestigiadas ao nível nacional. Neste caso, existe uma correlação entre a editora e o laboratório Com-Arte, explicável graças à abundância de meios de produção, assim como à comunicação criada desde o início entre ambas as estruturas. Isto foi também possível, porque, durante vinte e cinco anos, o diretor da editora da USP foi Plínio Martins Filho, conciliando o cargo com a coordenação do Com-Arte. Na perspetiva de Plínio, as duas estruturas possuem um sistema bastante diferente, na medida em que a editora tem outras preocupações, nomeadamente, com a questão da distribuição e da gestão orçamental. A sua atuação ocorre no âmbito nacional, uma vez que atende a todo o mercado editorial. Já no que respeita ao Com-Arte, por ser um espaço criado para o efeito de experimentação, potencia a criatividade dos alunos, pois disponibiliza meios próximos do mercado e permite testá-los com liberdade. O coordenador referiu que, mais do que a formação de técnicos, a preocupação do laboratório sempre foi formar pessoas e editores. No caso específico da USP, os alunos podem ter uma vivência de estágio em ambos.

Na UFRGS há uma editora universitária, mas, devido a uma série de constrangimentos relacionados com a troca de reitoria e a falta de financiamento que vem ocorrendo nas universidades brasileiras, a mesma tem pouca visibilidade e poder de ação. De qualquer forma, para Ana Gruszynski, coordenadora do LEAD, o trabalho do laboratório é distinto, ainda que possam assessorar algumas editoras em projetos pontuais. Relevou que a passagem de alguns alunos pelo LEAD direcionou-os profissionalmente para a área editorial. Os alunos bolsistas de extensão, pesquisa e edição, que vêm de outras áreas, como a Publicidade ou o Jornalismo, encontram no laboratório um espaço onde podem complementar a sua formação. Portanto, tendo em conta que não existe na UFRGS uma editora em pleno funcionamento, o LEAD veio colmatar essa lacuna.

Sônia Queiroz não tem dúvidas de que o Laboratório é bastante distinto da Editora UFMG, uma vez que esta é profissional e responde às exigências do mercado. Apesar disso, não atende ao lucro, porque é institucional e não comercial. A autossustentabilidade é outro ponto tocado, pois a Editora UFMG é sustentada pela venda de livros e pelo apoio da universidade, já o Laboratório trabalha numa escala muito menor, uma vez que as tiragens não ultrapassam os trinta exemplares e os livros são vendidos em eventos internos. Os alunos são simultaneamente os produtores e distribuidores dos livros.

Em relação ao CEFET-MG, este não possui editora universitária. Ana Elisa Ribeiro entende que as editoras universitárias detêm um papel mais vasto, na medida em que atendem a todas as áreas de conhecimento da universidade e não só à área literária. Nesse sentido, a editora universitária tem uma capacidade de distribuição e de circulação proporcional ao mercado editorial brasileiro. Pelo contrário, o Laboratório de Letras não consegue alcançar essa capacidade, até porque o seu objetivo de base é distinto, pois centra-se na formação dos alunos.

Ricardo Pinto de Souza, coordenador do laboratório da UFRJ, destaca que a editora da sua instituição já foi uma das mais importantes do país, contando com um catálogo de referência, equiparável aos das editoras de São Paulo e de Minas Gerais. Contudo, fruto de uma série de problemas de teor administrativo, a editora encontra-se estagnada há vários anos. Por isso, o laboratório foi também criado para suprir esse marasmo editorial na UFRJ. Embora seja uma estrutura de pequena dimensão, que está vinculada a um departamento da Faculdade de Letras, produz entre quinze a vinte publicações por ano.

Relativamente à UFSM, que também possui uma editora universitária, Marília de Araújo Barcellos aponta o recurso financeiro como crucial para a garantia da produção, comercialização e distribuição dos livros. Mencionou que uma editora

possui uma cadeia mais complexa e demorada. Já o método do laboratório é distinto, porque é faseado e responde a outras prioridades, entre as quais, a projetos de disciplinas do curso e à disponibilidade de verba oriunda de concursos e de possíveis parcerias.

Todos os inquiridos concordaram em afirmar que ambas as estruturas são díspares na forma e no conteúdo, porque têm objetivos diferentes. Enquanto uma editora universitária prima por uma dimensão ampla e multidisciplinar, cobrindo as necessidades do mercado pela via da comercialização e distribuição, um laboratório funciona na base da formação pela via das práticas editoriais. Ainda, este último garante a alunos e professores uma maior liberdade de ação, possibilitando experimentar com margem de erro as várias etapas da cadeia editorial. Esse foi um ponto muito referido para destrinçar, por um lado, a maior rigidez e formalidade de uma editora universitária, e, por outro, a maior flexibilidade e informalidade de um laboratório de edição. Além disso, a questão financeira foi muitas vezes tocada, porque posiciona as duas estruturas em patamares distintos. A editora universitária consegue ser autossustentável e garantir apoios institucionais, já o laboratório, por estar anexado ao curso, recebe deste uma verba mais diminuta e, muitas vezes, é independente, na medida em que tem de procurar outras vias de financiamento, como concursos e/ou projetos de extensão. Em resumo, por terem configurações e dimensões desiguais, não são equiparáveis. Todavia, é de salientar a vontade que todos laboratórios têm de se afirmar dentro das suas universidades como espaços de vivência editorial.

3. Catálogo

O catálogo reflete a tipologia de cada laboratório, uma vez que as escolhas editoriais atendem às necessidades das disciplinas e a outros projetos em curso. Por isso, os coordenadores foram questionados relativamente aos critérios usados para a seleção das obras a publicar, dando também alguns exemplos.

Plínio Martins Filho indicou que o procedimento do Com-Arte é semelhante ao de uma editora tradicional, posto que os autores submetem as suas obras a análise. Professores e alunos decidem se devem ou não publicar a obra em questão, cabendo a aprovação final aos três professores coordenadores. Portanto, os alunos têm uma parte ativa nesse processo. Alguns exemplos de coleções já publicadas são: *Editando o editor*, *Memória editorial*, *Reserva Literária*, *Cadernos de jornalismo e editoração*,

Clássicos do jornalismo brasileiro, Fórum de Editoração, Memória Militante, Memória Tipográfica, Primeira Impressão. Além disso, normalmente, são editados TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso), revistas, *e-books*, livros avulsos e livros experimentais (dobraduras, livros-objeto).

Ana Gruszynski referiu que o LEAD não possui catálogo nem qualquer registo dos trabalhos criativos que vão produzindo, o que se revela uma desvantagem. Contudo, na página *web* têm organizada a produção científica do laboratório. De qualquer forma, revelou que não têm a pretensão de produzir livros. Alguns dos produtos criados foram: revistas científicas, cartazes, *folders*, identidade visual de eventos e instituições académicas, *layout* de montagem de exposições (ligadas ao meio académico).

No Labeled da UFMG, as publicações derivam de um diálogo entre professores e alunos e incidem, sobretudo, sobre trabalhos desenvolvidos nas disciplinas e cursos. Sónia Queiroz mencionou a existência de um conselho editorial, caso esteja em discussão um projeto editorial de maior magnitude. São publicados cadernos e livros, mas também áudio e vídeo-livros, em torno de vários eixos temáticos, como: Didática e ensino; Estudos africanos; Estudos de edição; Estudos linguísticos; Estudos literários; Estudos sobre tradução.

No que se refere ao Laboratório de Edição do CEFET-MG, Ana Elisa Ribeiro sublinhou o facto de não terem um catálogo organizado, e que, por isso, há a necessidade de se criar essa “memória” editorial do laboratório. A produção está diretamente relacionada com as temáticas das disciplinas do curso. No que toca a livros, já publicaram uma coleção de propostas de oficinas para a formação de leitores, uma antologia de cinco poetisas mineiras, uma antologia de resenhas/ensaios de livros de literatura contemporânea, chamado *18 livros vivos*, e uma coleção com depoimentos de editores importantes, *Edição e Ofício*.

Segundo Ricardo Pinto de Souza, inicialmente, o Laboratório da UFRJ publicava com base na indicação de professores, havendo espaço para parcerias. Recentemente, optaram por criar um conselho editorial e assim sistematizar as publicações nas áreas de interesse do próprio laboratório. Constam entre as publicações livros ligados à crítica e teoria literária, coletâneas de artigos, livros de ensaios de autores específicos; e as revistas: “Revista Terceira Margem” e “Revista Odara”.

Do Editora Experimental pE.com, Marília de Araújo Barcellos revelou que têm uma preocupação em criar um catálogo acessível a todos os públicos, podendo estar disponível em diversos formatos. Foi também referida a importância da oferta de conteúdos interdisciplinares. Na sua produção, encontram-se livros de acessibilidade,

áudio-livros, um livro sobre género e pluralidades, chamado *Mosaico socio-antropológico*, e um livro com artigos de alunos, intitulado *Estudos Editoriais - volume 1*.

Em suma, em todas as publicações, a última palavra é sempre do professor, ainda que o aluno possa participar do momento de proposta e discussão dos títulos a publicar. Na maior parte dos casos, é editado um livro ou revista que se relaciona, direta ou indiretamente, com as disciplinas do curso, o que revela a complementaridade entre a teoria e a prática. Nesse sentido, o catálogo é indispensável para estruturar a atividade editorial de cada laboratório, armazenando informação útil para finalidades várias – como para memória futura e pesquisa científica – e estando totalmente acessível a todos os membros da academia, assim como a entidades externas.

4. Atividades

No que toca a atividades, todos os laboratórios dinamizam periodicamente vários cursos, seminários e eventos.

O coordenador Plínio Martins Filho, da Com-Arte, invocou vários eventos com uma projeção nacional, uma vez que reúnem participantes do âmbito académico e público em geral. Destaca ainda o facto de promoverem mais eventos em torno do livro impresso do que em torno do livro digital. Como destaque, na USP, ocorre a maior feira universitária do livro do país. Exemplos de atividades são o evento anual “Fórum de Editoração”, os seminários “Editor ou Publisher?” e “A Arte de Editar Texto” e a feira do livro “Festa do Livro”.

No LEAD, foram já realizados cursos com o intuito de formar editores científicos. É na produção gráfica voltada à parte técnica que incidem os seus programas formativos. Ana Gruszynski destacou os cursos de produção gráfica e de formação de editores científicos.

Sónia Queiroz contou que no cerne do Labed da UFMG está a realização de múltiplos eventos relacionados com o livro nos seus mais diversos formatos. Privilegiam, por exemplo, oficinas abertas sobre costura e encadernação de livros. Para isso, fazem parcerias com o laboratório LaGrafi, anexado ao curso Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes. Já promoveram uma Festa do Livro, exposições, performances de poesia, narração de contos orais, ateliês abertos, os

seminários “Ler traduzir editar: a literatura em sua experiência”, feiras com editores e poetas independentes da região: conferências, mesas-redondas e relatos de experiências de pesquisa.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro comentou que os alunos são incentivados a criar oficinas para ministrá-las a colegas, mais novos ou não, e a outros membros da comunidade em geral. Os estudantes organizam também um evento fixo, convidando profissionais do âmbito editorial para virem dar o seu testemunho. Existe, portanto, uma atmosfera de intercâmbio entre os alunos e os profissionais que atuam no mercado editorial. Alguns eventos que costumam promover são: oficinas de fotografia poética e os eventos “Jornada de Edição” e “Festa de Linguagens e Ciência” (FLIC).

Ricardo Pinto de Souza referiu que os professores associados ao laboratório ministram cursos e oficinas de curta duração, academicamente equivalentes a um curso de extensão. Os cursos dão-se em dois níveis: um é aberto à comunidade e o outro é exclusivo para os alunos de graduação que participam como monitores do cotidiano do laboratório. São promovidos cursos anuais: de preparação e revisão de originais, diagramação de impressos, noções de tipografia, história do design gráfico, tipografia digital, preparação de livros digitais, *web design*. Além disso, realizam-se cursos técnicos de revisão, paginação e preparação de edições eletrônicas; e oficinas de produção artesanal. Entre os projetos: “Projeto Fortuna” – um portal de recursos *online* sobre autores e crítica literária; “Biblioteca Nova” – um experimento em edição digital; “Editorial Argô” – uma editora de monografias.

Em relação ao Editora Experimental pE.com, existe um planejamento anual de atividades e eventos. Marília de Araújo Barcellos ressaltou as ações em feiras do livro, que têm cobertura mediática na região de Santa Maria e Porto Alegre. Dessa maneira, os alunos são convidados a idealizar uma série de oficinas e rodas de discussão que ganham, junto do público, uma maior visibilidade. Nas feiras do livro de Santa Maria e de Porto Alegre são realizadas várias ações, como rodas de discussão, oficinas e “bate-papos”.

Os coordenadores destacam, sobretudo, eventos abertos a toda a universidade e à comunidade em geral, como oficinas e feiras do livro. Criar um espaço de exposição do trabalho dos laboratórios revela-se um ponto-chave. Em alguns casos, os alunos responsabilizam-se pela criação de oficinas, o que os envolve diretamente nas etapas de pós-produção editorial. Portanto, os alunos funcionam como embaixadores dos próprios laboratórios.

5. Distribuição

No que concerne à distribuição física e virtual das publicações do laboratório, as mesmas podem ser vendidas ou distribuídas gratuitamente.

Segundo Plínio Martins Filho, 10% da tiragem dos livros do Com-Arte são entregues à imprensa. Todos os livros são divulgados na livraria virtual da EDUSP. Os alunos são responsáveis por todas as fases que envolvem colocar um livro no mercado, por isso, também tratam da distribuição. Por vezes, presencialmente, organizam a apresentação dos livros e vendem-nos junto do público. Um evento de extrema importância é a participação do Com-Arte na “Festa do Livro” da USP.

Ana Gruszyński não respondeu a esta questão, porque o LEAD não possui distribuição, uma vez que não edita livros nem revistas.

Sônia Queiroz comentou que os livros e cadernos produzidos pelo Labeled estão disponíveis para *download* na página *web* do laboratório. Quem quiser adquirir o formato físico pode fazê-lo a um custo zero. É recorrente serem distribuídos em eventos, mais institucionais ou mais informais, por se destinarem a um público específico.

No Laboratório do CEFET-MG, as edições têm uma tiragem limitada e são distribuídas de forma gratuita. Ana Elisa Ribeiro indicou que, pontualmente, há parcerias de maior dimensão que suportam financeiramente as edições, ajudando na circulação das mesmas.

Uma vez que grande parte dos livros do Laboratório da UFRJ foram produzidos para outras editoras, são, portanto, essas editoras que fazem o trabalho de divulgação, informou Ricardo Pinto de Souza. Todavia, há alguns exemplares que acabam por ser distribuídos em eventos do laboratório e do curso.

Marília de Araújo Barcellos aponta que os livros são endereçados para responsáveis de cursos de Editoração no Brasil. Além disso, como os livros não tem uma finalidade comercial, são distribuídos gratuitamente em congressos, eventos e lançamentos.

As edições impressas dos laboratórios são distribuídas, mais formal ou informalmente, dependendo do objetivo das mesmas, assim como das condições logísticas do próprio laboratório. No caso do Com-Arte, existe um protocolo com a EDUSP que divulga o catálogo do laboratório no seu *Site*. Além disso, todos os laboratórios utilizam os eventos institucionais, como colóquios, seminários, entre outros, para a distribuição dos títulos. Também são lugares de grande exposição as feiras do livro. De qualquer forma, são publicações com uma tiragem pequena, porque o objetivo é que os livros sejam distribuídos gratuitamente no âmbito acadêmico.

6. Divulgação

A divulgação é uma etapa determinante para o posicionamento estratégico destes projetos acadêmicos.

O coordenador do Com-Arte mencionou que, dentro do laboratório, os professores dividem as tarefas, cabendo a um deles a gestão da parte comercial e da divulgação. São selecionados quatro/cinco alunos que tratam de várias tarefas, entre elas, a divulgação nos meios de comunicação impressos e digitais e a produção dos paratextos e dos *releases*. Para aceder às páginas *online* do Com-Arte, basta aceder ao:

Site

www.usp.br/cje/comarte/

Facebook

<https://www.facebook.com/editoracomarte/>

Instagram

<https://www.instagram.com/editoracomarte/>

Ana Gruszynski referiu que as notícias e os materiais do LEAD são disponibilizadas na sua página *web*. Admite não possuir recursos humanos suficientes para a manutenção do *Site* e das redes sociais.

Site

<https://www.ufrgs.br/lead/>

Facebook

<https://www.facebook.com/ppgcomufrgs/>

No caso do Labed, são usadas várias plataformas digitais e impressas, contando o laboratório com o apoio e cobertura da assessoria de comunicação da reitoria da UFMG. Sônia Queiroz referiu que a prioridade passa por divulgar mais dentro da universidade.

Site

<http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/>

Facebook

<https://www.facebook.com/laboratoriodeeducacao>

Instagram

https://www.instagram.com/labed_ufmg/

Youtube

[Laboratório de Edição FALE - UFMG](#)

Na perspectiva de Ana Elisa Ribeiro, urge criar-se uma plataforma digital que divulgue a atividade do laboratório. Por enquanto, é o canal institucional da universidade que supre essa carência.

Site

<http://www.lettras.cefetmg.br/>

Ricardo Pinto de Souza aponta que, na maioria dos casos, são os próprios convidados que divulgam a sua comparência nos eventos do laboratório. Também, privilegiam o método da *mailing list*. De qualquer forma, possuem uma página *web* do projeto:

Site

<http://www.labedicao.com/index.html>

Facebook

<https://www.facebook.com/labedicao/>

Na Editora Experimental pE.com, é um bolsheiro que gere o *Site* e o *Facebook*. Por vezes, por questões de sobrecarga de trabalho, não se consegue dar atenção a esta área.

Site

<http://coral.ufsm.br/pecom/>

Facebook

<https://www.facebook.com/pepontocomufsm/>

Todos possuem página *web*, à exceção do Laboratório de Edição (CEFET-MG), que divulga a sua atividade através do canal institucional da universidade. Além do *Site*, investiram na criação de redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*. É o caso do Labeled, que possui estas quatro ferramentas digitais. Os alunos são incumbidos de gerir as plataformas virtuais. A coordenadoras Ana Gruszynski e Marília de Araújo Barcellos admitem que, por vezes, dado não terem suficientes recursos humanos, existe uma escassez na divulgação. Todos sublinham a importância da divulgação digital, uma vez que chega a diferentes públicos mais rapidamente.

7. Financiamento/Orçamento

No que concerne à gestão do orçamento, são vários os métodos que cada coordenador usa na manutenção do mesmo.

Plínio Martins Filho expôs que existe um retorno com a venda de livros, que serve para financiar a publicação de outros. Como o curso de Editoração divide o departamento com o de Jornalismo, há uma verba destinada a ambos os laboratórios. A universidade custeia parte do orçamento e a outra parte é suportada por parcerias, nomeadamente, com gráficas.

Ana Gruszynski sublinhou que existe uma crise grave no que se refere ao financiamento das universidades brasileiras. A coordenadora narrou que seria incapaz de pedir algo à universidade. Portanto, nessa impossibilidade, têm apostado nas “aulas abertas”, fazendo com que não haja dinheiro envolvido. Nesse sentido, o financiamento é obtido a partir de editais públicos. De qualquer forma, ressaltou aspetos positivos, como o facto de a universidade prestar apoio académico, institucional, o que se traduz em credibilidade e prestígio

O Labeled, segundo Sônia Queiroz, não possui orçamento próprio, então, é assegurado pela Diretoria da Faculdade de Letras da UFMG. Essa verba é usada para pagar as bolsas dos estagiários, material de consumo, impressão, licenças dos programas de computador, manutenção e, eventualmente, troca de equipamento ou mobiliário. A Faculdade de Letras consegue produzir recursos próprios, gerados a partir dos cursos de extensão, de línguas estrangeiras, entre outros. Nesse sentido, são encaminhados para a gestão dos vários projetos académicos, como o Labeled.

Segundo Ana Elisa Ribeiro, no seu laboratório não existe um orçamento definido, uma vez que o financiamento segue uma via hierárquica até chegar à coordenação do laboratório, ou seja, passando da instituição para o curso de Letras. Além disso, como não há um montante definido, vai sendo disponibilizado consoante as necessidades. A coordenadora confessou ter havido dificuldade de entendimento da universidade para com os objetivos e necessidades do curso Tecnologias da Edição e do seu laboratório.

Ricardo Pinto de Souza aludiu para a dispersão da verba destinada ao laboratório, já que a situação económica da UFRJ é instável. Comentou que há alguns anos podiam suportar o pagamento de bolsas a estagiários, mas atualmente foram cortadas. A maior parte do trabalho, referiu, é voluntário. Acrescentou que ainda não conseguiram alcançar a autonomia relativa ao departamento.

Os projetos do Editora Experimental pE.com são cimentados em parcerias. Todos os projetos, assim como o trabalho dos estagiários, são suportados por via de

concurso/edital. Desta forma, é uma gestão dependente de parceiros. Normalmente, é a coordenadora que trata dessa burocracia. Por estarem conscientes da morosidade dos processos, lidam com essa matéria com tranquilidade.

Em matéria orçamental, são apontados diversos fatores que comprovam ser esta a questão mais melindrosa por, desde logo, envolver dinheiro. Antes de mais, é preciso ter em consideração que há laboratórios que atuam como editoras e outros que não. O retorno oriundo da venda de livros pode ajudar no financiamento de outros livros. Todavia, tendo em conta a ideologia dos laboratórios, que funcionam como plataformas de formação editorial e não com um intuito comercial, o mais importante é a produção e distribuição no meio académico. Além disso, a universidade brasileira tem passado por vários cortes orçamentais por parte do governo federal, o que se traduz num momento difícil para investimento na educação. Portanto, os coordenadores apontam os concursos públicos e as parcerias como uma importante fonte de financiamento das atividades do laboratório. Além disso, são equacionadas formas alternativas de financiar os projetos, entre elas, a angariação de fundos internos. O dinheiro é, assim, oriundo de fontes várias, sendo bastante difuso e irregular. Se, por um lado, há universidades que ainda não são sensíveis ao papel desempenhado pelos laboratórios, por outro, há-as que prestam um suporte institucional valioso para a inserção dos mesmos numa rede ampla e vasta de pesquisa e investigação nacional e internacionalmente.

7.1. Autossustentabilidade

Nas palavras de Plínio Martins Filho, o Com-Arte não pretende ser autossustentável, uma vez que não é essa a sua intenção.

Como é muito complexo obter verba, Ana Gruszynski referiu que o LEAD aposta, sobretudo, em atividades abertas e gratuitas para não terem custos extraordinários. Como verificaram que não vale o esforço a candidatura a editais, gerem o laboratório com recursos internos dos colaboradores.

Sônia Queiroz mencionou que é objetivo do Labed produzir livros para consumo interno. Antes, vendiam-nos pelo preço de custo, mas, agora, distribuem-nos gratuitamente.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro afirmou que o Laboratório de Edição não tem o intuito de se tornar autossustentável. Contudo, embora não possua condições

materiais, mencionou que teria a pretensão de atuar como uma editora. Por fim, o seu contributo formativo impõe-se, no momento, como prioritário.

Dada a atual conjuntura económica adversa, Ricardo Pinto de Souza advertiu que não é viável pensar-se na sustentabilidade do laboratório e que, além disso, não é do seu âmbito. Seria até antitético supor a venda de serviços editoriais, porque a intenção é académica e não comercial.

Marília de Araújo Barcellos alertou para o papel pedagógico que exerce o laboratório, embora já se tenha equacionado a autossustentabilidade. No regulamento fundacional do laboratório está descrito que seria “[...] sem fins lucrativos, com fim pedagógico, educacional, e que poderia ampliar esse conhecimento da sala de aula.”. Adicionalmente, conjecturar a autossustentabilidade implicaria maior investimento de recursos humanos para a candidatura a editais. Não está fora dos planos, mas irão com calma nesse processo.

Relativamente ao ponto da autossustentabilidade, as opiniões são unânimes: todos creem que a sustentabilidade financeira não faz parte dos objetivos dos laboratórios. A sua intenção primordial é servir de plataforma de formação e não de venda de produtos. Além disso, a produção editorial serve propósitos pedagógicos e é, na maior parte dos casos, distribuída gratuitamente. Muitas vezes, é publicado o que não seria muito vendável. Essa liberdade e criatividade só é possível pela configuração do laboratório como lugar de experimentação. Paradoxalmente, a crise financeira vivida na educação brasileira permite essa liberdade de ação. Portanto, a sustentabilidade é medida em termos de trabalho produzido e não em termos financeiros.

8. Parcerias / Protocolos

Com as parcerias, os laboratórios têm muito a ganhar no que toca a recursos materiais e a capital social. De facto, os parceiros podem ser editoras, gráficas, entidades públicas, como universidades, bibliotecas e prefeituras, e outras redes de apoio à pesquisa e investigação.

Para Plínio Martins Filho, as parcerias realizadas com editoras e gráficas são estratégicas, na medida em que ambas as partes saem beneficiadas. O coordenador referiu que não existe um protocolo formal, contudo, até ao momento, essa

informalidade tem tido bons resultados. Algumas dessas parcerias deram-se com a Lis Gráfica e Editora e a EDUSP.

Ana Gruszynski expôs que todas as parcerias do LEAD tiveram um teor informal. De qualquer forma, o LEAD, por estar integrado num curso de Comunicação e Informação, direciona-se mais para a pesquisa e formação do que para a publicação de materiais. Em parceria com a Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, ofereceram um curso de formação de editores científicos.

No Labeled, realizam bastantes parcerias, entre as quais, a mais consolidada é o LaGrafi, um laboratório criado no Centro Cultural UFMG. Sônia Queiroz mencionou também o Museu Vivo Memória Gráfica, a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e a Rede Latino-Americana de Cultura Gráfica.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro está ciente de que a aposta nas parcerias com as diferentes instituições, internas ou externas à universidade, são vantajosas a todos os níveis. Uma das vantagens seria a circulação dos produtos editoriais, fazendo com que houvesse maior impacto mediático e maior alcance de leitores. Mas, como o curso e o laboratório são recentes, é preciso investir gradativamente nas parcerias. Alguns exemplos são: a Diretoria Geral do CEFET-MG, a coordenação do curso, a Prefeitura de Belo Horizonte, a Câmara Mineira do Livro e a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil.

O laboratório da UFRJ já trabalhou com bastante editoras, do Rio de Janeiro e não só, indicou Ricardo Pinto de Souza. O coordenador considera muito frutífera a troca de ideias com outros editores. Dada a estagnação da editora UFRJ, ainda não trabalharam com ela. Já realizaram parceria com algumas das seguintes editoras: Editora UERJ, 7Letras, Azougue, editoras de Campinas, Desalinho Editorial e e-galáxia.

Marília de Araújo Barcellos informou que os produtos editoriais são impressos na imprensa universitária da UFSM, pois, aquando da candidatura a editais, prevê-se uma parte destinada ao custeio das impressões. É destacado o apoio da coordenação do curso que facilita, por exemplo, o deslocamento dos alunos de autocarro a feiras do livro. E também o Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) que agilizou a conquista do ISBN, prefixo editorial, do laboratório. Outra parceria importante foi o edital PROEXT.

As parcerias, mais ou menos formais, constituem uma oportunidade estratégica para os laboratórios. Dada a falta de recursos financeiros, que acarreta alguns constrangimentos no que toca à produção editorial, o facto de os laboratórios beneficiarem de protocolos e parcerias com algumas entidades dentro e fora da universidade, materializa-se em algo vantajoso. Têm a possibilidade de produzir livros

e outros materiais com uma melhor qualidade gráfica e com uma maior tiragem. Além disso, podem ter acesso a um conjunto de plataformas de difusão, podendo participar em eventos e atividades abertas a toda a comunidade. Em alguns casos, inserem-se em redes internacionais ligadas à área editorial. Finalmente, aquele que é um trabalho desenvolvido no âmbito acadêmico, extravasa para a sociedade em geral, o que engrandece a essência de cada laboratório, que se impõe como um lugar de intercâmbio do conhecimento.

9. Estágio / Trabalho

9.1. Estagiar dentro ou fora do laboratório

Sendo os laboratórios de edição espaços de formação e experimentação editorial, a sua existência poderia pressupor uma primeira abordagem profissional. Por um lado, o seu foco é mais formativo e menos profissional. Por outro lado, fornece ferramentas muito úteis para uma possível entrada no mercado editorial.

Plínio Martins Filho revelou que os alunos têm uma disciplina intitulada “Estágio Supervisionado”, onde realizam um período de estágio numa editora à sua escolha. O laboratório não abre estágios, mas a EDUSP sim.

Há bolseiros no LEAD, contudo, não com uma ênfase em Produção Editorial. Ana Gruszynski referiu que não há a configuração de estágio, mas as bolsas de extensão suportam financeiramente o trabalho dos alunos no LEAD

A coordenadora Sônia Queiroz referiu a necessidade de se rever a estrutura do curso para incluir o estágio como disciplina obrigatória, tendo em conta a sua importância. No momento, vão suprimindo essa carência com o laboratório e com as aulas práticas.

No Laboratório de Letras também não se promovem estágios, segundo Ana Elisa Ribeiro, os mesmos são realizados em outras estruturas do CEFET-MG. Já no que respeita ao curso de Tecnologias da Edição, os alunos, para terminá-lo, têm de cumprir um período de estágio numa editora à sua escolha em Belo Horizonte.

Ricardo Pinto de Souza evidenciou que o estágio não está previsto no Labeledição. Contudo, há entidades, como o CNPq (um órgão de financiamento federal) e a UFRJ, que financiam bolsas para o trabalho de extensão ou de pesquisa. O coordenador acrescentou que, informalmente, passam cartas de recomendação.

No laboratório coordenado por Marília de Araújo Barcellos, os estágios são curriculares e entram num sistema denominado “ACG’s” (Atividades Complementares de Graduação). Os alunos têm de cumprir um determinado número de horas para finalizarem o curso. Já estágios remunerados acontecem por via de editais.

Por fim, no que concerne aos cursos associados ao Com-Arte e ao Laboratório de Edição (CEFET-MG), há uma disciplina de estágio obrigatória, logo os alunos devem escolher uma editora. No Labed da UFMG, a coordenadora indicou que o estágio associado ao curso não é obrigatório, mas que desejam rever e alterar essa situação. No caso do LEAD, do Labedição e do p.E.com, as bolsas de extensão funcionam como “estágio remunerado”, no entanto, servem mais a projetos de pesquisa e investigação, nomeadamente, no LEAD e Labedição. Já no p.E.com, há duas situações: existem as “ACG’s”, que são atividades curriculares, que garantem um número de horas ao aluno; por último, há dinheiro envolvido se se candidatarem a editais públicos.

De facto, a vivência do laboratório constitui, por si só, uma aproximação ao mundo profissional da Edição. De qualquer forma, a condição formal de estágio confere outro estatuto ao trabalho desenvolvido pelos alunos, pois acarreta uma maior responsabilidade e a devida remuneração. Desta forma, poderiam pôr em prática mais sistematicamente os seus conhecimentos das várias etapas editoriais. Todos os coordenadores são sensíveis a essa necessidade, por isso, seja por uma via obrigatória, opcional ou voluntária, em todos os laboratórios está presente um compromisso de trabalho formativo.

9.2. Experiência no laboratório: uma mais-valia profissional

Compreender se, de facto, o laboratório cumpre o seu papel de formador profissional é crucial para o presente estudo. E possibilitar uma mais-valia na procura de trabalho é uma das consequências.

Plínio Martins Filho realçou o facto de o laboratório garantir a oportunidade de o aluno passar por todas as etapas do processo editorial, criando o seu próprio portefólio. Destaca que do Com-Arte têm saído muitos premiados, sendo que o mercado está a dar preferência aos alunos de Editoração. Considera que o laboratório está a contribuir para a melhoria da qualidade dos livros no Brasil.

No caso do LEAD, o seu foco está direcionado para a pesquisa e investigação. Todavia, há também alunos que optam pela área do *Design*, empregando os seus conhecimentos numa editora. Ana Gruszynski explicou que, por terem alunos de várias áreas, entre elas, a Comunicação, o Jornalismo, a Publicidade, a postura deles é mais criativa e com uma noção global da cadeia editorial.

Sônia Queiroz faz notar que o mercado tem desvalorizado uma área a que o seu curso sempre deu particular atenção: a da revisão de texto. Como existe acumulação de funções dentro de uma editora, a cadeia editorial já não é respeitada como antes. De qualquer forma, os seus alunos são preparados para essa e outras etapas editoriais.

Do ponto de vista de Ana Elisa Ribeiro, o laboratório é um espaço que demanda ao aluno uma série de procedimentos similares aos do contexto profissional. Refere ainda que a editora de grande dimensão “Autêntica”, sediada em Belo Horizonte, contrata alunos do curso de Tecnologias da Edição, por gostar do seu alto nível de preparação.

O coordenador do Labedição afirmou que o laboratório acrescenta valor, mas ressalva que o momento atual é de crise no mercado editorial. Ricardo Pinto de Souza observa que a formação é profissionalizante, que há um trabalho de quotidiano editorial que interessa a quem o vive. No entanto, descreve o cenário editorial atual como muito adverso.

Marília de Araújo Barcellos relata que alguns alunos prestam serviços como *freelancer* enquanto terminam o curso de Produção Editorial. Portanto, ainda a frequentar o curso, colocam em prática as suas habilidades.

Os testemunhos dos coordenadores são unânimes: o laboratório tem uma taxa de sucesso no que concerne à entrada dos alunos no mercado editorial. Mais do que um mero repetidor ou técnico, o aluno é formado para ser um editor criativo. Entender a cadeia editorial como um conjunto, vivenciando-a na prática, diferencia estes alunos dos demais. Todavia, o cenário atual não é favorável para os alunos de Edição, uma vez que o mercado atravessa uma grande crise, contratando cada vez menos profissionais. Esta situação exige uma readaptação da academia, ou seja, cada vez mais os alunos são formados para a prática, para chegarem ao mercado já inteirados do processo editorial.

9.3. Qual o caminho: a academia ou o mercado editorial

Plínio Martins Filho comentou que o curso de Editoração sempre se direcionou mais para o mercado editorial, do que propriamente para a investigação. No entanto, essa tendência tem-se esbatido nos últimos anos, tanto é que têm publicado livros que incidem sobre trabalhos de pesquisa na área editorial brasileira. Ao longo do trajeto acadêmico, os alunos elegem as áreas que mais lhes interessam e, mais tarde, especializam-se numa determinada área. Por terem uma estrutura pequena, o coordenador lastima o facto de não oferecerem o nível de pós-graduação, o qual é bastante procurado. Por fim, há muitos alunos que fundam a sua própria editora ou empresa de serviços editoriais.

No LEAD existe duas vias usadas: a da extensão e da pesquisa. Na primeira, os alunos trabalham mais diretamente com as dinâmicas editoriais, com edição de jornais e de revistas, na segunda, em projetos de pesquisa no meio acadêmico. É nesta última via que o LEAD se demarca, como laboratório de pesquisa. A coordenadora Ana Gruszynski acrescentou que há alunos que fundam as suas próprias editoras e outros projetos independentes, e há também os alunos que se tornam professores e investigadores.

Sônia Queiroz narrou que os dois caminhos são mantidos em paralelo, criando sinergias entre a academia e o mercado. Há alunos que, terminando o curso, entram no mercado, e outros que, avançando nos estudos, trabalham como *freelancer*. Ainda, menciona que há alunos a trabalhar em editoras, e dá o exemplo de quatro ex-alunos que se reuniram e que prestam serviços editoriais.

Há um forte investimento em investigação, segundo Ana Elisa Ribeiro, muito por conta da existência de um programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem, que tem uma linha de pesquisa em “Edição, Linguagem e Tecnologia”. Os alunos percebem que ainda há muito por investigar na área da Edição e tornam-se investigadores. Também pelo mercado editorial ser de menor dimensão em Belo Horizonte, os alunos optam por prosseguir estudos. Outros há que trabalham em editoras e que criam projetos editoriais. Refere que o Estado de Minas Gerais criou leis de incentivo à cultura e essas leis permitem, entre outros, a impressão de livros.

Para Ricardo Pinto de Souza, os alunos dividem-se entre os que optam por continuar a estudar e aqueles que saem diretamente para o mercado de trabalho. Uma parte torna-se investigador no campo da Literatura, uma vez que o curso é mais centrado na Comunicação. Assim, refere que os alunos mais desejados pelas editoras seriam os da área da Produção Editorial. Ainda assim, há alunos que enveredam pelo

mercado editorial. Contudo, a região com maior oferta na área editorial não é o Rio de Janeiro, mas, sim, São Paulo.

O curso de Produção Editorial tem disciplinas voltadas para várias áreas, por isso, os estudantes escolhem inserir-se naquelas em que possuem maior interesse, seja pela via acadêmica, seja pela via laboral. Marília de Araújo Barcellos referiu que não há um único caminho, pois a estrutura do curso é ampla, uma vez que possui disciplinas focadas em audiovisual, em meios de comunicação, produção científica, literária e editorial. Normalmente, os alunos vão trabalhar fora de Santa Maria, procurando a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Não existe uma regra na escolha do caminho a seguir, porque depende dos objetivos dos alunos. Por um lado, nos cursos de Produção Editorial, por existir uma maior incidência em aspectos técnicos, o que o converte num curso profissionalizante, os alunos optam por se inserir em editoras da sua região ou fora, ou por criar o seu próprio projeto editorial. Por outro lado, devido à vontade de aprofundar estudos na área da edição, uma vez que é um campo pouco desenvolvido a nível de investigação, realizam mestrado e/ou doutoramento. À semelhança dos coordenadores, há alunos que optam pelo mesmo percurso profissional, isto é, têm experiências profissionais ora na academia, como investigadores e/ou professores, ora no mercado editorial. Também, dada a falta de oportunidades no campo editorial em regiões como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, pelo mercado editorial se concentrar mais em São Paulo, os alunos encontram na via da investigação uma boa saída. Contudo, há alunos que fazem estágios em editoras e que aí ficam. Por terem consciência da dificuldade de penetração num mercado cada vez mais concentrado e limitado, há alunos empreendedores que apostam em projetos de prestação de serviços editoriais.

10. Considerações livres

Como última questão, os coordenadores foram convidados a acrescentar alguma outra reflexão no final da entrevista. À exceção da coordenadora Sônia Queiroz, todos quiseram deixar algumas notas finais.

Plínio Martins Filho indicou que o surgimento e a aura do curso de Editoração na Universidade de São Paulo vieram contribuir para uma aproximação entre a academia e o mercado. Assim, os alunos são requisitados por editoras, uma vez que o curso procura atender aos interesses desses mesmos alunos e às necessidades das

próprias editoras. Acrescentou que há também alunos que se tornaram pequenos empreendedores.

A coordenadora Ana Gruszynski referiu que existe muita procura para pouca oferta, faltando investir-se mais na formação académica dos alunos antes de eles transitarem para o mercado. Falou na importância de uma ponte mais sólida entre a academia e o mercado através de professores com experiência nos dois âmbitos. Dados os avanços tecnológicos, acredita que é preciso reconfigurar o modelo tradicional impresso e apostar nos formatos digitais.

A prioridade de Ana Elisa Ribeiro recai no desenvolvimento e consolidação graduais do curso de Tecnologias da Edição e do seu laboratório, pelo facto de serem estruturas recentes no CEFET-MG, em Belo Horizonte e em Minas Gerais. Antes, havia um fenómeno de maior migração para os centros culturais e editoriais, como São Paulo e Rio de Janeiro, hoje, há um maior investimento em Belo Horizonte.

O coordenador Ricardo Pinto de Souza reforçou quais são as duas funções do laboratório: a formação de leitores e a formação de editores alternativos. Há uma preocupação com a mudança de paradigma no que concerne às práticas de acesso à leitura, à crise no setor editorial e, por fim, à conjuntura nada favorável da economia brasileira. De qualquer forma, reflete que é dos contextos de crise que surgem as ideias mais inovadoras e criativas.

Como nota final, Marília de Araújo Barcellos lançou o desafio de parcerias futuras entre o curso de Produção Editorial da UFSM e o de Estudos Editoriais da UA.

Os cinco coordenadores deixaram apontamentos importantes. Entre os aspetos positivos, ressaltaram que os cursos de Edição são bem acolhidos pelo mercado, principalmente, na área de projeto gráfico; que existe uma grande franja de alunos interessados em realizar nessa área a graduação e a pós-graduação; que alguns se tornam microempreendedores. Ainda, o laboratório é responsável pela formação de leitores e de editores alternativos, porque fomenta o gosto pela leitura, ao mesmo tempo que dá ferramentas necessárias para usar no mercado. Entre os aspetos negativos, salientam a crise económica brasileira que afeta o mercado e, consequentemente, a academia. A par disso, o império dos meios tecnológicos veio interferir na cadeia editorial, havendo cada vez menos lugar para jovens em início de carreira; além de que há sobreposição de funções e os processos são automatizados e em escala. Outro problema que está na base, e que é necessário discutir, é o facto de os brasileiros lerem pouco e, quando o fazem, recorrerem à *internet* como forma de adquirir gratuitamente um livro. A pirataria tem um lado positivo, porque permite a circulação da leitura, mas agudiza a crise editorial brasileira e não só.

4.5. Discussão

Apresenta-se abaixo um quadro com as ideias gerais referidas pelos seis coordenadores referentes às dez perguntas do guião de entrevista.

Tabela 3 – Síntese dos resultados das entrevistas

Pergunta	Conceitos-chave	Resumo
1	Profissão; Universidade; Formação; Mercado; Edição.	1. A formação académica dos entrevistados conecta-os com o mercado editorial. 2. Foi a sua passagem pelo mercado editorial que levou ao seu investimento na carreira da docência.
2	Criação do laboratório; Quando; Por quem; Onde; Como; Porquê; Editora versus Laboratório.	1. As respostas às perguntas “Como” e “Porquê” indicaram similitudes nas respostas, por se tratarem de objetivos comuns a todos os laboratórios. 2. Os entrevistados apontaram opiniões semelhantes no que toca às diferenças entre o conceito de editora universitária e ao de laboratório de edição. 3. Já em questões como “quando”, “por quem” e “onde”, houve variação no conteúdo.
3 4 5 6	Catálogo; Atividades; Distribuição; Divulgação.	1. Nas questões número 3 e 4, os critérios usados para a publicação de títulos e a realização de atividades estão de acordo com as necessidades e metas de cada curso e respetivas disciplinas. Os materiais servem de aporte teórico, assim como de experimentação editorial dos alunos. 2. Já no respeitante às questões 5 e 6, a distribuição é assegurada pela editora universitária (quando há protocolo) ou pelos próprios professores e alunos; a divulgação é feita nos meios de comunicação institucionais e nas redes sociais.
7	Financiamento; Orçamento; Universidade; Autossustentabilidade.	1. Dificuldades inerentes à gestão financeira que está diretamente relacionada com o facto de os laboratórios serem parte integrante de uma instituição académica. 2. Poder de ação condicionado, principalmente, na angariação de recursos materiais para a manutenção dos laboratórios. 3. Suposição da autossustentabilidade como solução alternativa.

8	Parcerias; Protocolos; Editoras; Gráficas; Estratégia.	<p>1. A criação de sinergias entre laboratórios, editoras, gráficas e outras entidades é uma via com muitas oportunidades.</p> <p>2. Existência de parceiros que apoiam nos vários projetos.</p>
9	Estágio; Trabalho; Curricular; Profissional; Investigação; Mercado.	<p>1. Laboratório funciona como primeira abordagem profissional para os estudantes de Edição e áreas afins.</p> <p>2. Oferta de estágios em regime curricular e/ou profissional, seja no curso ou através de bolsas de extensão.</p> <p>3. Condução dos alunos para a pesquisa ou para a entrada direta no mercado editorial.</p> <p>4. Alunos são pequenos empreendedores: fundam editoras, empresas de prestação de serviços editoriais ou trabalham como <i>freelancers</i>.</p>
10	Conclusão; Opinião.	<p>1. Os coordenadores referem aspetos positivos, entre eles:</p> <ul style="list-style-type: none"> > importância da área da Edição para a formação de profissionais procurados pelo mercado; > interesse dos alunos em prosseguir estudos na área; > especialização na área converte alunos em empreendedores; > formação de leitores e de editores alternativos. <p>2. Como aspetos negativos, mencionam:</p> <ul style="list-style-type: none"> > a crise económica brasileira afeta o campo editorial; > o trabalho automatizado dentro das editoras faz diminuir a contratação de profissionais recém-formados; > falta de cultura literária; > acesso à leitura através da <i>internet</i> faz com que se comprem cada vez menos livros em formato físico.

De acordo com as afirmações dos entrevistados, é possível retratar um panorama muito fértil e esperançoso no que respeita às práticas formativas desenvolvidas no âmbito dos cursos associados à Edição. De facto, os seis casos brasileiros são representativos do diálogo frutífero e estratégico entre a academia e o mercado editorial. As potencialidades dos estudantes são tidas em conta por professores que conhecem, por experiência própria, o mercado e que os encaminham para as suas áreas de interesse, atendendo também às necessidades das editoras. Pela capacidade inovadora e inventiva dos laboratórios, assim como pela liberdade e responsabilidade depositadas nos alunos, muitos tornam-se empreendedores na área editorial. Os laboratórios, embora sejam espaços destinados à atividade editorial,

estão abertos à participação de todos os membros da academia. Muitas vezes, são promovidos eventos abertos com o intuito de divulgar o curso e o laboratório e de envolver novos participantes que tenham curiosidade pelo campo editorial.

No entanto, há aspetos menos positivos a ter em consideração. Dizer que os laboratórios estão inseridos numa rede complexa do sistema, isto é, respondem aos cursos, estes às universidades e estas ao Ministério da Educação. Portanto, estas ligações interferem diretamente na vivência do espaço académico. Pelo testemunho de alguns coordenadores, os cortes que se fazem sentir na educação pública brasileira estão a condicionar o poder de ação, principalmente, dada a falta de recursos financeiros. Tendo de gerir um orçamento mais baixo, na maior parte das vezes, os professores têm de recorrer a concursos públicos, o que significa que têm de se submeter a processos algo complexos e morosos para obter algum apoio pecuniário. Pela dificuldade subjacente, uma das coordenadoras confessou evitar concorrer aos editais, por isso, internamente, solucionam a questão através de um “mealheiro” coletivo. Uma outra coordenadora disse sentir um desamparo por parte da universidade, por esta não compreender a importância da área da Edição.

Nesse sentido, os obstáculos ao nível macro influenciam a área editorial, na medida em que as editoras estão a contratar menos pessoas e usam outros meios mais eficientes, produzindo em escala. Esse cenário é descrito por vários coordenadores que estão atentos a essas mudanças e procuram alertar os alunos para essa realidade. Por conseguinte, os fenómenos económicos desfavoráveis influenciam a sociedade, e, neste caso, a forma como o mercado editorial e os cursos de Edição dialogam. Como principais obstáculos podem ser vistos a crise económica e a mudança tecnológica que espoliou diversos desafios. Ainda assim, é notória a consciência de que, do meio das crises, há lições a retirar e oportunidades a agarrar. Desde logo, é apontado o facto de se poder experimentar e criar livremente. Os coordenadores referem que o que demarca os laboratórios é precisamente essa capacidade criativa e inventiva que agrega valor à formação dos alunos na prática.

A interdisciplinaridade é um fator inerente aos laboratórios, na medida em que acolhe alunos oriundos de outras áreas do conhecimento, como a Literatura, a Comunicação, o Jornalismo, a Publicidade, o *Design*. No caso da Produção Editorial, são muitos os alunos premiados pelos seus projetos gráficos de elevada qualidade. Os laboratórios formam simultaneamente leitores e editores, comprovando a máxima de que um bom editor é, antes de mais, um grande leitor. Consequentemente, há muitos alunos que se convertem em editores e prestam outros serviços editoriais em áreas como a revisão, a tradução, o projeto gráfico. E há outros que optam pela investigação, inserindo-se em grupos que pesquisam o mercado editorial e a história

da edição. Além disso, há redes de investigação nacionais e internacionais que permitem um intercâmbio com outras universidades, cursos e laboratórios.

Pelo facto de o mercado editorial estar maioritariamente centralizado em São Paulo, outras iniciativas têm acontecido fora desse polo, nomeadamente, em Belo Horizonte, Santa Maria e Porto Alegre. No CEFET-MG e na UFSM, há um forte envolvimento dos laboratórios com a região, por meio de eventos que ocupam espaços culturais das cidades e pela participação em feiras do livro. As sinergias que se criam entre as universidades e as cidades traduzem a necessidade de a academia ir mais além na formação de novos públicos consumidores do livro e da leitura.

5. Conclusão

5.1. Limitações do estudo

Dada a novidade do tema investigado, fazendo com que a informação tivesse sido extraída das páginas *web* dos laboratórios e das seis entrevistas, o presente estudo possui um carácter exploratório e limitado/circunscrito.

Foram realizadas conexões com o mercado editorial latino-americano, mais propriamente com o brasileiro, e com a educação para a prática. Por ser um mercado de enorme dimensão e em ascensão constante, o mercado editorial brasileiro é diverso e profuso, o que ajuda a explicar o aumento de cursos relacionados com a Edição. Desta forma, os cursos universitários adaptam-se a este campo profissional. Ou seja, há uma maior sensibilidade para valorizar a prática em estreita relação com a teoria. Mais do que formar técnicos, é importante formar profissionais com uma noção ampla da cadeia de valor do livro e com a capacidade de introduzir um diferencial aquando da sua inserção no mercado laboral. Nesse sentido, as práticas pedagógicas no Brasil têm acompanhado esse fenómeno.

Tendo em conta que o tema em análise era bastante específico, as extrapolações realizadas foram sempre feitas com base nas respostas dos coordenadores. O seu testemunho na primeira pessoa foi indispensável para compreender a vivência na prática de cada laboratório e assim poder elaborar a presente investigação.

5.2. Recomendações para futuras investigações

Com base neste primeiro estudo, é importante continuar a analisar o fenómeno dos laboratórios de edição. Urge que se investigue cientificamente o seu poder de ação, através da elaboração de estatísticas anuais, que deem conta do trajeto do aluno antes, durante e após a sua entrada no curso. Interessa perceber, por exemplo: a origem dos alunos que entram em cursos de Edição; os seus objetivos académicos e profissionais; a sua entrada no mercado editorial; entre outros.

Os laboratórios são modelos essenciais para a aprendizagem na prática. Nas palavras do coordenador Plínio Martins Filho:

Determinados cursos exigem, além da teoria, muita prática. O curso de Editoração é um deles: é fundamental fazer os livros. Fazendo um paralelo bem amplo, é como se você tivesse um curso de Medicina sem um hospital-escola para os futuros médicos praticarem. Então, se se cria um curso para ensinar a editar, é necessário ter uma editora⁴, senão, o curso não vai funcionar.

Os seis laboratórios em estudo provam que dar liberdade de ação a alunos e professores permite obter resultados positivos e animadores no que concerne ao sucesso académico e profissional. No entanto, foram também encontrados aspetos menos positivos, particularmente, no que respeita à questão orçamental. Devido às contingências financeiras por que passam as universidades públicas brasileiras, os laboratórios têm de arranjar vias alternativas para obter verba para os seus projetos e atividades. Além disso, têm de repensar o seu modelo de atuação, visto que o mercado editorial está em constante reconfiguração, devido ao fenómeno tecnológico e às novas formas de acesso à leitura, principalmente, as digitais.

Em suma, são vários os fenómenos que têm de ser considerados em futuros trabalhos de investigação. Pretende-se que esta dissertação abra caminho para estudos que incidam sobre o funcionamento de laboratórios de edição e práticas formativas e editoriais em contexto académico. E, sobretudo, para o investimento na criação de espaços de experimentação, cada vez mais necessários numa Universidade em mudança, em que o modelo tradicional de educação está caduco e, por isso, dá-se as boas-vindas a novos modelos de ensino e aprendizagem.

⁴ O coordenador refere-se a “editora-laboratório”.

Não se pode deixar de fazer um paralelo com a realidade da Universidade de Aveiro, uma vez que também possui um curso nos níveis de licenciatura e de mestrado em Estudos Editoriais. Nesse sentido, as unidades curriculares mais práticas que o curso oferece são: Multimédia, Multimédia Editorial e *Design* Editorial. Nestas unidades, o aluno aprende a manejar programas de edição, como o *Indesign* e o *Photoshop*, e pode assim criar um livro, uma revista, uma página *web*, entre outros. No entanto, são unidades curriculares que são fechadas, no sentido de que não existe diálogo com as outras unidades do curso. Portanto, o aluno cria um projeto específico como exercício proposto pelo professor. Essa falta de complementaridade e comunicação entre as várias unidades curriculares de Estudos Editoriais limita as potencialidades de um curso que deveria, na sua essência, estar em diálogo direto com a prática, uma vez que tem um pé na academia e outro no mercado editorial.

A este propósito, no mestrado em Edição de Texto, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma das unidades curriculares chama-se precisamente “Laboratório de Edição”. A proposta de criação do laboratório partiu da iniciativa de uma aluna do mestrado, curiosamente, brasileira. Com os seus colegas, desenhou um modelo de laboratório, de forma a servir de extensão ao mestrado. Na sua descrição, refere:

O Laboratório de Edição é um projeto voltado à pesquisa e publicação de temas relacionados aos livros: propagação da leitura, crítica literária, arte e edição. O programa tem por objetivo ofertar oficinas livres sobre produção editorial e a realização de atividades e debates voltados ao exercício de edição, produção acadêmica, impressão e história do livro.

Para finalizar, resta evidenciar a importância da licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro como espaços de reflexão crítica do fazer editorial e livreiro. Por serem os únicos cursos a nível nacional que proporcionam uma formação académica na área da Edição, merecem um destaque especial. É graças à sua existência que é possível entender o livro e a leitura como fenómenos cada vez mais indispensáveis, principalmente, para quem tem um compromisso para com a educação e a cultura. Por esta razão, resta lançar o repto às coordenações de ambos os cursos para que procurem replicar na Universidade de Aveiro o modelo de laboratório de edição já existente nas seis universidades brasileiras em estudo e na Universidade Nova de Lisboa.

6. Bibliografia

Ausubel, David P, Novak, Joseph D, Hanesian, Helen. 1968. *Psicologia Educacional*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interamericana.

Bardin, Laurence. 1996. *Análisis de contenido*. 2ª ed. Madrid: Akal.

Barthes, Roland. 1975. *Escritores, intelectuais, professores*. In: *Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios*. Lisboa: Presença. p. 25-61.

Bauman, Zygmunt. 2001. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

_____. 2009^a. *Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Entrevista a Alba Porcheddu*. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 37, p. 661-684, maio/ago.

Bertaux, Daniel. 1997. *Les Récits de Vie: Perspective Ethnosociologique*. Paris : Nathan.

Bide, Mark, Kahn, David, Max-Lino, Richard e Potter, E. J. 2000. *The Scale of Future Publishing in Digital and Conventional Formats*. A report to British Library Policy Unit by Mark Bide & Associates.

Borges, Jorge Luis. 1968. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.

Bragança, Aníbal. 2017. *Entrevista - Inovações do digital frente ao impresso*. In: Marília de Araújo Barcellos, (Org.), *Estudos Editoriais, volume I - Série Caleidoscópio*, Santa Maria: Editora Experimental pE.com UFSM, v. 1, p. 15-31.

Ceccantini, João Luís. 2016. *Capítulo 5 – Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*. In: *Retratos da leitura no Brasil 4*, Instituto Pró-livro. Rio de Janeiro: Sextante. p. 83-98.

Chartier, Roger. 1998. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*, 1ª reimpressão. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP.

Coelho, Teixeira. 2001. *O que é ação cultural*. (Coleção primeiros passos; 216). São Paulo: Brasiliense.

Derrida, Jacques. 2001. *Papier Machine*. Paris: Éditions Galilée.

Eco, Umberto. 1987. *Lector in fabula: la cooperación interpretativa en el texto narrativo*. Barcelona: Lumen.

_____, Carrière, Jean-Claude. 2010. *Não Contem com o Fim do Livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record.

Freire, Paulo. 1967. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. 1996. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra.

Goldenberg, Mirian. 2004. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.

Guerra, Isabel Carvalho. 2006. *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentido e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.

Marques Neto, José Castilho e Rosa, Flávia. 2010. *Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema*. In: A. Bragança, M. Abreu (eds.). *Impresso no Brasil – Dois Séculos de Livros Brasileiros*, São Paulo, Editora Unesp e Fundação Biblioteca Nacional, pp. 331-347.

_____. 2016. *Capítulo 3 – Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas – Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados*. In: *Retratos da leitura no Brasil 4*. Instituto Pró-livro. Rio de Janeiro: Sextante. p. 57-73.

Medeiros, Nuno. 2015. *Circunstâncias globais e tendências recentes no espaço editorial do livro universitário português*. *Análise Social*, 216, I (3.º), pp. 582-603.

Moreira, Daniel Augusto. 2007. *Entrevistas e estudos de caso*. FECAP. São Paulo.

Muniz Jr, José de Souza. 2012. *Políticas editoriais, políticas públicas: análise de cinco vozes críticas às transformações do campo editorial*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

Petrucci, Armando. 1997. *El desorden de la lectura*. In: *Historia de la lectura en el mundo occidental*, Robert Bonfil et al, bajo la dirección de Guglielmo Cavallo y Roger Chartier. Madrid: Taurus. D.L., 585 p., p. 17-21.

Tantas páginas (2012), *Paulo Franchetti, director da editora da Unicamp: 'O acordo ortográfico é um aleijão'*, disponível em <<http://tantaspaginas.wordpress.com/2012/02/07/paulo-franchetti-director-da-editora-da-unicamp-o-acordo-ortografico-e-um-aleijao/>>, [consultado em 27-02-2018].

Yin, Robert K. 2001. *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Trad. Daniel Grass. 2.ed. Porto Alegre: Bookman.

Netgrafia

Com-Arte. www.usp.br/cje/comarte

Laboratório de Edição, Cultura e Design – LEAD. <https://www.ufrgs.br/lead/>

Laboratório de Edição – Labed. <http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/>

Laboratório de Edição. <http://www.lettras.cefetmg.br/>

Laboratório de Edição (Labedição). <http://www.labedicao.com/index.html>

Editora Experimental pE.com UFSM. <http://coral.ufsm.br/pecom/>

7. Anexos

Transcrição integral das entrevistas

Autorizações dos entrevistados

ANEXO 1

Entrevista de Plínio Martins Filho

Identificação do entrevistado: Plínio Martins Filho
Nome do laboratório: Com-Arte
Nome do curso: Editoração
Nome da Universidade: Universidade de São Paulo (USP)
Data da entrevista: 15/08/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: *Online (Skype)*
Hora de início e de término: 13h57-15h08
Duração: 1h11

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

Sou editor, trabalho na edição de livros desde 1971. Já são mais de quarenta anos que faço livros, e, até o momento, já editei mais de três mil títulos. Agreguei a isso a carreira acadêmica: sou professor no curso de Editoração da Universidade de São Paulo e coordeno a Com-Arte – Editora-Laboratório do curso em que os alunos têm a oportunidade de exercitar na prática todo o processo de edição – Do Autor ao Leitor.

Origem dos laboratórios - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

Em 1973, deu-se a fundação do laboratório. Nessa época, eu ainda não estava na universidade. Quando comecei a lecionar, em 1986, já existia o laboratório, mas a produção era um pouco mais amadora, sem a participação de um profissional editor. Comecei a coordenar o laboratório a partir de 1986. Atualmente, de lá para cá já editamos cerca de duzentos títulos. Somos o único curso de Editoração no Brasil – nós temos seis ou sete – que tem uma editora-laboratório. Creio que no mundo não haja um curso de Editoração tão bem estruturado e preparado para formar as pessoas neste campo. Ao sair do curso o aluno tem um portfólio a mostrar: “O meu nome está aqui, eu fiz o livro, eu fiz a revisão, eu fiz o projeto gráfico”. Os alunos frequentam o laboratório no quinto, sexto e sétimo semestres, isto permite que eles tenham prazo para selecionar, editar e lançar os livros – passam por todo o ciclo da edição.

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

Somos três professores no laboratório: um dá ênfase ao texto, outro à comercialização, e o outro faz a administração e produção. São três professores-editores que orientam como se fosse, de fato, uma editora. Os alunos que participam desse laboratório são, em sua maioria, aqueles que fazem o curso de Editoração, porém, recebemos também alguns alunos de outros cursos, principalmente, de Letras, Jornalismo e Artes Visuais, que fazem o laboratório como matéria optativa, de modo a complementar suas formações.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

No Departamento de Jornalismo e Editoração. Temos duas salas com vários computadores. O curso é pequeno, ingressam por ano apenas quinze alunos, o que permite um ensino quase pessoal, um permanente diálogo. Um curso de Editoração, de fato, não existe sem essa parte

prática. É muito importante que, quem tiver a ideia de criar um curso semelhante, não dissocie teoria e prática. Um editor é o que ele faz. Não adianta mostrar só teoria e dizer: “Eu fiz um curso de Editoração”. É preciso mostrar. Isso não quer dizer que o nosso curso seja técnico, muito pelo contrário, ele tem uma carga humanística superior às matérias práticas. Temos disciplinas de Literatura, História do Livro, Gramática, Cultura Brasileira – todas essas matérias têm seu peso. O laboratório é onde os alunos vão aplicar os conhecimentos adquiridos nas demais disciplinas do curso.

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

O aluno pratica e é avaliado durante três semestres. No entanto, não há nenhuma dificuldade. Às vezes, o que pode acontecer é não termos verba suficiente, já que editar livros tem custos financeiros altos, então, para viabilizar as edições, procuramos parcerias. Ainda há empresários que são sensíveis quando são solicitados a colaborar. Eu tenho um amigo que é dono de uma gráfica, que inclusive é português, e havia cursado Administração na universidade e continuava usando sua estrutura para jogar tênis e para outras atividades. Conversei com ele e perguntei se ele não podia, já que usava a universidade durante tantos anos, dar algo em troca; ele me perguntou o que eu gostaria: “Eu gostaria que você fizesse os livros dos alunos do curso de Editoração”. “Posso fazer, tudo bem”. Então, ele imprime de sete a oito títulos por ano. A universidade também dá uma verba para o laboratório, de modo que parte dos livros é financiada pela instituição e parte com apoios e patrocínios como este da gráfica.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

O objetivo do laboratório é proporcionar uma vivência dos alunos como se eles estivessem em uma editora de fato. Eles escolhem o texto, fazem a revisão, o projeto gráfico, aprendem a administrar a editora e a orçar os livros nas gráficas. Ou seja, cada aluno acompanha o livro desde a seleção até seu lançamento no mercado. Esse laboratório surgiu, porque as editoras privadas não ofereciam estágios aos alunos, alegando que um estagiário de Editoração dava muito mais trabalho do que ajudava. Os editores reclamavam da formação prática dos alunos. O laboratório foi, de alguma forma, um substituto para esse primeiro contato com a prática editorial e isso quebrou essa resistência do mercado em abrir vagas para os alunos de Editoração. Tanto que os alunos, no segundo ano, já estão, de alguma forma, estagiando profissionalmente em editoras, não só nas públicas, mas também nas editoras privadas. Antes do curso de Editoração, a mão de obra das editoras, em geral, vinha das Letras. Hoje, aqui no Brasil, as editoras preferem o aluno formado em Editoração, porque ele tem uma boa formação técnica e humanística. Os egressos em Letras, muitas vezes, lidam mais com o texto. Os alunos de Editoração lidam com todas as etapas da edição de um produto editorial.

O laboratório surgiu com esse objetivo. Desde o início, foi pensado para que propiciasse a vivência de uma editora. Acontece que hoje ele está se transformando praticamente numa editora, com uma qualidade editorial que o está transformando em mais uma editora da Universidade de São Paulo, só que feita pelos alunos. O caráter de laboratório se mantém, porém, agora temos uma maior exigência quanto ao produto final. A distribuição dos livros editados pela Com-Arte é feita pela EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), uma editora que, apesar de universitária, tem forte participação no mercado editorial brasileiro.

Quanto à escolha das publicações, damos preferência aos assuntos da nossa área. Temos uma coleção que tem a preocupação de saber o que os editores pensam, chamada “Editando o Editor”. Os alunos recolhem depoimentos de editores renomados, transcrevem, editam – todo o processo de edição, desde a recolha do texto até a edição do livro propriamente dito. Outra coleção é a “Memória Tipográfica”, que realiza um resgate histórico-cultural de questões editoriais dos séculos XIX e XX, republicando alguns livros da época. Há também a coleção “Memória Militante”, que é fruto de depoimentos de pessoas que lutaram contra a ditadura civil-militar no país, um projeto muito bem-feito, premiado graficamente. Temos a coleção “Resgate Literário” que reedita obras literárias em domínio público; esta coleção está ligada à disciplina de Ecdótica. Além dessas coleções, foram editados livros sobre a crise financeira da Universidade e um livro essencial para reflexão sobre nosso meio, Livros e Universidade, resultado de um seminário com editores universitários da Europa, Estados Unidos e América Latina.

2.5.1. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

Fui editor da EDUSP durante 26 anos. A editora da universidade tem um sistema de seleção que é diferente, sendo publicados cerca de sessenta/oitenta livros por ano – livros que são apenas avaliados pelo mérito, jamais pelo valor comercial. Essa editora tem livreria, tem distribuição, atua como uma editora normal no país. Tem suas dificuldades burocráticas, sim, mas o livro feito pelas universidades brasileiras não tem mais tanta resistência para entrar nas livrerias.

O curso, na realidade, forma quadros para a própria editora da universidade, a EDUSP. A editora-chefe, a designer, as pessoas que cuidam de textos, três revisores, todos são formados em Editoração. O laboratório proporciona isso. A EDUSP também oferece estágios para os alunos de Editoração, de quatro a cinco por semestre. Esses alunos vão se profissionalizar um pouco mais na própria editora da universidade, o que é bom, pois ela tem um ótimo conceito. Se o aluno faz estágio na EDUSP, tem uma porta aberta para o mercado.

Numa etapa anterior do laboratório, os próprios alunos eram responsáveis pela escolha do título. Atualmente, estamos orientando para que eles atuem como é praxe em uma editora: emitir pareceres, que são avaliados pelos professores responsáveis. Eles têm espaço para experimentação, projeto gráfico para novas coleções ou livros individuais. No mercado, nas editoras particulares e mesmo nas universitárias, não há tanta liberdade, então, o laboratório permite que eles experimentem e vivenciem mais as práticas editoriais.

Essa é a principal diferença que há entre o laboratório e a editora universitária. Não estamos formando técnicos, estamos formando pessoas, editores. Esse é o foco principal. Formar técnicos não é fácil, mas profissionais com nível cultural e humanístico é muito mais difícil. Daí a forte ênfase na formação cultural, a parte técnica é realçada nos três semestres de laboratório. Não queremos repetir o mercado, queremos contribuir, renovar, levar bons profissionais, bons editores.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

A seleção se dá como em qualquer editora: os autores enviam os originais que serão analisados. Os próprios alunos leem e emitem pareceres. Os professores junto com os alunos analisam e decidem se editam ou não. A aprovação final é responsabilidade dos três professores.

Temos, como já falamos, várias coleções. Uma muito interessante, que se configura como projeto de extensão, é a “Primeira Impressão”. A ideia é descobrir autores talentosos para que tenham a sua primeira obra editada, sem custo nenhum. Esse é o grande desafio, pois a função do editor é descobrir autores talentosos e publicar bem os livros. Alguns já se transformaram em autores inseridos no mercado. Eles tiveram essa oportunidade com a editora-laboratório, que é ligada à universidade, ao curso de Editoração.

Há também os TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso) dos alunos que, em alguns casos, se o trabalho for muito bom, será publicado. O catálogo vai se formando dessa maneira. Além das coleções, temos livros avulsos, livros experimentais (dobraduras, livros-objeto) que são desenvolvidos na disciplina Produção Editorial, que desafia os alunos a criarem um livro conceitual. A editora-laboratório proporciona essa reflexão, e permite uma vivência de todas essas etapas da produção de um produto editorial (livro, revista, e-book, etc.).

4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

Há uma atividade anual, o “Fórum de Editoração”. Os alunos decidem os temas que querem discutir, convidam especialistas para falar, conversam com patrocinadores e encontram um local para sediar o evento. Há muito interesse pela área da Editoração, de forma que o público chega a duzentas, trezentas pessoas.

Também dirijo na universidade o Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE), e, juntamente com o curso de Editoração, promove alguns encontros. Em 2016, foi realizado um seminário, “Editor ou Publisher?”, questionando a diferença entre um e outro, se ainda existe o editor à maneira antiga ou se tudo hoje é robotizado. Foi muito bom, um público muito grande. Um segundo, “A Arte de Editar Texto”, teve como objetivo divulgar e conhecer os profissionais

que preparam o texto. Procuramos nesse encontro valorizar os revisores e preparadores de texto. Apesar de haver no curso disciplina sobre edição de livro digital, a ênfase ainda é o livro impresso. Acreditamos que o livro digital ainda é um simulacro do livro impresso. Se você aprende a fazer este, é claro que fazer o digital fica muito mais fácil.

5. Como fazem a distribuição?

Aqui no Brasil uma quota dos livros é para mandar para a imprensa, em geral, 10% da tiragem. E também esse grupo cuida do lançamento do livro, promove um evento, ou seja, procura um local, entra em contato com a livraria, cadastra os livros nos distribuidores, faz e envia os convites. Às vezes, vão ao próprio lançamento, levam a maquininha de cartão de crédito, faturam, vendem..., fazem tudo. Participam também das feiras de livros. Anualmente, há dezenove anos, acontece aqui no campus da USP a “Festa do Livro”, o maior evento cultural da universidade, em termos de venda e de público, porque todos os editores que participam são obrigados a dar um desconto de pelo menos 50%. Os alunos participam dessa feira, com um estande onde apresentam os livros editados pela Com-Arte.

6. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blogue e redes sociais?

No laboratório, as atividades estão divididas entre três professores-coordenadores: eu, que cuido da produção e administração; a professora Marisa Midori Deaecto – grande historiadora do livro, pessoa de uma cultura fantástica – cuida da parte comercial, da divulgação; e o professor Thiago Mio Salla cuida da qualidade do texto, já que domina mais essa área por ser formado em Jornalismo e em Letras.

Quando o livro fica pronto, vai para o grupo de divulgação. A professora Marisa seleciona quatro/cinco alunos e distribui as tarefas: quem vai cuidar das mídias impressas e digitais; quem vai fazer os paratextos, os releases; quem vai fazer a divulgação e distribuição.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

O curso de Editoração divide o departamento com o de Jornalismo, e há uma verba para os laboratórios. O Jornalismo tem uma verba para fazer os jornais-laboratórios impressos. Como já dissemos, parte de nossa produção é financiada pela universidade e parte conseguimos parcerias, principalmente, com gráficas, que ajudam a universidade a formar melhor as pessoas, nossos alunos. Procuramos também gerar recurso através das vendas das obras – tudo o que é vendido volta para o laboratório, para financiar novos livros. As atividades como o “Fórum de Editoração” e os seminários são todos gratuitos.

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a chave de sucesso?

Como a finalidade do laboratório é a formação e o aperfeiçoamento do aluno, a sustentabilidade financeira não é uma meta. Não é o nosso objetivo. Determinados cursos exigem, além da teoria, muita prática. O curso de Editoração é um deles: é fundamental fazer os livros.

Fazendo um paralelo bem amplo, é como se você tivesse um curso de Medicina sem um hospital-escola para os futuros médicos praticarem. Então, se se cria um curso para ensinar a editar, é necessário ter uma editora, senão, o curso não vai funcionar. Sei da importância que a prática tem, por ser um profissional da Editoração há muitos anos. Essa exigência do saber editorial é essencial para a formação, pois sem isso você restringe as possibilidades de atuação dos formandos. O editor deve ter o domínio editorial completo de todas as práticas: avaliar, selecionar e editar. Tem que mostrar o conhecimento, ser respeitado. Quando você edita e não domina o seu métier, terá muitos problemas com as gráficas, que muitas vezes entregam o livro com especificações diversas daquelas solicitadas e com qualidade aquém do que foi exigido. Todos os anos, levamos os alunos para visitar uma grande gráfica e acompanhar in loco todo o processo. É nesse sentido que o laboratório se insere. Se você vai criar um curso de Editoração, é essencial um laboratório. Como falei, o editor é avaliado pelo que ele faz.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Na realidade, o protocolo com a EDUSP é um contrato de prestação de serviço de distribuição. Aqui no Brasil, trabalhamos com o sistema de consignação. A Com-Arte distribui seus títulos através da EDUSP, que fica com 60% do valor do livro.

Quanto às parcerias com as editoras e gráficas, é bem informal, o que pode ser ruim, porém também pode ser bom. Como estamos passando a ser de fato uma editora, estamos começando a formalizar, uma espécie de documento que comprova que certa empresa se compromete a realizar determinados serviços para a Com-Arte. A principal parceria é com a Lis Gráfica e Editora.

As coleções “Memória Editorial” (teses acadêmicas feitas sobre editoras brasileiras), “Reserva Literária” e “Editando o Editor” são feitas em parceria com a EDUSP. Nós preparamos o texto, a composição, revisão, e entregamos o arquivo; e a editora providencia a impressão, como se fosse uma coedição – o livro sai com dois logotipos, o da Com-Arte e o da EDUSP.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

Na realidade, não existem estágios no laboratório, ele é uma disciplina dividida em três semestres do curso de Editoração. Os alunos podem fazer estágio em qualquer outra editora, mas é escolha deles, não são obrigados. Na verdade, as editoras até os disputam, querem alunos de Editoração, alguém que pense o livro como um todo.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

O laboratório permite ao aluno formar seu próprio portfólio. Ele faz desde o convite para o lançamento do livro, o projeto gráfico de um livro até sua comercialização. O mercado brasileiro está dando preferência para alunos formados em Editoração. Se o aluno fez algo com qualidade no laboratório, também terá condição de fazer na editora comercial.

Estamos fazendo um levantamento de quantos egressos do curso foram premiados. Já temos dezenas de ex-alunos que ganharam prêmios de design, de capa, do próprio livro como produto. Nunca foi feito um estudo para avaliarmos o quanto estamos contribuindo para a melhoria dos livros no Brasil, mas há sinais evidentes disso. Esses alunos não serão meros repetidores, não serão apenas técnicos, sabem ser criativos: estão fazendo algo para melhorar a qualidade das edições. O livro exige paixão do profissional, sem isto, o editor não funciona. Esses alunos têm se dedicado, e temos visto uma boa contribuição.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?

No curso de Editoração, até uns seis anos atrás, praticamente não existia pesquisa acadêmica. Hoje, muitos fazem iniciação científica, com orientação dos professores. Temos várias editoras criadas por alunos formados pelo curso.

A grande maioria dos alunos é formado por mulheres: dos quinze que entram, em média, doze são mulheres. Não me pergunte o porquê, mas isso tem predominado nos últimos anos. Houve uma época que você tinha 80% de descendentes de orientais – a comunidade japonesa no Brasil, em especial, em São Paulo, é bastante numerosa.

Durante os quatro anos de formação, os alunos optam pela área em que têm uma maior afinidade: uns vão para a área de texto; outros para o design; uma parte, vai para a área de direitos autorais, marketing. Entretanto, não dá para formar especificamente os alunos nessas áreas. Após terminar o curso, vão se especializar. Infelizmente, o nosso curso não tem pós-graduação. É muito procurado, mas é um curso muito pequeno e não teríamos estrutura para manter uma pós-graduação. Os trabalhos da área de pesquisa editorial brasileira, às vezes,

são desenvolvidos fora do curso por professores que têm vínculo na História, na Literatura, nas Letras. A quantidade de trabalhos de pesquisa na área editorial brasileira tem sido bastante expressiva, de forma que hoje temos um catálogo grande de livros sobre livros, tanto na Com-Arte quanto na EDUSP. Talvez eu tenha contribuído com isso, sendo editor e professor de Editoração.

Considerações livres

10. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Como eu disse, o mercado, há alguns anos, sequer conhecia o curso de Editoração. Ele talvez seja o menor curso da universidade (quinze alunos por ano), que tem, ao todo, cerca de oitenta mil alunos.

Para tornar o curso mais conhecido, foi feito um trabalho de divulgação junto ao mercado, principalmente, por meio da revista Artigo Definido, editada pelo laboratório e distribuída na Bienal Internacional do Livro. Os próprios alunos distribuíam a revista nos estandes das editoras. Isso mudou a visão das editoras que possuem uma preocupação maior com a qualidade, que começaram a procurar estagiários do curso de Editoração.

No laboratório, vamos identificando as afinidades de cada um, e, quando alguém pede, indicamos aqueles que têm um perfil mais próximo do procurado. Indicamos aquele que tem potencial para se desenvolver.

As editoras têm aceitado muito bem o curso, por ele ser muito necessário. Uma das áreas mais procurada é a de projeto gráfico. Porém, em quase todas as editoras, os serviços são terceirizados. Assim, boa parte dos alunos se tornam microempreendedores, criando empresas para prestação de serviços (revisão, projeto, composição).

ANEXO 2

Entrevista de Ana Gruszynski

Identificação do entrevistado: Ana Gruszynski
Nome do laboratório: Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD)
Nome do curso: Comunicação e Informação
Nome da Universidade: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Data da entrevista: 02/08/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: *Online (Skype)*
Hora de início e de término: 15h03-16h58
Duração: 1h55

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

Eu sou formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jornalismo Gráfico e Audiovisual. A minha área de atuação foi sempre no campo do desenvolvimento gráfico do design. Então, mesmo depois de formada, eu, inicialmente, trabalhei alguns meses em um estúdio de design. Depois, inclusive, tive a experiência em agência de publicidade. Mas, a partir daí, eu me direcionei bastante para o mercado editorial. Então, a minha história profissional sempre foi no trabalho com materiais editoriais, tanto os jornais, mas muito na área de revistas; enfim, edição de livros; tenho trabalhos como ilustradora de livros infantis. Então, toda minha vida, depois, foi ligada ao design e ao âmbito editorial. Eu ingressei na universidade em 1997 como professora dentro dessa área da parte de design e comunicação visual, dando aula para os três cursos. A nossa universidade tem curso de Publicidade, curso de Relações Públicas e curso de Jornalismo. Então, nós não temos uma área de atuação específica no campo editorial em termos de formação. Dentro da universidade, então, eu entrei apenas como graduada, em função de ser uma habilitação que, na época, não tinha cursos de pós-graduação. Eu fiz a minha formação trabalhando, então, inicialmente, na universidade e fora, no mercado, porque o meu contrato, na época, era sem dedicação exclusiva. Quando estava quase concluindo o meu doutorado passei a atuar com dedicação exclusiva. Gradualmente, fui me afastando do mercado e me integrando mais na universidade, já no campo da pesquisa. Dentro do campo, em torno dos anos 2000, assumi a coordenação desse laboratório, Laboratório Eletrônico de Arte & Design. Eu fui estudante, me formei em Jornalismo, pedi reingresso para Publicidade e, nesse período, foi quando havia um professor voltando do exterior do seu doutorado na Inglaterra, também ligado ao campo do design e da produção editorial e aí eu passei a atuar como bolsista de pesquisa de graduação. Mas, na verdade, eu já era formada, já tinha uma vida profissional fora, mas trabalhava ali justamente, porque ele estava trazendo os primeiros computadores, era o início do digital. Então, eu já tinha uma experiência profissional fora e passei a me integrar nesse laboratório, na época, nos anos 95 como estudante, e, aí nos anos 2001, quando a professora que então coordenava o laboratório se aposentou, eu já era professora da unidade, e assumi a coordenação em seu lugar. A nossa situação atual é: eu com dedicação exclusiva, também passei a ser integrada como professora ao programa de pós-graduação e, com isso, fortalecemos essa área do design e da produção editorial dentro desse laboratório. E, desde então, com a dedicação na pós-graduação, atuo na universidade e faço eventualmente alguns projetos. Mas, nos últimos anos, em que eu passei a ser bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa, aí praticamente não faço mais trabalhos externos.

Origem dos laboratórios - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

Então, o atual Laboratório de Edição, Cultura & Design, que tem a sigla LEAD, ele nasce inicialmente como Laboratório Eletrônico de Arte & Design. O “Eletrônico” aí marca 1991, que foi quando começaram a se introduzir os primeiros computadores na parte visual, ele foi fundado então por dois professores, tem um terceiro, então, ele nasce no âmbito da UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Os professores, na época, eram mais vinculados à Publicidade, eles eram Flávio Vinicius Cauduro, Joaquim da Fonseca, e com uma parceria com o professor Sérgio Rosa, que era mais ligado à parte de Marketing. Mas eram os dois principais cabeças que davam aulas na Publicidade, vinculados ao campo do Design. Então, daí esse nome “Arte & Design”. Desde esse período, eu era uma bolsista de graduação desse laboratório, nós tínhamos vários bolsistas e trabalhávamos fundamentalmente com projetos especiais de criação, não eram apenas da área editorial, mas eram bastante amplos. Quando ele se transforma, permanece com esse nome. Esses professores se aposentam, assume uma professora chamada Marília Levacov, que passa a coordenar o Laboratório Eletrônico de Arte & Design. Ela tinha uma formação mais na área da Informação também. Não tinha mais com uma ênfase em Design, mas com os primeiros documentos na internet, como se coloca, como se constrói – é o surgimento da web. Então, esses primeiros professores que trabalham na parte gráfica impressa, essa professora segue com o digital na rede, experiências pioneiras com a internet.

Nesse período em que ela assume, eu estou fazendo a minha formação de mestrado e doutorado. Quando eu concluo, ela se aposenta, eu assumo como coordenadora. Quando assumo, faço uma reestruturação inicial, a gente já não tinha tantos alunos. Vai ser então com o ingresso de uma outra professora na UFRGS, chamada Cida Golin, que passa a integrar o laboratório comigo que há o direcionamento para a área do editorial, a presença dela é bastante importante para isso. Nós já tínhamos trabalhado juntas fora da universidade, sempre com produção, ela como editora e eu como designer responsável. E quando ela vem atuar também na universidade, então, a gente vai gradualmente conduzindo esse direcionamento. Em 2012, a gente troca efetivamente o nome. Como ele é muito conhecido pela sigla LEAD, a gente não queria perder a sigla, então, nós introduzimos essa ideia da Edição e do Design. A professora Cida trabalha sobretudo com Jornalismo Cultural, então, essa mudança de nome ela se dá em 2012, mas ela já existe antes, quando nós duas passamos a integrar o programa de pós-graduação já numa outra linha. Acho que isso é bastante importante, ele hoje se configura como um laboratório vinculado ao programa de pós-graduação dentro da linha Jornalismo e Processos Editoriais. Esse Processos Editoriais era sobretudo porque eu e a professora Cida sempre trabalhamos com a edição de livros, não apenas no campo da produção jornalística.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), no Departamento de Comunicação (DECOM).

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

Esse laboratório funcionou sempre com projetos, alguns de curto período, tanto de pesquisa como de extensão. Então, ele não tem uma verba própria, designada pela unidade. Todo o dinheiro que entra é por projetos dos professores responsáveis, isso foi desde a fundação. Então, nós tínhamos alguns projetos de pesquisa que tinham, por exemplo, atuação de bolsistas, às vezes, mais, às vezes, menos bolsistas; alguns projetos de extensão e nós criamos alguns programas, então, eles duravam três anos e abarcavam pequenas ações. Então, a nossa verba ela é descontínua, é sempre descontínua, projetos a longo prazo a gente não consegue ter. Durante a criação do programa, nós tivemos durante acho que 5 anos uma administração própria, em que tínhamos, naquela época, no âmbito do serviço federal, a possibilidade de administrar alguma verba através de uma fundação vinculada à UFRGS. Então, foi um período que a gente conseguiu ofertar alguns cursos e fazer uma micro-caixinha com um pouco de verba. Mas já nos últimos anos toda a manutenção nossa se dá para compra de equipamentos através de editais a que concorremos. Quando a gente tem editais do Conselho Nacional de Pesquisa e é contemplado com o projeto aprovado, a gente consegue comprar algum equipamento. Uma vez participamos de edital da Fundação de Pesquisa do

Estado (FAPERGS), que foi a nossa última grande verba. Mas, a princípio, a gente se mantém com a nossa verba pessoal. A professora Cida também é bolsista do CNPq. Ou a gente consegue por projeto ou a gente usa o nosso dinheiro para promover as ações. Existe uma dificuldade burocrática muito grande, em função da administração das verbas da universidade. Então, hoje a gente não pode receber nada para o laboratório, tudo vai para a universidade. Então, isso dificultou, tanto é que a gente acabou com esse projeto via fundação da UFRGS, em que a administração era muito burocrática para pouca verba, era muito pouco dinheiro para muita dificuldade. E, inclusive, nós terminamos um último projeto através de edital, faz dois anos agora, e nem concorremos a outros. Atualmente, a nossa atuação, faz dois anos, é eminentemente pesquisa com os alunos da pós-graduação. A FABICO, a nossa faculdade, a nossa unidade, ela sempre foi aberta às iniciativas. Então, assim, nós não temos dificuldade em criar o projeto. Tem vários elementos burocráticos que tu cria e oficializa o laboratório, quanto a isso é bastante tranquilo. Eu já vinha de uma experiência como bolsista do laboratório, isso me ajudou muito a conhecer o fluxo. Quanto à iniciativa do apoio acadêmico, a nossa questão problemática é sempre a verba, é sempre o dinheiro. Há, claro, inclusive, interesse por parte da universidade que nós tenhamos esses projetos, faz parte da, digamos, do desígnio da universidade ter projetos de extensão, de ensino, porque isso conecta com a atuação nas aulas e também de pesquisa que é também o âmbito atual do laboratório, que eu entendo que a gente pode talvez contribuir mais como exemplo, como caso exemplar.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

Eu da fundação do LEAD não vou poder te dar todos os detalhes, porque o meu vínculo com a universidade em 91 ele vai se dar posterior à fundação. Eu entro num laboratório, mas, fundamentalmente, ele tinha um caráter experimental, nesse sentido ele nasce muito vinculado com ações de experiência. Na altura, tinha bolsistas de iniciação científica, ou seja, da graduação, atuando sobretudo na criação, então, se trabalhava em projeto de apoio à universidade; enfim, havia uma pesquisa nas novas linguagens, vinculadas, primeiro, ao computador como ferramenta, posteriormente, surge a internet, e como que esse âmbito produzido no impresso passa a se dar na internet. A proposta era fazer experiências com novas linguagens e tornar isso pesquisa. Então, isso promovia a pesquisa. As atividades nossas eram de criação de objetos gráficos de diferentes categorias, esse direcionamento mais para o editorial se dá posteriormente, porque se fazia a identidade visual, se fazia em revistas, sobretudo acadêmicas, criação de materiais para diferentes órgãos da universidade, sobretudo. Então, a gente sempre trabalhou dentro do âmbito universitário, a gente não tem uma produção para fora, a menos nas atividades de cursos, aí sim. Os cursos eles eram abertos à comunidade. Tem uma parte de experiência, de novas linguagens, e disso resultar em pesquisa sistemática. Dentro das atividades de extensão, nós produzíamos materiais para diferentes órgãos da universidade, não apenas o setor geral. Além disso, sempre se promoveram algumas atividades, como cursos ou workshops. Então, introduzindo o computador como ferramenta, como se usa o computador, depois se passa para a internet. E dentro do laboratório editorial eu ressalto um projeto: dentro da ideia do programa, nós tínhamos cursos que eram voltados para a produção gráfica, usando o computador, como se imprime... e uma atividade fundamental do laboratório, nos últimos anos, que aí foi de um grande projeto de pesquisa, de um programa, foi a formação de editores científicos; então, nós fizemos uma série de cursos para formar editores científicos.

2.5.1. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

Pensando nas diferenças e nas semelhanças, a gente não tem um trabalho próximo às editoras universitárias, mas, de alguma maneira, a gente assessora essas editoras. Nós temos vários alunos que foram bolsistas do laboratório, que fizeram atividades de extensão, que passaram a atuar na editora universitária, nessa parte sobretudo de design, e, principalmente, dentro das nossas atividades, e aí já vinculados como laboratório do programa de pós-graduação essa atividade de pesquisa, que nós temos na linha do Jornalismo e Processos Editoriais essa formação, tanto de bolsista de iniciação científica, quanto depois de pesquisadores, que é a nossa atuação principal. A gente trabalha não exclusivamente com a Produção Editorial. Então, acho que isso é uma coisa muito importante de considerar em termos de configuração. Nós não temos um curso de Produção Editorial, esta atividade ela se dá fundamentalmente vinculada ao perfil dos professores, meu e da professora Cida Golin. A professora Cida Golin ela trabalha com Jornalismo Cultural, então, não é tão específico, eu,

sim, trabalho mais diretamente. Então, nós dentro do laboratório, temos duas linhas que já constam na descrição do laboratório como grupo de pesquisa junto do diretório de pesquisa do CNPq. Para nós é uma questão importante, que oficializa a nossa atividade. E nós, então vinculados a essa configuração, já conseguimos ter uma atuação dentro da Produção Editorial, oferecendo, inclusive, disciplinas que são disciplinas eletivas, que é uma disciplina de Produção Editorial, Laboratório de Design Gráfico, que tem um pouco esse direcionamento. Através da pós-graduação e das disciplinas eletivas, conseguimos fornecer algum tipo de direcionamento para os alunos nessa área. São poucos que se voltam a ela, então, é uma atividade bastante específica. Mas, ao mesmo tempo, todas as pessoas que passaram, de algum modo, seja como bolsistas de extensão, pesquisa, de edição, elas se direcionaram na sua vida profissional para esta área. Nós temos poucos, mas estes poucos atuam na área editorial. É um laboratório que faz a diferença: são alunos formados em Publicidade ou Jornalismo que tem algum interesse nessa área e aí buscam esse caminho periférico, digamos, ou complementar para isso. Acho que outra coisa importante de ressaltar é o nosso vínculo com outro grupo de pesquisa de Produção Editorial, o Intercom, que no âmbito nacional é um grupo que permite que a gente encontre outros pesquisadores; ele hoje nos reúne no Brasil; é, de novo, um grupo pequeno, mas é um grupo fiel, que se encontra anualmente, hoje é coordenado pelo professor Márcio.

2.5.1. (continuação) Tem editora?

Sim, existe uma editora universitária, ela fica um pouco vinculada à gráfica, ela sempre teve uma ligação à gráfica. Essa dificuldade que nós tivemos, em termos financeiros e de atuação, ela se deu na universidade como um todo. Mais ou menos, o nosso período de auge coincidiu com o da editora universitária também, em que houve uma forma burocrática de administrar os projetos, inclusive, a editora conseguia vender os livros pela internet. Tudo isso se desconfigurou, houve uma troca de reitoria, hoje em dia, a nossa editora tem muito pouca visibilidade. Nós temos mais bolsistas atuando junto à gráfica, que produzem materiais, revistas, livros, mas quase de maneira independente. A gente passa por um momento muito difícil, em termos de configuração. Então, o nosso vínculo ele é como membro do conselho, mas isso não faz muita diferença. Mas sim, nós temos alunos da Fabico que trabalham lá.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

A gente não tem catálogo, não tem registro, que é uma coisa bastante ruim. A gente tem hoje um Site, que a gente organizou com produção científica, principalmente, mas o trabalho criativo, que seria o catálogo dos produtos que nós fizemos, nós não temos. Nós não temos livros produzidos, isso a gente não tem. Não, não temos a pretensão de publicar livros. No sentido da formação, então, a nossa atividade enquanto laboratório é essa: formativa; e uma formação da faculdade é importante, porque a gente consegue oferecer as disciplinas eletivas, cursos de extensão e, sobretudo, na atividade de pesquisa, que é uma área bem importante ali.

4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

Esse curso de produção gráfica voltada à parte técnica, a gente que trabalha com a produção de livros e revistas, acho que a gente fez três edições, foram as mais recentes. Depois, a gente teve esse de produção editorial para editores científicos, para trabalhar com essa plataforma de edição científica, submissão de artigos. Isso em termos de cursos de extensão.

5. Como fazem a distribuição?

(Não têm distribuição)

6. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blogue e redes sociais?

O Site e a gente tem uma página no Facebook. Não se tem uma prática constante, até porque a gente atualmente tem dois bolsistas, já teve uma época que tinha um funcionário. Atualmente, o professor fica muito sobrecarregado. A gente não tem verba, não tem estudantes, a gente faz muita coisa e precisou se focar. Agora, esse mês, tenho uma nova bolsista, vai fazer dois anos que não tinha nem bolsista, nem solicitava.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades.

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a sua chave de sucesso?

O apoio da universidade ele é mais acadêmico, digamos. Não existe um apoio econômico para os laboratórios, só se o laboratório for de atendimento a uma disciplina obrigatória da graduação. Qual é a verba, o perfil de verba que conseguimos através da universidade: bolsistas de iniciação científica ou bolsistas de extensão. Para isso, o professor anualmente tem que submeter um projeto que vai ser avaliado e é ou não concedido. Nós já tivemos, sei lá, cinco, no início, quando havia poucos professores. Hoje em dia, a gente tem dificuldade de conseguir um. Então, o apoio da universidade é mediante editais de bolsas de iniciação científica ou de bolsas de extensão para projetos submetidos pelos professores. O apoio é, portanto, apenas institucional, nominal; em termos de verba, é nenhum.

Nós tivemos a FAURGS, a fundação de apoiar a universidade, que, como eu te disse, durante estes três anos nós constituímos um programa, mas isso é delicado, porque é uma fundação. Então, há uma série de burocracias, a gente apresenta o projeto que era o modo de a gente receber dinheiro dos cursos de uma inscrição. Esse dinheiro da inscrição era pouquíssimo. E, desse dinheiro, uma parte era designada para essa fundação, o nosso dinheiro não vinha para a nossa administração, ele vinha para a caixa da universidade/faculdade, e aí nós tínhamos de pedir para a faculdade devolver um pouquinho, para comprar, sei lá, uma mesa, um toner. Era um caminho muito burocrático e indireto que nós terminamos desistindo.

Qual é o nosso financiamento fundamental, então? Editais via CNPq, que é o nosso Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico vinculado ao Ministério da Educação. Nós tivemos também ao longo desse período um edital que ganhamos, que foi o que configurou esse novo perfil na Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que é um órgão do Estado. Como era um projeto de formação e pesquisa com editores científicos, que efetivamente resultou em ações relevantes, nós conseguimos uma verba por parte do Estado. Foi um programa de três anos, nesses três anos tu ganha um total de dinheiro, que é para comprar equipamento, para comprar computador, impressora, que é o que a gente conseguiu na época. O que é que a gente consegue em termos de material humano? Tivemos uma época uma funcionária durante esse período dos editores científicos, uma funcionária da universidade, da unidade, que foi deslocada para lá. Portanto, as verbas só correm quando abrem os editais. O nosso último edital, como eu te disse, nós fizemos há dois anos e desde então nós não tivemos coragem, porque é muita burocracia para pouco dinheiro. Então, a gente atualmente faz vaquinha entre nós, porque a gente precisa e funciona assim. Atualmente, a gente oferece coisas abertas, a gente chama de “aulas abertas”: apresentação de pesquisa aberta à comunidade, por exemplo. Então, a gente parou de fazer qualquer coisa que envolva dinheiro. E a universidade hoje não sabe como é que vai pagar a conta de luz – nós estamos com uma situação bastante séria, nos últimos dois anos, no Brasil, inclusive, em editais que professores tiveram projetos aprovados em 2016, a verba ainda não tinha sido recebida na metade de 2017. Esse ano, provavelmente, nem vai sair edital. Nós estamos vivendo um momento que eu nem teria coragem para pedir uma cadeira, uma mesa, porque a universidade não tem verba para providenciar.

Mas acho importante ressaltar pontos positivos, não falar apenas no que é difícil. Através da pesquisa e da formação de pesquisadores, nós temos condições de espalhar esse conhecimento, seja pela atuação das pessoas no mercado, seja pelos professores. Não se tem dinheiro, mas tem-se o apoio acadêmico, institucional, que é fundamental, porque isso nos dá credibilidade, isso nos dá autoridade para formar estas pessoas, mesmo sem verbas contínuas, isso permite que nos vinculemos a outras redes, essa rede, por exemplo, importante, o Intercom.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Nós não temos nenhuma parceria oficial, registrada. Com editoras, especificamente, também não, até porque a gente não tem um direcionamento que é exclusivo para editoras. Então, o que eu diria: em termos oficiais, a gente não tem protocolos nem parcerias. A gente já fez parcerias informais, no sentido de “Tenho um projeto, precisa de ajuda?”, esse pessoal entende, então vai lá e atua. Mas não constituímos nenhuma parceria oficial, mas claro que essa parceria se dá através dos editais, são parcerias mediadas por editais, por protocolos por um curto período de tempo. Nós não temos nenhum de longo prazo e, inclusive, eu te diria que não haveria nenhuma estrutura nossa física hoje para isso. Eu acho que é esse o nosso direcionamento para pesquisa e formação, ele nos garante a possibilidade de atuar de uma maneira, enfim, importante nesse campo, mas também acho que isso se deve bastante pela configuração de onde o laboratório está constituído, porque ele não tem um curso de formação na graduação nem na pós-graduação em Produção Editorial. Então, essa ausência de uma especificidade formal de formação na graduação e de formação que fosse uma linha de Produção Editorial na pesquisa, que nós não teríamos, inclusive, um corpo de professores para atuar nisso, não seria possível.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

Bom, quando são bolsas, não diretamente relacionadas à Produção Editorial, então, os bolsistas de iniciação científica recebem uma bolsa de quatrocentos reais, que é muito pouco, mas isso é importante, porque ele consegue conciliar com a sua vida atuando dentro da universidade. Então, a gente não tem estágio nem estágio curricular, no sentido de ser algo oficial, mas a gente tem as bolsas de extensão. Então, elas funcionam como trabalho, elas funcionam de maneira formativa.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

Se aproxima de uma experiência profissional, em parte, mas eu diria que é uma experiência profissional mais direcionada à investigação, à pesquisa, do que à prática profissional. Nesses últimos anos, na origem do laboratório até, sei lá, 2008, por aí, é que muda quando a gente se direciona mais para a pesquisa. Até então, nós direcionávamos para a formação profissional, principalmente. Também no período de fundação do laboratório, fomos os primeiros a trabalhar com a editoração eletrônica. Então, nós fomos os pioneiros nessa parte. Então, os nossos primeiros alunos conseguiam se colocar nas agências, porque eles passaram a ter contacto com computadores.

Hoje, no mercado editorial, alunos de design assumiram esse lugar mais criativo, mas os alunos formados em Comunicação eles têm uma noção de edição, porque eles têm uma formação, mesmo que seja no Jornalismo ou mesmo na Publicidade, como um todo. A gente trabalha com um canal, a cadeia como um conjunto, então, eu acho que essa é a grande questão. O profissional de Comunicação tem noção da cadeia, então, isso se reflete no modo como ele se insere no mercado. Ele vai ter uma capacidade de inserção que talvez tecnicamente seja inferior, no sentido daquilo que é a prática, do que ele vai fazer, mas ele tem a capacidade de entender o conjunto; ao entender o conjunto, ele tem mais facilidade de atuar. Então, nesse sentido, temos muitos alunos da Comunicação e do Jornalismo que hoje têm editoras independentes, trabalham como editores. A gente tem hoje alunos que trabalham com projetos, seja de revistas digitais; temos alunos que trabalham no mercado e voltam para fazer o pós, e que tem esse diferencial, de que o produto ele depende de uma cadeia, ele resulta de um conjunto. É onde que a gente se destaca nos últimos anos, sobretudo, como laboratório de pesquisa.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo? Alunos que abriram editoras?

Nós temos dois perfis: tenho alunos que foram nossos alunos em projetos de extensão, que trabalham com edição de jornais, com edição de revistas, e outros que trabalham no meio académico. Os atuais são, fundamentalmente, de formação académica. É um pouco como o direcionamento do laboratório. Quando nós tínhamos um trabalho mais de extensão, os nossos alunos que passaram por ali se direcionaram para a atuação no mercado, há outros que estão trabalhando em outros países; mas dentro desta área, de alguma maneira, se trabalha com edição. Os últimos agora são, fundamentalmente, pesquisadores e professores, saíram dali já como professores. E hoje para quem trabalha nas Universidades Federais é exigido, na grande maioria dos casos, dedicação exclusiva. Isso não tem a ver com a nossa opção, isso tem a ver com os últimos concursos federais que exigiam dedicação exclusiva, era diferente de quando eu entrei, por exemplo.

Nós tivemos uma doutoranda que trabalhava na edição de livros, quando eu tinha um ateliê que trabalhava de produção editorial. Na verdade, é uma relação já de formação, quando eu entrei na universidade, eu fechei o meu atelier que era, fundamentalmente, editorial, eu passei para esta então aluna minha. Nós temos outro que trabalha numa editora independente; nós temos um que tem uma revista digital ligado à área cultural, vinculado à professora Cida Golin; os outros meus hoje já trabalham como professores na área da Produção; tem quem trabalhe como editor em jornal. Então, são atividades diversas. Tem hoje uma morando em Nova Iorque, trabalhando em uma revista com a parte editorial; muitos foram para São Paulo – aqui o mercado é muito pequeno –, começaram a trajetória aqui e depois foram para São Paulo e se estabeleceram lá; alguns continuam aqui; outros foram trabalhar na Abril ou em editoras em São Paulo.

Considerações livres

10. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Haveria uma demanda muito grande se a gente tivesse estrutura para ofertar mais cursos. Não seria para muitas pessoas, mas teríamos demanda. Só no mercado, tu não entende o que se faz. Eu vejo os alunos que vêm fazer pós-graduação, estão no meio de um monte de coisa acontecendo, estão fazendo parte, mas eles não se dão conta. Então, tu precisa da integração dessas duas coisas. Os cursos de graduação eles precisam da complementação. Seria importante ter professores que atuassem também no mercado e na academia.

O LEAD hoje ele forma agentes que são agentes com condições de pensar esse livro, seja o objeto livro impresso, mas de pensar como esse livro ele pode ser outras coisas.

Nós temos que repensar esse mercado. As crises elas são sempre oportunidades.

ANEXO 3

Entrevista de Sônia Queiroz

Identificação do entrevistado: Sônia Queiroz
Nome do laboratório: Laboratório de Edição – Labed
Nome do curso: Letras com ênfase em Estudos de Edição
Nome da Universidade: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Data da entrevista: 16/09/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: Online (Skype)
Hora de início e de término: 20h07-21h23
Duração: 1h16

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

Assim que terminei o meu curso de graduação em Letras, fui trabalhar na editora Interlivros de Minas Gerais. Como preparadora, lá tive a oportunidade também de atuar um pouco como editora, acompanhando uma antologia de poesia de Minas Gerais, ajudando a organizar volumes e tudo mais, e também um livro de língua italiana, de autoria de uma professora da Faculdade de Letras da UFMG. Bom, eu não fiquei muito tempo lá, talvez uns quatro anos, aí fui fazer pós-graduação, fui fazer mestrado em Estudos Linguísticos. E depois fiz concurso na universidade e entrei primeiro na Federal de Ouro Preto, fiquei um pouquinho só, uns seis meses, e vim para a Federal de Minas, em Belo Horizonte. Pouco tempo depois de contratada na UFMG, fui chamada pelo reitor, professor Cid Veloso, para trabalhar na criação da editora UFMG. Porque a UFMG tinha na época um Serviço Editorial – SED, que era vinculado à pró-reitoria de pesquisa, e mesmo o espaço físico era super reduzido. O professor Cid Veloso era médico, tinha sido diretor da Escola de Medicina, mas era um bibliófilo, que tinha uma família muito ligada ao mundo dos livros e mesmo da Literatura. Então, investiu bastante no fortalecimento da edição, da atividade editorial na UFMG, na gestão dele, que foi na década de 1980. Ele me chamou para cuidar disso, eu assumi o Serviço Editorial e preparei toda a documentação para apresentar ao conselho universitário a proposta de criação da editora. Nós criamos a Editora UFMG já com um certo fundo editorial, que era do SED, e criamos as coleções, a marca. Começamos a participar de feiras de livro, montamos toda a parte comercial, toda a documentação para poder vender, tudo isso. Bom, eu acabei por ficar oito anos, foram acho que uns três reitorados... dois reitorados e mais um pouco, talvez. Na Editora UFMG participei do movimento nacional, fui secretária da Associação Brasileira de Editoras Universitárias, é uma associação que tenta fortalecer a comercialização, sobretudo, se reúne pelo menos uma vez ao ano para discutir as questões comuns relativas à editoração universitária. E depois, ou paralelamente, no final da década de 1990, nós ainda tínhamos departamentos na Faculdade de Letras, o chefe do Departamento de Letras Vernáculas, onde eu estava na época, me pediu para eu criar uma revista, uma publicação que fosse dos estudantes, especialmente. Criei o Caderno Viva Voz, que era mantido pelo Departamento de Vernáculas – Germânicas e Vernáculas eram os dois maiores departamentos, muito fortes, que formavam professores. Mais tarde, a Faculdade de Letras se reestruturou, acabou com os departamentos. Hoje, nós, docentes, estamos organizados em áreas de conhecimento e somos vinculados diretamente à Diretoria da Faculdade. Eu estou na área de Edição. A congregação da escola resolveu assumir o Caderno Viva Voz como uma publicação da faculdade inteira, não mais de um departamento, já que deixaram de existir os departamentos. A partir daí, isso foi em 2006, quando acabaram os departamentos, pediram para eu cuidar do Caderno Viva Voz. A gente digitalizou toda a coleção e logo depois o professor Jacyntho Lins Brandão, que estava pela segunda vez na gestão da escola, me pediu que criasse um laboratório de edição, o que fizemos em 2007.

Origem dos laboratórios* - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

O Laped foi criado em 2007 e institucionalizado em 2009 com o apoio da Câmara de Ensino da FALE. O surgimento do Laped coincide com a incorporação da ênfase em Estudos de Edição ao currículo do curso de Letras. E sua criação possibilitou a existência de um espaço no qual os alunos interessados em Edição podem adquirir formação profissional, executando a preparação de originais, formatação, revisão de provas e encadernação artesanal.

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

Fundamentalmente, o Jacyntho e eu. O Jacyntho me pediu para criar, eu criei. O laboratório foi criado também com a intenção de investir em publicações de professores da Faculdade de Letras na Editora UFMG. Quando abrimos o laboratório de edição, nós tínhamos a responsabilidade de preparar originais de autores da casa, da Faculdade de Letras para a editora UFMG. Eram algumas coleções – creio que eram três – que o Jacyntho criou em parceria com a editora UFMG. A Faculdade de Letras investia nos seus autores, financeiramente e tecnicamente, com o serviço de preparação de originais. Então, no primeiro ano, fizemos um volume de cada coleção, lançamos em outubro na Faculdade de Letras. O Jacyntho criou o laboratório, eu preparei a documentação e coordenei a implantação, em 2007, e o funcionamento por dez anos: seleção, treinamento e orientação dos estudantes.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

Ele foi criado pela Faculdade de Letras, nas instalações da faculdade. Inicialmente, vinculado diretamente à Câmara de Pesquisa da Faculdade de Letras, porque estruturalmente a Faculdade de Letras acabou com os departamentos, criou as áreas de ensino, que são instituições, vamos dizer, virtuais, que não têm lugar próprio, não têm secretaria. Mas criou as Câmaras: Câmara de Ensino, Câmara de Pesquisa, Câmara de Extensão; semelhante à estrutura da nossa reitoria. Então, criou o laboratório de edição estruturalmente ligado à Câmara de Pesquisa, que reunia um conjunto de professores doutores que determinavam o que ia ser publicado nessas coleções em parceria com a editora UFMG. Isso durou enquanto durou a gestão do professor Jacyntho na Diretoria.

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

O Jacyntho também pediu que o laboratório atendesse à demanda dos periódicos da faculdade, mas essa meta foi a mais difícil, a gente desistiu dela, porque os próprios editores dos periódicos ficavam insatisfeitos, pois o nosso trabalho era lento para eles, porque todos os estagiários do Laped são aprendizes, estudantes jovens, muito jovens, iniciando o seu conhecimento nessa área da edição de texto. Para os editores de periódicos, o trabalho era lento. Para as revistas, que devem cumprir uma periodicidade, é melhor que os revisores sejam profissionais.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

O que funcionou o tempo todo, desde o início, e funciona até hoje, é o objetivo de aprendizado e experimentação. Esta semana, por exemplo, a gente está retomando uma experiência começada no ano passado, de uma coleção de livros de bolso, com correspondente eletrônico, o e-book, não apenas o pdf, nós já temos tudo em pdf, online. Mas a gente tem tido dificuldades de realizar um e-book. E agora está retornando da França um ex-estagiário nosso, Mário Vinicius Gonçalves. Ele está retomando o contacto conosco no laboratório e vai nos ajudar a finalizar o e-book, vamos lançar um novo produto. Há sempre experimentação, nós lançamos há pouco tempo o áudiolivro e o vídeolivro, agora estamos aperfeiçoando, pois ainda não estávamos postando os vídeos e os sons no Site. Agora, esta semana, a gente já vai disponibilizar. E o que eu acho mais interessante no laboratório é que predominam textos de estudantes, inclusive, uma grande parte de estudantes de graduação.

2.5.1. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

O laboratório de edição – Labeled, agora, está vinculado à Câmara de Ensino da Faculdade de Letras. O objetivo maior é o ensino, é a formação de editores de texto, e lá os estudantes que fazem o estágio têm bolsa e desenvolvem um trabalho que passa pelas várias etapas da produção de uma publicação: desde a preparação do original, muitas vezes, em contacto com os autores, que são estudantes e professores da casa, até à costura do livro – os livros são sempre artesanais. Os estudantes trabalham até no acabamento. O laboratório é interativo, periodicamente, abre a prática de encadernação para a participação de estudantes e professores interessados, inclusive, de outras unidades da UFMG. O ateliê aberto é instalado no corredor em frente ao laboratório, e enviamos convite para toda a Faculdade. Muita gente chega também de outros espaços da universidade para aprender a costurar e fica conversando e todos vão se conhecendo – é muito legal!

É bem diferente a Editora UFMG. É uma editora profissional, acadêmica, que funciona para pôr o livro no mercado, o mercado comercial, embora ela não tenha compromisso com o lucro, porque ela é institucional, mas ela tem que ser autossustentável. Nós somos sustentáveis no laboratório, mas por uma via como a da poesia marginal: trabalhamos com tiragens sob demanda.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

O laboratório funciona assim: uma proposta editorial para o Caderno Viva Voz ou para os livros é apresentada, em princípio, por um professor, que é o organizador. O que ele apresenta é resultado de uma iniciação científica, ou de um trabalho de conclusão de disciplina ou de curso. Ele é o responsável, é o organizador, ele seleciona, escreve a apresentação e coordena a revisão do texto, dialoga com o laboratório, com o estagiário que fica responsável pela preparação dos originais. Não é como na editora UFMG, por exemplo. Nós temos também um conselho editorial no laboratório de edição para eventuais decisões maiores, mas o dia-a-dia funciona assim. O aluno pode apresentar uma proposta, mas ele tem que ter um professor com ele.

4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

Fizemos a Festa do Livro, várias vezes, que é uma espécie de feira. Uma feira aberta no saguão da biblioteca ou no hall do grande auditório. São feitas exposições que mostram todo o trabalho desenvolvido no laboratório. Desde a preparação de originais, passando pela diagramação, revisão de provas e acabamento. E também com mostras de outras atividades, como performance de poesia, narração de contos orais – nós temos pesquisa sobre narrativas orais –, cantos de tradição oral aqui da nossa região. Então, a gente, muitas vezes, leva pessoas que são performers, estudantes ou sujeitos que colaboram com a pesquisa, que são pesquisados por nós. A gente também faz o ateliê aberto, assim como um outro laboratório parceiro nosso, que é o LaGrafi, do curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes, que também faz ateliê aberto. Lá eles trabalham mais com a encadernação histórica, estudam mais especificamente história da encadernação. Então, nós fazemos a nossa encadernação, que é basicamente uma encadernação com costura parente, feita com cordão encerado.

Em 2015, realizamos um seminário em torno de duas novas linhas de pesquisa do Pós-Lit: “Edição e recepção de textos literários” e “Poéticas da tradução”. No seminário “Ler traduzir editar: a literatura em sua experiência”, foi organizada uma feira com editores e poetas independentes da região e o laboratório participou com suas publicações. A programação incluiu conferências, mesas-redondas e relatos de experiências de pesquisa desenvolvidas na pós-graduação com edição e tradução de poesia, de literatura indígena; iniciativas que ainda não acontecem de forma articulada, dentro dessa linha de pesquisa que é recente. A pesquisa de pós-graduação ainda precisa ser solidificada.

5. Como fazem a distribuição?

Nossos livros são profissionais, mas eles são feitos pelos estudantes e disponibilizados no Site. Eles são baratos, e nem são vendidos, eles são baratos para a universidade. Tem tiragem de sete, de dez, até de trinta exemplares, quando o autor ou organizador vai divulgá-lo num

congresso, ou num lançamento, num evento nosso. Um estudante do Doutorado no Pós-Lit, autor de um livro que estávamos editando no Labeled recentemente, ganhou um prêmio de melhor tese da área, e fizemos uma tiragem maior para ser distribuída na cerimônia de entrega da premiação. Nosso sistema é muito viável e muito diferente do sistema da indústria do livro. A tiragem sob demanda começou com a tecnologia digital, e, hoje, nas editoras universitárias, há uma tendência a adotá-la no caso de alguns livros, de público muito restrito.

6. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blog e redes sociais?

O Site, o Instagram, o Youtube, outros links de outros Sites e grupos. A gente tem uma boa cobertura da assessoria de comunicação da reitoria, que é o Cedecom (Centro de Comunicação), que faz matérias sobre os nossos trabalhos. A gente dá entrevista, eles filmam, sai no boletim impresso, e temos o Site da UFMG, onde essas matérias também são divulgadas. Já saíram algumas matérias ao longo desse tempo e, eventualmente, na grande imprensa também. Mas nós não temos necessidade de divulgar muito fora da universidade, a não ser na internet. No nosso dia a dia, nós nem podemos expandir, entende?

A divulgação institucional e das publicações é feita pelo Site do próprio Labeled <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/>>, linkado ao Site da FALE/UFMG. No nosso Site, são disponibilizadas todas as nossas publicações em PDF, para leitura em tela e para impressão. Estamos iniciando agora a disponibilização de PDF interativo para as publicações multimídia, como alguns dos nossos primeiros livros de bolso, que incluem poesia sonora, e também poesia visual dinâmica. Divulgamos a marca do Labeled e publicações específicas nas peças gráficas dos diversos eventos dos quais o laboratório participa, como feiras de livros, seminários e exposições, no Instagram <<https://www.instagram.com/p/BKoelbshDBX/>> e nos veículos de comunicação da universidade, como o Boletim (impresso e eletrônico) e a TV UFMG, para os quais sempre enviamos releases e concedemos entrevistas.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

O Labeled não tem orçamento próprio, seu funcionamento é mantido pela Diretoria da Faculdade de Letras, que paga as bolsas dos estagiários (atualmente são quatro bolsistas, um deles sendo o supervisor), material de consumo, impressão, licenças dos programas de computador, manutenção e, eventualmente, troca de equipamento ou mobiliário.

A Faculdade de Letras tem uma copiadora terceirizada, dentro do prédio. De tempos em tempos, abre-se uma licitação, e a empresa que ganha a licitação se instala lá. As pessoas podem comprar os serviços, mas a instituição tem a sua quota, paga mensalmente. Então, o laboratório é credenciado para fazer fotocópias lá. As nossas publicações são impressas em fotocopadoras a laser, em esquema de tiragem sob demanda, como eu já disse. A Faculdade paga as impressões do Labeled como paga para os professores e para os setores administrativos. Paga as bolsas dos estagiários que, se não me engano, são pagas com recurso próprio, não com verba do Governo Federal, porque a Faculdade de Letras ela produz recursos próprios através de extensão, cursos de línguas, quase todos de línguas contemporâneas, vivas, são cursos de extensão, de língua oral. Atualmente, nós temos uma bolsista supervisora, que tem uma carga horária maior e uma bolsa de valor maior. Ela supervisiona todo o funcionamento do laboratório e são três estagiários que trabalham na preparação de originais, na diagramação e acabamento. Os três estagiários fazem vinte horas semanais e a supervisora faz trinta horas. E há a coordenação, que é exercida por docente, que hoje é a professora Emília Mendes Lopes.

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a sua chave de sucesso?

Houve um momento, uma gestão, em que nós vendíamos as publicações, mas vendíamos pelo preço da fotocópia. Nosso maior objetivo é que essas publicações cheguem de novo à sala de aula, funciona muito assim.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Tem o LaGraf, Laboratório de Documentos Gráficos da escola de Belas Artes da UFMG, e também o Museu Vivo Memória Gráfica, um projeto que a gente criou no Centro Cultural UFMG e que vem se expandindo para outras instituições. Esse projeto é coordenado por Ana Utsch, professora do curso de Conservação e Restauração, e eu, do curso de Letras. É um projeto que investe no patrimônio tipográfico: máquinas, gestos, o fazer livros em tipografia. Esse projeto publica, por exemplo, uma série chamada Sobretextos: são trechos de textos literários que estão no domínio público que tratam da tipografia. E o Labed colabora na revisão do texto. Já saiu um volume de Cervantes, que é um trecho do Dom Quixote, um de Victor Hugo e outro de Machado de Assis. A gente tem também desenvolvido parcerias com a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e lá nós implantamos juntos o TipoLab, um laboratório de tipografia. E agora já nasceu a Rede Latino-Americana de Cultura Gráfica, coordenada pelas professoras Ana Utsch, da UFMG, e Marina Garone, da Universidade Autónoma de México. Já temos dez países que aderiram, que estão promovendo seminários, temos um boletim semanal, online.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

O estágio é curricular, mas não é obrigatório. Aí, houve uma falha nossa. Vamos ter que modificar o curriculum, porque começa em 2018 o bacharelado pleno em Edição (até 2017 era uma ênfase: Bacharelado em Letras com ênfase em Edição), e nós professores da área entendemos que o estágio é muito importante na formação profissional. Mas temos muitas aulas práticas, além do laboratório, temos sala de aula equipada com computadores e projetor. Os estudantes trabalham, editam em sala de aula.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

Nosso padrão de trabalho se distancia de uma tendência que estamos notando no mercado: o mercado tem depreciado muito o nosso trabalho de texto, tem acumulado funções no mesmo profissional, por exemplo. Tem reduzido o trabalho do editor de texto à revisão, que, na verdade, é uma das tarefas do preparador ou do editor de texto, não é a única. O mercado tem trabalhado de uma forma mais simplificada. A revisão de provas, por exemplo, tem sido feita por um só profissional, ao invés de ser feita por uma dupla de revisores, como é a tradição. Também ocorre com o editor de texto, que faz a edição no papel, e depois o original é passado para um estagiário iniciante processar as emendas no computador, o que pode prejudicar a qualidade do trabalho. Assim, percebo que a aceleração do trabalho tem desvalorizado os profissionais da edição.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?

Muitos vão diretamente da graduação para o mercado e, mesmo continuando a estudar, mesmo fazendo mestrado, eles continuam trabalhando, principalmente, como freelancer, com edição de texto, porque é um trabalho que dá para conciliar bem com a tese, com o estudo. Um grupo de quatro ex-alunos nossos abriu uma editora, mas naquele sentido de prestação de serviços editoriais, chama-se "PI Laboratório Editorial". Fora isso, há ex-alunos trabalhando em editoras.

Considerações livres

10. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

(Não quis acrescentar nada.)

ANEXO 4

Entrevista de Ana Elisa Ribeiro

Identificação do entrevistado: Ana Elisa Ribeiro
Nome do laboratório: Laboratório de Letras
Nome do curso: Letras – Tecnologias da Edição
Nome da Universidade: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Data da entrevista: 31/07/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: *Online (Skype)*
Hora de início e de término: 15h35-16h58
Duração: 1h37

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

A minha atividade em Edição começou na graduação de Letras na UFMG, nos anos 1990, procurando um curso que me capacitasse para fazer livros. Não tinha nada em Belo Horizonte, na cidade onde eu moro. Alguma coisa em São Paulo e no Rio, mas aqui não. E eu fiz Letras, fiz um curso muito bom, mas fiquei um pouco decepcionada, porque eu gostaria de estudar processos editoriais e não pensava em ser professora, eu pensava em ser editora. E aí eu consegui, logo que eu me formei, fazer um estágio numa editora de livros da minha cidade, então, eu fiquei trabalhando numa editora para fazer, à época, livros didáticos. E aí eu aprendi a produzir os livros didáticos, depois, eu fui para uma equipe que fazia livros de Literatura Infantil. E trabalhei em alguma editoras, depois disso. Trabalhei como revisora de textos e corretora, também no gerenciamento dos processos como editora assistente e em editoras de livros, principalmente, infantis; depois, da área da medicina, jurídica.

Eu sou linguista de formação e fiz mestrado sobre leitura e doutorado sobre leitura – trabalhava muito com jornais. Ao mesmo tempo, eu fui assumindo aqui na minha cidade a ideia de que precisava fundar cursos para outras pessoas que tivessem interesse nisso. Então, em 2006, eu e uma colega fundamos um curso de especialização em Revisão de Textos na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), o curso existe até hoje. Nós não somos mais ligadas, mas existe até hoje. Ele tem turmas sucessivas há mais de 10 anos. Depois, com outro colega, fundei outro curso, Projetos Editoriais Impressos e Multimídia, que também existe até hoje, isso foi em 2007. Então, a gente foi fundando as coisas que gostaríamos de ter tido. Na instituição onde eu trabalho, no CEFET-MG, também não tinha um curso de Letras para formar editores. Nós fundamos esse curso em 2009/2010. Então, é tudo bastante recente. Mas, eu misturei a minha vontade de fazer edição e livros com a minha trajetória de professora desses assuntos. A minha vida profissional se misturou completamente. Como professora, hoje eu continuo dando disciplinas e matérias que dizem respeito à produção de livros. Atualmente, estou dando Pesquisa em Edição para mostrar as possibilidades de pesquisa na área para as pessoas que querem fazer mestrado e doutorado. Portanto, essa trajetória teve de ser construída em Belo Horizonte – ela ainda precisa de se consolidar.

Origem dos laboratórios - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

O laboratório vem junto com a fundação do curso de Letras, então, este último foi planejado em 2007/2008, passou por uma série de aprovações da instituição. Ele começou a funcionar em 2008/2009. A primeira turma entra por aí. E aí, junto com ele, uma estrutura para ele funcionar. Esse laboratório está no projeto do curso, mas, na verdade, ele é uma sala com vários computadores e os professores podem usar, de acordo com as disciplinas que dão. No entanto, a instituição ainda enfrenta a dificuldade para a compra de softwares, às vezes, nós precisamos disso para a diagramação, para a edição de imagem, e, como a instituição é pública, tem limitações para a compra desses softwares, além de faltar também vontade política de que um curso de Letras alce voo. Então, esse espaço é utilizado pelos alunos e levam os seus próprios computadores, que têm softwares mais atuais e interessantes. A instituição tem uma gráfica que pode produzir cadernos em preto e branco, mas não tem uma gráfica para imprimir colorido, por exemplo. Então, os alunos fazem o processo todo até ao pdf e do pdf em diante eles podem imprimir em gráficas profissionais, maiores, externas à instituição. Então, esse laboratório funciona mais como um lugar de pensar a edição e planejar o que vai ser feito para eles executarem de maneira externa ao CEFET.

O laboratório que seria o ideal, que está no projeto do curso, não existe ainda. Nós temos um laboratório muito menos interessante e muito mais precário do que gostaríamos. E, na verdade, os alunos acabam fazendo coisas com recursos deles mesmos. Então, é comum que levem os seus computadores.

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

A iniciativa foi tomada pelo mesmo grupo que fundou o curso de Letras, que somos eu, a professora Olga Valeska, a professora Ana Maria Nápoles, e alguns professores assumiram a parte de projetar o laboratório, como os professores Rogério Barbosa da Silva e Wagner Moreira, que pensaram em quais máquinas comprar e conseguiram esse espaço para o laboratório, junto com chefes de departamento, etc. Essas pessoas estão todas envolvidas na criação disso. E são também os professores que dão disciplinas, como Projetos Editoriais, que são disciplinas para os alunos fazerem livros e pensarem projetos. Esses professores assumiram também essas disciplinas e fazem um uso mais intenso desse espaço.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

Na verdade, a instituição tem vários campi. Na cidade de Belo Horizonte são três. Nós ocupamos o campus 1, que é o mais antigo. É um prédio muito grande, nós somos um departamento dentro desse prédio. Esse departamento tem, entre outros, o curso de Letras. O curso de Letras fica dentro desse prédio no segundo andar, que é sua coordenação. O laboratório fica no térreo desse prédio, numa sala perto de outros espaços, como a cantina.

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

Muitas dificuldades, principalmente, em relação ao espaço, à infraestrutura. O laboratório, como eu disse, vinha junto com o curso de Letras. Então, a burocracia enfrentada foi da criação do curso de Letras: escrever o projeto, discuti-lo com muita gente; pessoas que não são da área, elas não conseguiam entender o que era a nossa ideia. Só para aprovar nos diferentes conselhos da instituição, levamos dois anos. E aí a instituição aprovou e prometeu uma série de coisas para o curso funcionar. E uma das coisas para o curso funcionar era o laboratório. Esse espaço não existia, teve de ser criado. Então, ainda enfrentamos uma espera para essa sala ficar pronta; ela foi uma adaptação de um espaço ocioso e nem é uma sala tão adequada - ela tem uma dificuldade de ventilação. Aí tivemos de esperar a compra dos computadores - outro processo demorado -, são vinte máquinas e esperar a chegada das bancadas dos computadores, muito inadequadas, por sinal. Tudo isso são processos abertos e demorados para que esse espaço se constituísse.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

Esse laboratório é uma parte fundamental da formação prática desses alunos. São alunos que se formam em Letras para serem revisores e editores. Então, entendemos que eles têm de ter uma formação prática sólida, além da formação teórica. É um curso muito teórico, mas que precisa inserir o aluno nas possibilidades da prática e também na experiência, na invenção e experimentação. Então, a nossa ideia era ter um lugar onde eles pudessem produzir revistas, jornais, plaquetes, poesia em outros formatos. Que eles pudessem produzir e imprimir - executar de facto -, e testar essas possibilidades. Às vezes, simulando o mercado profissional,

o mercado real. O que uma editora de livros produz no Brasil hoje, fazendo coisas parecidas e até experiências que não estão ainda em circulação. Então, o objetivo principal é dar uma formação prática interessante, mas não apenas uma formação que apenas repita o que já existe. Eles teriam também que tentar ser criativos nas propostas deles, fazerem coisas que já são esperadas e também o inesperado, se fosse possível. Como eu já disse, os professores mais ligados a esses laboratórios são os que dão disciplinas de processos e projetos – esses professores acabam usando mais esse laboratório. Ele é um laboratório onde os alunos têm aulas onde precisam desenvolver, ao longo do semestre, projetos demandados pelos professores, mas eles também podem ocupá-lo em outros horários para produzirem revistas ou os projetos que eles tenham.

As disciplinas, às vezes, promovem oficinas. No semestre passado, por exemplo, dei uma disciplina e o trabalho era que os alunos oferecessem oficinas para os colegas ou para a sociedade em geral. Então, eles montaram oficinas, por exemplo, de fotografia poética, de como editar imagens usando o celular. Esse tipo de coisa muito prática e rápida, que outras pessoas gostariam muito de aprender, e eles podem oferecer em poucas horas. Isso acontece muito, a escola é muito movimentada por oficinas curtas que os alunos mesmos oferecem, às vezes, os alunos da pós-graduação, que já são profissionais e mais experientes. Às vezes, eles oferecem cursos para os estudantes da graduação, que são menos experientes. Às vezes, dentro do laboratório, outras vezes, em salas normais.

O curso tem um evento que é fixo, que se chama “Jornada de Edição”, produzido sempre no primeiro período. Eles produzem, todo semestre, uma Jornada de Edição que traz dois profissionais do campo da edição para falar com eles. Estes podem ser de qualquer segmento. No semestre passado, os convidados eram das histórias em quadrinhos. Eram duas moças e um rapaz importante que organiza o Festival Internacional de Quadrinhos em Belo Horizonte. Então, eles vieram contar como é editar histórias em quadrinhos. A cada semestre, eles convidam duas ou três pessoas diferentes para a Jornada. Tem outro evento que é anual, que se chama “Festa de Linguagens e Ciência” (FLIC). A FLIC também traz outros profissionais: professores, palestrantes.... Tivemos aqui o Carlo Carrenho, que é o editor do maior portal de notícias do mundo editorial, o PublishNews. Em 2017, trouxemos uma grande escritora brasileira, a Maria Valéria Rezende, e um editor importante e histórico lá de São Paulo, o Jiro Takahashi. Então, a gente faz questão de conectar muito esses alunos com a vida profissional, com as pessoas que produzem, que fazem edição em Minas Gerais e no país. Estes eventos ocorrem desde a primeira turma, há 10 anos.

2.5.4. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

Não há editora universitária operando no CEFET-MG. O CEFET publica uma revista científica já antiga, que tem, mais ou menos, 20 anos, se chama “Educação e Tecnologia”. A Diretoria produz isso, e tem essa editora registrada com alguns livros publicados, mas não opera de facto.

A editora universitária, para mim, tem um papel mais amplo, porque ela precisa publicar livros e materiais de todas as áreas daquela universidade. Então, a editora da UFMG, por exemplo, publica livros que têm uma boa distribuição no país. A editora universitária teria de produzir livros de ampla circulação, de todas as áreas do conhecimento. Seria o caso de a gente publicar livros da área da engenharia, química, etc. E o Laboratório de Letras não tem essa amplitude, esse alcance todo. Ele serve mais à formação dos alunos e às práticas editoriais possíveis sem tanto alcance, sem uma preocupação com a distribuição, a parte comercial com a venda de livros.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

Nós não temos um catálogo organizado. Isso é algo que a gente precisa fazer, senão vamos perder a memória dessa produção. A maior parte das coisas produzidas no laboratório esteve ligada ainda às disciplinas feitas pelos alunos. Por exemplo, livros que são, na verdade, uma coleção de propostas de oficinas para a formação de leitores. É um livro que é quase um livro didático para professores que desejam formar leitores. Teve um livro que reuniu uma espécie de antologia de cinco poetisas mineiras. Teve um livro que reuniu resenhas/ensaios de

livros de literatura contemporânea, chamado “18 livros vivos”. Foram escolhidos dezoito livros importantes para a literatura brasileira atual. Foi produzido também um livro de memórias de leitura. Os próprios alunos escreveram os seus livros de memórias de formação de leitores, como eles se transformaram em leitores e como eles chegaram ao curso de Letras para serem editores. Então, essas coisas vêm sendo produzidas de uma maneira pouco organizada e um pouco esparsa. E ainda ninguém se preocupou em fazer um catálogo de todas essas publicações – isso é uma coisa urgente de ser feita.

4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

Os professores dão a primeira ideia e os alunos desenvolvem e aperfeiçoam. Nós ainda não lidamos com a chegada de um original para ser publicado. Seria um caso especial, se isso acontecer. Por enquanto, nós lidamos com as demandas internas. Os professores é que definem o que é que deve ser feito, de acordo com o tema, com algum evento que vá acontecer, com a disciplina. Na verdade, o critério não é fixo. Varia de acordo com o objetivo de cada disciplina. Já aconteceu de os alunos procurarem os autores e pedirem textos para publicação. Há uma coleção muito interessante, que se chama “Edição e Ofício”, que foram os alunos que fizeram depoimentos de editores importantes. Eles procuram quatro editores históricos em Minas Gerais, inclusive, duas mulheres, e fizeram livros que são os depoimentos de cada um. Teve uma repercussão maior no estado, porque esses editores raramente são narrados. Então, esse tipo de atividade que vem acontecendo, mas que ainda não está catalogada.

4. Como fazem a distribuição?

Às vezes, eles são impressos em edições muito restritas, com tiragens muito pequenas. Outras vezes, eles têm alguma tiragem e são distribuídos gratuitamente. Essa coleção sobre os editores foi distribuída e teve o apoio institucional maior da Câmara Mineira do Livro. Foi enviado de presente para vários editores e outras pessoas interessadas.

5. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blogue e redes sociais?

O Site institucional do CEFET-MG costuma dar notícias do que está acontecendo. Não existe ainda um blogue ou Site do laboratório. Mas é urgente criar uma dessas plataformas. É feita também dentro do curso e, eventualmente, nas redes sociais.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

O laboratório, propriamente, não tem um orçamento, não tem um centro de custo. Ele funciona dentro do curso de Letras e tudo o que é necessário de recurso material e humano precisa de ser solicitado ao curso que, por sua vez, solicita à direção geral da instituição. Então, todo o material que foi impresso foi pago pela instituição. Mas de uma maneira difusa. A Diretoria Geral seria uma Reitoria, mais ou menos. Em tese, ela financia os materiais que esse laboratório deseja produzir, mas ao longo do tempo. Não existe um orçamento fixo, uma planilha fechada, um montante de dinheiro que esse laboratório possa gastar. Ele solicita à medida que as coisas vão sendo feitas e elas têm sido atendidas.

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a sua chave de sucesso?

Por enquanto, não tem essa intenção. Ele se mantém como parte da planilha do curso. Por enquanto e durante muito tempo, não vai ser possível. A universidade apoia o laboratório como algo anexado ao curso, mas ela ainda não entende o que é que significa o curso e o laboratório, e o que estes podiam fazer pela instituição. A receptividade é ainda muito restrita. No momento, o laboratório não tem condição de operar como uma editora, mas pretensão ele tem. Seria muito mais inteligente e interessante que esse laboratório fosse um embrião de uma editora, de facto, institucional. Mas, por enquanto, ele precisa de cumprir o papel ainda no

curso de Letras, sem uma ambição muito grande, porque ele não tem condições materiais de se transformar numa editora muito grande, como é o caso, por exemplo, da editora da UFMG. É uma editora universitária e não necessariamente ligada ao laboratório da Faculdade de Letras, mas eles precisam dialogar.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Ainda não foram feitas parcerias entre outras editoras. Houve contacto com algumas gráficas que podem imprimir os materiais de uma maneira mais barata e ágil. Já houve alguma iniciativa com escritores que cederam seus textos. Quando a coleção sobre os editores mineiros saiu, houve um apoio muito grande da Câmara Mineira do Livro. Há uma instituição da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que tem uma biblioteca infantil e juvenil, que faz parcerias para os eventos que a gente produz. Então, algumas coisas já foram feitas com a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil, inclusive, para os nossos alunos terem uma experiência com os leitores da biblioteca. Mas essas parcerias não são muito fixas e nem muito institucionalizadas.

A maioria dos parceiros mais frequentes são internos: a nossa Diretoria Geral, a coordenação do curso. Os parceiros externos mais importantes são: a Prefeitura de Belo Horizonte, a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil. Eu acho que há possibilidade de financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), é possível dinheiro para as publicações com as fundações de amparo, mas acho que nós ainda não tentamos.

Essas parcerias podiam fazer com que os produtos editoriais produzidos pelos alunos circulassem mais, tivessem mais impacto social do que têm tido, passassem de uma dimensão da formação deles para uma dimensão de formação mais ampla, de um alcance maior de leitores que estão fora da instituição. Eu acho que seria estratégico até para a instituição ficar mais visível, mas eu acho que é tudo muito novo e precisa ainda de ser muito construído.

Os eventos da BPIJ são bem-sucedidos. São eventos em que nós oferecemos os nossos conhecimentos para as pessoas da cidade, mais ampla e gratuitamente. Esses eventos ocorreram fora do CEFET-MG, na própria Biblioteca.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

Por enquanto, não. É ocupado, principalmente, por alunos que estão cursando disciplinas ligadas ao laboratório. Os alunos do curso de Letras fazem estágios dentro da instituição em outros espaços, por exemplo, na assessoria de comunicação, na revista científica. Há outras instâncias da instituição que empregam esses alunos para os estágios; e eles são obrigados a fazer estágios. Eles só se formam depois que cumprirem centenas de horas de estágio. Então, esses alunos vão procurar editoras para fazer estágios que estão sediadas em Belo Horizonte. O laboratório funciona como suporte para várias disciplinas. Os alunos para se formarem têm de fazer o estágio e a defesa de uma monografia.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

Na medida em que o professor solicita coisas muito parecidas do que é demandado na vida profissional. Alguns dos nossos alunos têm experiência como editores e, então, eles podem simular situações parecidas. Mas acho também que muitos alunos, a maioria, eu diria, entra no curso sem conhecer nada de edição. Então, o laboratório tem um papel muito importante de mostrar o que é, o que se faz, as demandas que existem. Eles vão conhecendo de facto a carreira que eles estão escolhendo. Laboratório tem essa missão de mostrar a prática mais próxima possível de uma prática profissional.

Sem dúvida. Tem uma editora grande aqui em Belo Horizonte que se chama Autêntica, ela já contratou alunos nossos. É uma editora importante no país. A dona da editora já disse para nós

que ela gosta muito de contratar esses alunos, porque eles já chegam sabendo das coisas, ela não precisa mais contratar uma pessoa que não sabe nada e ter de formá-la em serviço. Esse aluno não chega pronto, mas chega bastante inteirado das questões editoriais.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?

Eu acho que uma grande parte vai para a pesquisa. Muitos desses alunos mais interessados estão fazendo mestrado, atualmente. Eles acabam se interessando por algum tema e tornam-se também pesquisadores do campo da edição. Descobrem coisas que precisam de ser investigadas, vão pesquisar em arquivos. Uma grande parte já faz pós-graduação. Eu acho que talvez isso tenha relação com o campo profissional aqui na cidade, que é menor do que em São Paulo, por exemplo. Alguns vão para a prática e vão para editoras e empresas de tecnologia, empresas com sectores de revisão de texto. Em geral, continuam estudando, porque eles têm o campo de trabalho menor aqui na cidade e porque eles veem necessidade de se qualificar sempre. Alguns alunos têm projetos de edição, editoras acho que não. Nós temos aqui leis de incentivo à cultura e essas leis permitem que você imprima algum livro, tenha um projeto editorial apoiado pelo Estado e, às vezes, eles propõem esse projeto e publicam coisas isoladas. Temos um programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens (mestrado e doutorado) e uma das linhas se chama “Edição, Linguagem e Tecnologia”. Essa linha é muito procurada, temos mestrandos e doutorandos nela e muitos alunos da pós-graduação já saem para entrar nessa linha.

Considerações livres

9. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Como o curso é muito novo e as instituições públicas são muito lentas para melhorar as coisas, nós temos um laboratório ainda muito precário. Ele precisa de mais condições materiais e de mais recursos humanos, a gente precisa de se organizar melhor. Então, acho que é uma questão de tempo que a gente consiga ir organizando e aprendendo junto com esse laboratório, junto com os alunos. A nossa trajetória é ainda muito recente, tudo em Edição, aqui em Belo Horizonte, é recente. O campo vem se firmando muito recentemente, o nosso mestrado é quase o único que tem essa característica explícita e, às vezes, era possível fazer mestrado nesse tema, mas você tinha que ir para um programa de outra coisa. Explicitamente, dizendo sobre Edição, estes programas são muito recentes. Então, eu acho que a gente consegue visualizar que é um campo que vem se consolidando. E o CEFET tem um papel bastante ativo de consolidar esse campo.

Belo Horizonte e Minas Gerais são importantes para a cultura do país e grande parte dos escritores brasileiros saem daqui. Só que eles saíam e iam para São Paulo e Rio. E hoje, porque talvez as tecnologias tenham facilitado, as pessoas não têm saído tanto, têm feito aqui mesmo. Então, as iniciativas surgem e se proliferam aqui na cidade.

ANEXO 5

Entrevista de Ricardo Pinto de Souza

Identificação do entrevistado: Ricardo Pinto de Souza
Nome do laboratório: Laboratório de Edição (Labedição)
Nome do curso: Ciência da Literatura
Nome da Universidade: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Data da entrevista: 19/08/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: *Online (Skype)*
Hora de início e de término: 22h20-23h22
Duração: 1h02

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

Eu sou professor de Literatura, de Teoria Literária, mais especificamente. Fiz a pós-graduação toda na UFRJ, mestrado e doutorado. E, eu antes de me tornar professor, era editor. Trabalhava muito como freelancer para algumas editoras e, algum momento, eu trabalhei numa editora pequena chamada “Oficina Raquel”, que era essencialmente uma editora de poesia, e havia outra editora, outra sócia minha, chamada Raquel. Ainda existe a editora, não tenho mais relação, ela mudou o perfil também. A minha experiência editorial prévia foram uns cinco anos talvez. Acho que em 2006/2007 eu saí da frente dela e entrei na UFRJ em 2010. A minha relação com a Edição foi sempre uma relação prática. [...] Quando eu entrei na UFRJ, entrei com uma espécie de projeto paralelo, o meu projeto de pesquisa, investigação, exatamente essa parte de trabalho editorial que eu nunca cheguei a abandonar, mesmo que eu não estivesse mais à frente da editora, mas continuava a pesquisar sobre isso. E em 2011 eu comecei a dar alguns cursos ligados à Editoração, cursos bem práticos. Por exemplo, cursos de diagramação, de técnicas de revisão. Em algum momento, se tornou alguma coisa um pouquinho mais formalizada de ter um trabalho de edição de livros, que eram produzidos ou publicados pelo departamento de Ciência da Literatura, que é o departamento que eu estou ligado na Faculdade de Letras UFRJ.

Origem dos laboratórios - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

O laboratório foi fundado em 2011, eu fui o coordenador, continuo sendo, desde a fundação.

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

Trabalham comigo, em algum ponto, os professores Eduardo Coelho – é um crítico literário brasileiro, professor da Faculdade de Letras também –, a professora Daniele Copas, a professora Flávia Trocoli, e, mais tarde, a professora Luciana di Leone. Essas pessoas contribuem de alguma maneira, mas a estrutura mudou bastante.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

No início, o laboratório funcionava numa sala dentro da biblioteca de Ciência da Literatura, uma sala que foi equipada com alguns computadores e com algum material exatamente para os cursos e para o período de produção também. O laboratório funcionava muito através dos alunos que vinham estudar nos cursos, se interessavam e continuavam ligados de alguma maneira.

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

Eu acho que posso dizer que o que houve foi uma espécie de facilidade inicial, mas a formalização completa do laboratório ficou mais complicada. Foi muito fácil, por exemplo, contar com a ajuda de colegas e arranjar um espaço para desenvolver o trabalho. E o momento em que o laboratório surgiu foi um momento em que havia bastante verba disponível para as universidades brasileiras, então, essa compra do equipamento, dos computadores, para que o laboratório funcionasse também, foi relativamente simples, não houve problema nesse sentido. Mas uma facilidade que foi até certo ponto. O percurso natural do laboratório seria ter-se transformado numa editora universitária, por exemplo. Nesse ponto, é bastante difícil até hoje ter isso funcionando. Eu continuo produzindo livros, mas não existe a possibilidade, por exemplo, de ter algum tipo de autonomia completa em relação às atividades do laboratório – está sempre ligado ao departamento. Os livros produzidos são, geralmente, publicados por outras editoras. Uma prática muito comum é a gente fazer a produção de livros lá dentro e esses livros serem doados para outras editoras, através de uma espécie de parceria. A contrapartida para a gente é meio que a pesquisa: uma parte dos livros é doada para o departamento de Ciência da Literatura, pós-graduação, uma coisa desse tipo. Mas é praticamente impossível você ter algum tipo de entidade que funcione como uma editora lá dentro, por conta de impedimentos burocráticos, a gente não pode lidar com dinheiro lá dentro. Por exemplo, como vender os livros produzidos para as livrarias, não tem como criar um fundo, ou até teria, mas isso seria uma coisa complexa em termos administrativos que acaba não valendo a pena.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

Um era o treinamento profissional para os alunos. O laboratório teria três ou quatro cursos anuais ligados à Edição, cada curso relacionado a práticas do ofício, como: diagramar um livro, algumas noções de tipografia, de design gráfico, a preparação de livros eletrônicos, formato e-pub, por exemplo, web design. Esse é o primeiro objetivo. Dentro da Faculdade de Letras tem algum núcleo que serve como núcleo de capacitação para quem queira trabalhar com livros. Isso continua existindo. O normal é que haja três cursos todo o ano, é uma espécie de ciclo de formação que passa pelo trabalho com preparação e revisão de originais, diagramação de impressos, noções de tipografia, história do design gráfico, e um terceiro curso ligado à tipografia digital, a preparação de livros digitais, web design e essas novas tecnologias.

O segundo objetivo se relaciona atender ao fluxo de produção do departamento de Ciência da Literatura, isso deve dar uns dez livros, no máximo, por ano, o mínimo, fica entre cinco e seis livros. Livros de todos os tipos, de convidados da universidade que vão dar palestras e essas palestras são recolhidas na forma de livro, os próprios professores com ensaios e traduções. Então, uma realidade bem grande de material. Além desses livros, existem as revistas que são mantidas pelo laboratório, são duas revistas, a “Terceira Margem”, do departamento Ciência Literatura, e outra chamada “Odara”, que é mantida pelos alunos da graduação em Letras, e foi uma revista que foi criada pelos alunos que passaram pelo laboratório de edição, como uma espécie de exercício/oficina.

O terceiro objetivo seria a pesquisa ligada à História da Edição, da Leitura, Novas Mídias, Novas Tecnologias de Leitura, de Circulação de Livro. Mas isso acaba de ser uma parte muito pequena.

2.5.4. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

A editora da UFRJ teve um período áureo há uns dez anos atrás. Ela é uma das grandes editoras universitárias do Brasil que tem um catálogo muito bom, excepcional, comparável apenas a algumas editoras de referência, como as de São Paulo, Minas Gerais. Por conta desses problemas organizativos, administrativos, da UFRJ, acabou tendo vários problemas, ela está praticamente paralisada, já tem alguns anos. Um dos motivos para o laboratório de edição surgir é exatamente uma espécie de imobilidade da editora da UFRJ. Eu atendo só a um departamento, que é uma pequena parte da Faculdade de Letras, que, por sua vez, é uma parte da universidade, mesmo assim, é uma demanda de quinze/vinte volumes por ano. Infelizmente, a editora da UFRJ não dá conta disso, hoje em dia mesmo, essencialmente, por questões administrativas, ao contrário das editoras universitárias tradicionais. O cargo do editor da editora da UFRJ é um cargo de indicação, então tem algumas questões políticas que

acabam prejudicando o funcionamento da editora. Uma rotatividade que é muito danosa. Você precisa que a editora desenvolva um trabalho coerente, mas a menos que ela esteja sobre a mesma direção isso será completamente impossível. A editora da UFRJ, nesse período que estou falando, nesse período em que eu entrei, desde 2011 até hoje, a editora da UFRJ já teve três ou quatro editores – é muito para uma editora, em comparação com o da editora da UFMG, ficou quase 15 anos...

O convite foi feito por uma administração que acabou saindo. O projeto não acaba indo para a frente por conta desse problema administrativo. Sempre que muda o editor, os projetos mudam todos.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

No primeiro momento até 2017, a gente publica aquilo que chega através de outros professores – existe um pedido/proposta de parceria que aconteceu em poucos casos. Geralmente, são livros que são produzidos dentro da Faculdade de Letras, muito ligados à crítica e teoria literária. Isso incluiu muitas coletâneas de artigos, temáticas, às vezes, muitos livros de ensaios de autores específicos. Hoje professores da casa e de outros lugares, e que a gente considera interessante publicar, e outros trabalhos para os alunos da pós-graduação. Esse ano, a gente vai estar fazendo uma experiência nova que é meio que formar um conselho editorial e publicar material geralmente ligado, de alguma maneira, à História da Literatura, à Teoria Literária, Ensaios Históricos. Não havia um conselho editorial até esse ano. Um dos problemas são os livros que não têm muito impacto, eles chegam a ser publicados e vendidos, mas circulam pouco, acabam sendo doados, enfim...

4. Como fazem a distribuição?

A distribuição é feita pelas editoras, e como o departamento e o laboratório têm direito a uma quota de livros, geralmente, alguns livros, pelo menos, livros que ficam conosco e são dados, às vezes, dentro de eventos ou para convidados, ou alguma coisa assim. A maioria dos livros que a gente produziu acabaram sendo lançados por outras editoras, e são essas editoras que fazem o comércio dos livros.

5. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

São três cursos técnicos: curso de revisão, diagramação e preparação de edições eletrônicas. Além disso, existem algumas oficinas ligadas à produção artesanal. O laboratório, hoje em dia, está ligado ao centro de estudos PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea). Então, uma parte dessas atividades está ligada ao PACC, coordenado pelo professor Eduardo Coelho. Na verdade, há um esforço regular didático. A gente vai fazer um livro de homenagem a um aluno da Faculdade de Letras, que acabou assassinado dentro da própria universidade. Ele era um poeta, então, a gente meio que fez uma recolha do material que ele tinha para ser publicado.

6. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blogue e redes sociais?

Quem costuma postar as coisas são os próprios palestrantes, participantes, não propriamente os alunos. Tem uma lista de e-mails de uma comunidade do laboratório, então, pelo menos, tem mais de duzentas pessoas cadastradas, eles costumam participar bastante.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

A gente conta com o financiamento errático, na verdade. Alguns anos atrás, a situação financeira estava bastante boa, a gente tinha bolsas disponíveis, algumas fornecidas pelo PACC, e outras disponibilizadas pelos próprios professores para o aluno que quisesse

trabalhar no laboratório. Mas a maioria dessas bolsas foram cortadas. Hoje em dia, tem uma bolsista que é aquela que faz bastante coisa. Mas a grande parte do trabalho que foi feito sempre foi voluntário. A maior parte do trabalho desenvolvido é de alunos que estavam interessados em aprender um ofício ou gostavam mesmo de trabalhar com livros. O que a gente tem é um bom espaço e equipamento. Quanto a ter bolsas e funcionários isso praticamente não existe.

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a sua chave de sucesso?

Eu acho que num momento econômico e político melhor talvez fosse uma possibilidade, mas, mesmo assim, uma sustentabilidade econômica do laboratório suporia a venda de serviços editoriais feitos por estagiários e alunos, o que não é uma boa prática, é antiético. A gente poderia fazer mais barato o serviço de diagramação, de preparação de originais, por exemplo, que uma editora com freelancer ou com designer faz. Em termos de receber dinheiro através do material que fosse publicado, isso seria mais complicado, no sentido que um dos motivos de existência de um laboratório é exatamente publicar material que não seria muito vendável em curto prazo. Eu suspeito que essa também não seja uma missão do laboratório, ele não é para se tornar uma entidade que seja sustentável em termos financeiros, mas sim em termos de trabalho produzido. O momento está realmente muito ruim.

É engraçado que a falta de dinheiro levou, de uma forma, a uma liberdade de atuação maior. Então, tem muita coisa que a gente não faria, por exemplo, livros que a gente não publicaria, porque existe uma carga de trabalho de outras instâncias que a gente tinha de atender, num certo sentido, porque a gente estava sendo mantido. No momento em que a gente já não está sendo mantido, a gente pode fazer outras coisas mais interessantes. Você acaba ficando mais aberto a coisas novas.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Foram muitas editoras mesmo. Então, a gente já trabalhou com a editora da UERJ, publicou um livro com eles; uma editora chamada 7Letras, que é uma editora carioca, a gente fez bastantes coisas com eles; uma editora chamada Azougue, a gente deve ter lançado uns quatro/cinco livros com a Azougue; algumas editoras de Campinas; a editora que a gente vai trabalhar mais diretamente agora nos próximos meses e anos é uma editora chamada Desalinho Editorial, que é uma editora de um aluno do laboratório, que acabou fundando uma editora e a gente, por facilidade e para incentivar também, a maioria do nosso trabalho vai ser vinculado por ele. Tem uma editora, e-galáxia, uma editora só de livros eletrônicos, só de e-pubs, que a gente trabalha bastante com eles, numa coleção de ensaios chamada S/Z. Na UFRJ, a gente não chegou a fazer nada, mas a editora da UFRJ só publicou um ou dois livros nos últimos anos. Às vezes, elas são muito boas, conversar com outros editores, geralmente, se interessam muito. Mas, acima de tudo, é uma necessidade, porque senão os livros não circulam – não circulam como eles podiam circular. A gente até pensou em fazer um giratório de livros em que os livros sejam dados de graça, mas, na prática, pouco acesso, por ser material específico. O trabalho comercial tem de ser feito pelas editoras.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

Antigamente, era a FAPERG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro que fomentava a pesquisa e a investigação no Rio de Janeiro, mas a FAPERG já não dá bolsas há dois ou três anos. Além desta, existe o CNPq, que é um órgão de financiamento

federal, e as bolsas da própria UFRJ. São bolsas ou para o trabalho de extensão ou para o trabalho de pesquisa, ou seja, iniciação científica. Embora não seja incomum escrever cartas de recomendação ou certificados, mas é sempre de uma maneira não oficial. O trabalho dentro do laboratório não serve como um estágio.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

A universidade tem um curso específico para Produção Editorial. Para a pessoa que quer de facto dedicar-se a isso seria o lugar mais indicado. De fato, tem partes da pesquisa sobre Edição que a gente não participa, não se interessa especialmente. A parte mais comercial mesmo de vendas, etc. Mas, dito isso, tem uma espécie de formação dentro do laboratório sobre uma espécie de cotidiano do trabalho com os livros que acaba interessando.

Com certeza, acrescenta valor, embora, de novo, a gente esteja num momento ruim. As editoras estão demitindo sistematicamente. Até uns dois anos atrás, de um grupo de dez alunos, um ou dois fosse trabalhar com Editoração, fosse trabalhar com uma editora, fosse fazer um estágio, ou se tornasse editor ou uma coisa assim. Mas realmente ninguém está contratando hoje em dia. Tem uma espécie de formação profissional, um curso profissionalizante.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?

É bastante misturado. Tem alguns que vão-se tornar pesquisadores, geralmente, de Literatura. Não necessariamente relacionados à pesquisa ligada à História do Livro, Editoração, alguma coisa assim. E uma parte dos alunos, pelo menos que eu chego a acompanhar, trabalham como editores. Ou fazem estágios em editoras. Os alunos que vão ser mais cobiçados ou mais bem aceites pelas editoras são os alunos de Produção Editorial. Este é um curso ligado à Comunicação, está no mesmo nível do Jornalismo e Radialismo. A princípio, o lugar onde você vai ter de facto oportunidades de emprego na carreira editorial é em São Paulo, realmente aí nem tem como o Rio competir. Aqui temos as editoras tradicionais, que continuaram na cidade, e editoras muito pequenas, que atuam de alguma maneira no Rio de Janeiro. O ideal que seria um conjunto de editoras médias, por exemplo, como a Rocco, a Record, a Companhia das Letras, e também não são tão pequenas como a editora Desalinho ou Oficina Raquel. E você aqui no Rio tem um problema de mercado, o maior produtor e consumidor está em São Paulo.

Considerações livres

9. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Eu acho que o laboratório tem servido bem a duas funções, pelo menos, as duas razões de eu ter começado o projeto, que são: a formação de leitores, acho que a gente faz um bom trabalho com isso, poucos alunos se vão profissionalizar, mas acho que isso já é esperado também, mas, pelo menos, você ganha uma consciência do fazer editorial que acaba sendo importante também; e juntar determinada quantidade de experiência para que você possa funcionar como uma espécie de editor alternativo. Pelo menos, o trabalho que temos feito é meio que antecipar o futuro, pensar como o mercado vai funcionar, como uma editora vai funcionar nos próximos anos com a mudança tecnológica, com o barateamento da leitura. Acho que isso é uma coisa que a gente não fala no Brasil, o livro se tornou uma coisa barata, principalmente, com os arquivos eletrônicos que, geralmente, são pirateados. Então, quem tem acesso à internet, tem acesso a bibliotecas inteiras. Isso tem um efeito positivo na troca de leitura, na circulação dos livros, embora tenha um efeito económico problemático na crise editorial que a gente está passando. No Brasil, é uma crise que tem a ver com o momento económico do país, a gente está vivendo, na verdade, uma depressão económica, mas tem a ver também com um problema de mudança tecnológica. Realmente, se compra muito menos livros, em parte, por conta de se ter livros de qualidade relativamente boa, circulando de graça na internet. É bastante comum, especialmente, com best-sellers como “Game of Thrones”, que oferece facilmente uma edição eletrónica em qualquer Site. Então, a gente tem uma preocupação muito grande de que a gente está produzindo livros nesse ambiente. Provavelmente, vai passar por uma crise económica, já está passando, uma crise de financiamento... Como fazer as coisas sem ter o financeiro, sem dinheiro. As coisas mais interessantes que estão saindo da atividade tem a ver com essa preocupação.

ANEXO 6

Entrevista de Marília de Araújo Barcellos

Identificação do entrevistado: Marília de Araújo Barcellos
Nome do laboratório: Editora Experimental pE.com
Nome do curso: Comunicação Social - Produção Editorial
Nome da Universidade: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Data da entrevista: 11/08/2017
Nome do entrevistador: Sandra Santos
Tipo de entrevista: *Online (Skype)*
Hora de início e de término: 16h57-18h30
Duração: 1h33

Contexto profissional e acadêmico dos vários coordenadores dos laboratórios

1. Para iniciar esta entrevista, gostaria que me retratasse a sua vivência profissional e acadêmica, inserindo-a no contexto da sua atividade no laboratório.

Eu gostaria de dizer que o meu depoimento é uma vivência que parte do campo editorial, inicialmente da prática no mercado, que resulta na entrada para a academia. E como é que isso ocorre? Primeiramente, pelo meu interesse em produção cultural, quando era muito jovem, e essa produção cultural com eventos e tal voltou-se para a área do livro, quando eu comecei a trabalhar como profissional em uma distribuidora de uma grande rede de livrarias, chamada Organização Sulina de Representações na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. E isso aconteceu em 1989, quando as livrarias de rua ainda ocupavam parte do mercado, uma vez que o fenômeno das grandes redes e da concentração editorial ainda estava reduzido. E a Organização Sulina, junto com as Livrarias do Globo, tomavam conta do cenário editorial do Estado (o Rio Grande do Sul é um estado fronteiriço, “onde o país termina”, ladeado por Argentina a Oeste, Uruguai ao Sul, Oceano Atlântico ao Leste e demais cidades brasileiras ao Norte). Portanto, a minha voz se faz, neste momento, de uma posição de uma cidade ao Sul do Brasil, fora do eixo Rio-São Paulo, que é o eixo onde há uma maior produção editorial e onde há também um maior consumo de leitura por conta da população. A cidade de Porto Alegre, para vocês terem uma ideia, tem em torno de um milhão e meio de habitantes e uma cidade como São Paulo tem em torno de dez milhões, acredito eu. Estou falando por alto, mas a proporção é essa. O meu depoimento é de quem não está nesse “eixo do centro do país”. A cidade parecida com esta posição periférica no campo editorial é Belo Horizonte, de onde a professora Ana Elisa Ribeiro pode muito bem falar.

Portanto, a minha vivência parte do olhar de pesquisadora e editora cuja experiência passou por diferentes posições no meio editorial: de divulgação de livros, de representação, de importação de livros da Grijalbo-Mondadori por meio do Uruguai e distribuição no Rio Grande do Sul, assessoria de imprensa, e na área de edição de Artes e Ofícios. Trabalhei muito também em Feiras, atividade que eu curti demais, a oportunidade de atender o público diretamente (porque você ali observa a demanda do leitor/consumidor), você pode também sugerir obras, a gente percebe que, muitas vezes, o leitor está perdido, sem referências. A minha posição ela ocorre em diferentes momentos, em diversos pontos do campo editorial, que vai do autor até o leitor, passando pela edição, divulgação. Em 2000, eu me formei no mestrado de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação voltada para o Érico Veríssimo como editor. No doutorado, fiz, então, uma pesquisa sobre as pequenas e média editoras, que resultou na tese sobre o sistema literário nessas pequenas e médias editoras, defendido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Portanto, eu investiguei a LIBRE (Liga Brasileira das Pequenas e Médias Editoras) e, nesse interregno, eu pude então fazer uma pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, quando busquei o mercado editorial dessas pequenas lá e confrontei, na época, com as brasileiras.

Ocorre que, após a dissertação e a tese, pude ministrar aula de Mercado Editorial na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na cidade de São Leopoldo, no curso chamado “Formação de escritores e agentes literários”. O curso, na época, era coordenado por

um escritor chamado Fabrício Carpinejar, e os colegas eram, em grande parte, escritores; cabia a mim a parte mais, digamos, dura, que é falar um pouquinho do mercado, da dificuldade que é colocar um livro no mercado, os custos, etc., etc. Esse curso encerrou-se, ele não vingou na universidade, e, naquele momento, eu passei no concurso para a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no departamento de Ciências da Comunicação para um curso chamado “Comunicação Social – Produção Editorial”, que havia iniciado em agosto de 2010, e eu entrei no curso como docente no 2º semestre de 2011, quando o curso havia completado um ano. E, desde então, venho ministrando algumas disciplinas voltadas para o livro: Fundamentos em Editoração, Gestão e Mercado Editorial, Editora Experimental e, atualmente, Gêneros literários. Ocorre que na universidade pública nós temos o desenvolvimento em três eixos: ensino – que são as disciplinas –, pesquisa – que é o grupo de investigação –, e extensão – que são trabalhos que buscam a universidade aproximar-se da sociedade. E é nesse eixo de extensão que foi criada a Editora Experimental pE.com UFSM.

Origem dos laboratórios - quando, por quem, onde, como, porquê

2. Esta questão pretende abrir e aprofundar a origem/fundação do laboratório, portanto, pedia que respondesse detalhadamente aos seguintes tópicos:

2.1. Quando se deu a fundação? (Em que momento temporal?)

O meu depoimento serve para dizer que a teoria desenvolvida em sala de aula precisa de ter um espaço experimental, um espaço em que as competências sejam desenvolvidas, mas, mais importante de que qualquer outra coisa, um lugar onde há margem de erro, um espaço onde um aluno possa aprender com o cotidiano tudo aquilo que ouviu na sala de aula. Então, nesse sentido, em dezembro de 2012, o projeto do laboratório da Editora Experimental pE.com UFSM foi implementado. E, desde então, vem acontecendo por meio de parcerias. Foi implementado dentro com um projeto extencionista, com o apoio do colegiado de curso de Produção Editorial, que aprovou em termos de colegiado essa proposta. Esta proposta iniciou publicando livros desenvolvidos em disciplinas do próprio curso e que eram finalizados em laboratório por meio de recursos humanos via edital. Então, todos os que trabalham na editora são provenientes de editais, são bolsistas, ou muito poucos voluntários, porque o voluntário não tem o comprometimento que o bolsista de um edital tem. Esses editais foram pleiteados pela coordenação do laboratório, no caso, por mim, por meio de editais internos da instituição. A princípio, por ser projeto de extensão, ele participou por várias vezes, anualmente, na verdade, de uma proposta chamada FIEX, que é um fundo de incentivo à extensão que há na UFSM. Então, abriu o edital, eu entrava e ainda entro nesse edital e solicito um bolsista durante um ano, em torno de oito semestres. Ele vai trabalhar comigo, depende se o edital sai em maio, normalmente é maio, depende do ano. Ele vai trabalhar comigo até dezembro, são em torno de oito meses de bolsa. As bolsas variam, por hora, são quatrocentos e cinquenta reais, às vezes, duzentos e cinquenta reais. Mas são bolsas estudantis e a carga horária na editora varia de doze a dezasseis horas semanais.

Ocorre que, com a fundação do laboratório, a primeira coisa que nós fizemos foi um regulamento e esse regulamento passou pelo colegiado do curso e passou, posteriormente, pelo Departamento, pelo colegiado do Departamento, que aprovou então esse regulamento. O que é que diz nesse regulamento? O funcionário entra da editora, o propósito dela, o objetivo que ela seria sem fins lucrativos, com fim pedagógico, educacional, e que poderia ampliar esse conhecimento da sala de aula. Ocorre que essa fundação, em 2012, ela só se efetivou de facto junto ao órgão maior, aqui no Brasil, que é a Fundação Biblioteca Nacional, onde ocorre a solicitação de ISBN. Conseguimos o nosso prefixo editorial em abril de 2016. Portanto, nós trabalhamos mais de três anos com o ISBN da pró-reitoria de extensão da nossa universidade. Foi um processo de amadurecimento de permanência do laboratório e o suficiente para estabelecer posteriormente o trâmite interno. Poderia ter sido acelerado, sim, poderia, mas dentro do laboratório ele ocorreu de uma maneira trabalhosa, mas persistente. Então, o laboratório ele levou um tempo até efetivar e ter o seu próprio prefixo editorial. E eu diria que a universidade pública ela tem uma série de trâmites internos e externos – ela responde ao Ministério da Educação nacional –, nós temos que obedecer então a esses trâmites, temos de ter muita calma, muita persistência.

2.2. Por quem? (Professores e alunos de que áreas do conhecimento?)

A Fundação da Editora Experimental pE.com UFSM, conforme o relato anterior, surge em um processo interno, na Instituição, liderado pela professora/coordenadora do projeto de extensão, no caso, eu. O processo contou com o colegiado do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, do Departamento de Ciências da Comunicação, professoras: Cláudia Bonfá, Liliane Brignol, Sandra Rúbia da Silva e Rosane Rosa, bem como a representação discente, a aluna Camila Nunes.

O registro da Editora Experimental enquanto projeto inicia em 2012 junto ao Gabinete de Projetos (GEAIC) e tem o cadastro em 2016. Contou com a iniciativa da coordenação do projeto junto ao Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), da UFSM, sob a direção de Mauri Löbler.

2.3. Onde? (Universidade/Faculdade/Departamento?)

Em relação aonde está localizado: esse laboratório está localizado como projeto de extensão, coordenado por um discente do departamento de Ciências da Comunicação, mas efetivado em uma vaga no curso de Comunicação Social – Produção Editorial, e é por isso que o projeto assim se intitula “Editora Experimental pE.com”. Poderia ter sido diferente? Sim, poderia. Poderia ser um laboratório de todo o departamento, uma editora que pudesse atender aos demais cursos. Quais são os outros cursos? Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas e Produção Editorial. No entanto, há um outro projeto de uma outra editora também para esses cursos junto à pós-graduação do departamento, que a gente chama de FACOS. Portanto, essa editora experimental ela está limitada a desenvolver as competências do curso de PE dentro deste âmbito e que não é pouco.

2.4. Como? (Procedimentos burocráticos e administrativos associados? Dificuldades e constrangimentos? Facilidades?)

Eu diria que a maior dificuldade foi nós lutarmos para conseguir o equipamento, que foi por meio de um outro projeto vinculado ao edital nacional de extensão, chamado PROEXT. Na época, em 2014, foi solicitado no edital e conseguimos recursos e, com esses recursos, montamos uma infraestrutura do laboratório: computadores, frigobar, mesas, cadeiras, quadro; enfim, a infraestrutura foi proveniente deste outro edital nacional que, na época, eram cinquenta mil reais para projetos anuais de extensão. Como o laboratório era projeto, entrou nesses cinquenta mil. E, em contrapartida, nós fizemos uma série de ações junto à feira do livro, lançamentos e publicações de livro, oficinas, várias atividades ao largo do ano. Participamos com produção intelectual também.

2.5. Porquê? (Objetivos principais e secundários?)

O principal é ter um espaço de desenvolvimento de competências em nível pedagógico. Ocorre que, com a minha experiência do mercado, eu consigo coordenar isso facilmente, eu oriento dentro daquele espaço. Os eixos de atuação eles vão sendo complementados, por exemplo, a infraestrutura foi proveniente desse projeto maior, o ISBN demorou, mas a gente conseguiu. Você vai conseguindo parcerias dentro da instituição e uma delas foi um trabalho de conclusão de curso dentro da graduação. E as meninas fizeram um manual e fizeram a página da editora, o Site que hoje tem. Eu diria que a gente vai articulando e facilitando isso.

Neste momento, eu estou revendo esse norte do perfil da editora, porque ela atende projetos de ensino, isto é, quando os livros são provenientes de trabalhos desenvolvidos em sala de aula, foi assim que ela começou. Temos disciplinas de edição de livros e, então, saíram muito bons e acabaram sendo terminados na sala de aula e você tem de fazer a parceria dentro e fora da instituição. A Secretaria Municipal da Educação aqui da cidade de Santa Maria, nós cedemos o livro, desenvolvemos a arte gráfica do livro de um autor escolhido pela Secretaria e essa adaptação teve também um apoio pedagógico da Secretaria e os alunos criaram atividades, depois que esse livro ficou pronto em e-book – não houve recursos para o impresso na época -, nós fizemos um treinamento junto com os professores da 4ª série, para que aquele livro fosse implementado em sala de aula. Então, o laboratório ele é não só laboratório de produtos, mas sim tudo o que envolve o produto, tem o lançamento, tem roda de discussão, tem inserção na educação, inserção em feiras, atividades em feiras, são várias ações que complementam o produto em si. E aí o laboratório em si não trabalha sozinho, ele trabalha com outro projeto chamado “Produção Editorial em Ação”. Mas basicamente o que faz acontecer essas parcerias é proveniente da coordenação do projeto. O laboratório, além da coordenação, conta com o auxílio de um profissional da área de design que fica algumas horas neste espaço,

auxiliando os produtos que estão sendo desenvolvidos. Isso foi uma conquista há, mais ou menos, dois anos, nós temos esse técnico há três anos. Tudo são conquistas como se fosse integral, você vai conquistando passo a passo, devagarinho, por isso é que tem de ser ter muita persistência. Então, além do produto em si, do livro, tem todas as atividades que são realizadas ao longo do ano. O planejamento é anual.

2.5.4. Diferenças e semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Tem editora?

A editora universitária ela pressupõe um projeto que possa comercializar estes livros e ter um recurso financeiro que vai possibilitar a inserção dessa editora no circuito comercial nacional ou internacional, por exemplo. Então, a editora universitária terá a seleção dos originais, ela tem uma demanda bem maior. Os livros publicados numa editora universitária passam por um processo mais demorado, mais moroso. Aqui na editora universitária da UFSM, se não me engano, passam-se dois anos entre o original ser entregue e ser publicado.

No laboratório de edição funciona um pouco diferente. O processo ocorre por projetos, as prioridades são para projetos desenvolvidos por docentes e discentes do curso de CS - PE. Portanto, produtos provenientes de disciplinas são muito bem-vindos. Por sua vez, também ocorre parcerias e essas parcerias têm sido muito tranquilas com o curso de pós-graduação em Letras, em que houve um seminário e nós fizemos o e-book. Tivemos uma parceria com a Feira do Livro de Santa Maria em que havia um concurso de poesia. Então, teve um livro e nós fizemos também esse e-book. É um leva-e-traz, é uma parceria que você fideliza. Nós participamos da Feira do Livro de Santa Maria com ações, fazemos parte da comissão que organiza a feira e, em contrapartida, publicamos aquela obra. No entanto, os recursos financeiros eles são por conta do parceiro. Nós não temos funcionários, nós não temos verba para impressão, nós não temos recursos para ISBN's. Quem é que paga isso? O parceiro. Então, para publicar o "Lagoa Encantada", que foi um livro que a gente precisou de etiquetar os CD's, o recurso foi por meio do edital, o PROEXT. Agora, se há uma parceria com a pós-graduação de Estudos Editoriais, ela tem um material que gostaria que fosse publicado no nosso laboratório, no Site tem um formulário, os Estudos Editoriais preenchem esse formulário e aí inicia-se a conversação. Essa conversação leva um tempo, precisa de um planejamento, no mínimo, semestral, e o ideal seria anual. E aí já estamos agora preparando as publicações, a previsão de publicações para 2018, por exemplo. Se a parceria vai funcionar, a coordenação repassa para o comitê executivo, que são os demais professores do curso, e também há um conselho editorial que pode ser eventualmente consultado, mas muito esporadicamente. No caso, o parceiro vai entrar com o valor do ISBN, que é um valor bem baixo, que é dezoito reais, e também com o valor do bolsista, que será o ou os alunos: um faz a capa, outro a diagramação na editora. Este bolsista vai trabalhar e obedecer à carga horária dentro do espaço do laboratório. Já aconteceu de o aluno levar o material para casa, mas pode criar mais problemas, por não ter o acompanhamento mais técnico.

Catálogo/Atividades

3. Tendo em conta o catálogo de livros e outras publicações, quais foram/são os critérios para a seleção das obras a publicar? Dê exemplos.

O catálogo ele é um pouquinho difícil montar. Por quê? Se manteve esse foco, foi aberto também uma pluralidade no catálogo para atender, por exemplo, ao núcleo de acessibilidade da nossa instituição. Então, nós temos um mapa das acessibilidades, que é muito importante, que nós preservamos, e ali são estudos voltados para este público que trabalha com acessibilidade. E nós estamos agora no laboratório a estudar a possibilidade de fazermos pdf interativo, no caso, para deficientes visuais. São aprendizagens, passo a passo, porque é um mercado de trabalho que a gente valoriza bastante, é uma questão ideológica – dar acesso a deficientes visuais e auditivos. Essa parceria é uma questão ideológica.

Outras parcerias foram surgindo ao longo dos anos com projetos, seja de professores do próprio departamento, como de instâncias, que são estudados caso a caso. Temos agora uma parceria com a pós-graduação em Ciências Sociais e estamos preparando um livro que vai falar sobre gênero e pluralidades, "Mosaico Socioantropológico" é o nome do livro. Então, eu vejo que é importante a gente abrir para outras áreas para que o aluno possa se sentir atendendo a um cliente externo, ele não é só interno. Ele vai ter que conversar com esse cliente, fazer um briefing e propor um conceito da publicação em uma área que não lhe

pertence, então, isso é muito positivo, no sentido de crescimento, de ensino-aprendizagem. Há livros produzidos para disciplinas do curso, muitos deles são alunos que criaram o conteúdo e agora outras turmas usufruem desses livros para aprendizagem em sala de aula. Por exemplo, Produção Editorial, na sua essência, é utilizado na disciplina de Fundamentos em Editoração e também utilizado em Gestão e Mercado Editorial. É muito importante essa seleção do catálogo que preza e prioriza conteúdos que possam ser reutilizados na interdisciplinaridade e preza também outras áreas que possam também permitir a ampliação do conhecimento, no que diz respeito em lidar com o cliente externo. E estreitar parcerias, como é o caso do Clube dos Editores e da Câmara do Livro de Santa Maria. Então, são instituições/entidades que têm uma proposta voltada para o mercado editorial e é importante eles saberem que existe o laboratório de Produção Editorial, porque dá visibilidade para esse trabalho.

Nós temos em torno de seis obras e, esse ano, nós vamos para cinco títulos. A distribuição é assim: é um bolsista para cada projeto, esses bolsistas ficam trabalhando no mesmo ambiente, e a gente distribui as competências. Depende de cada projeto. Tem projeto que já vem planejado, preparado, outros sem preparação nenhuma; essa distribuição é muito caso a caso. O que nós temos pensado agora para 2018 é abrir um edital para que possam concorrer vários projetos, para que possam ser publicados na editora, e quem banca o bolsista é o próprio cliente. Como cada obra tem um proponente diferente, depende dos recursos desse cliente. O livro “Estudos Editoriais - volume 1”, procedente de artigos dos alunos, foi feita uma parceria, conseguimos subsídios da coordenação do curso e o livro foi impresso. O miolo colorido ficaria por um valor muito além, por isso, o colorido ficou para o e-book. Os livros da acessibilidade todos são impressos e também em áudio-book.

4. E quanto às atividades, cursos e seminários promovidos, quais os critérios? Dê exemplos.

Em relação às atividades: o que ocorre é que esse laboratório ele também funciona esse outro projeto, a “Produção Editorial em Ação”, que são ações em feiras de livros, em eventos. Quando há um lançamento, a gente faz um release e passa para a imprensa, à universidade. E as ações são feitas por esse outro projeto, que vai criar rodas de discussão. Por exemplo, na Feira de Livro de Santa Maria, tivemos um painel com autores do livro “Estudos Editoriais”, e teve toda uma discussão do seu trabalho. Vamos também participar no segundo semestre na Feira do Livro de Porto Alegre. E, veja bem, Porto Alegre é uma cidade a quatrocentos quilômetros de Santa Maria, são cerca de quatro horas. Tem todo um envolvimento de transporte, de recurso de bolsa para os alunos que vão criar oficinas. Essa oficina é importante para a visibilidade do curso e da instituição, porque ela passa a constar da programação da Feira do Livro de Porto Alegre, do impresso, da programação. Há alguns anos atrás, em 2014, nós participamos pesado nessa Feira do Livro de Porto Alegre com ações de incentivo à leitura. Por ora, em 2014/2015, eu fui coordenadora do curso e aí ficou muito pesado, eu trabalhava com todas essas ações em Porto Alegre. Eu remodelei. Mas nós ainda fazemos roda de discussão, oficinas e bate-papo com autores, ou para falar de produção editorial mesmo. Você pega um público que está apto por conhecer o que são produções editoriais, é um local que aglutina esses interessados, por isso, é importante você se fazer presente.

5. Como fazem a distribuição?

Esse livro, depois de impresso, ele é distribuído para as coordenações dos cursos de Produção Editorial e Editoração brasileiras, ou quem solicitar, para todo o conselho editorial. Nós temos aqui, inclusive, um participante da Universidade Buenos Aires, pessoas que serão multiplicadoras desse material. O importante é que ele deve servir para a produção intelectual dos que aqui estão, para entidades importantes da área. E quando acontecem congressos, como o Intercom, a gente inscreve e há sessão de autógrafos, onde você divulga, mais uma vez, o material. A tiragem não é grande, é em torno de duzentos exemplares, e a gente tem conseguido trabalhar com esse número tranquilamente. Duzentos exemplares dá para fazer toda essa distribuição. Ele não vai para livrarias, porque ele não tem como fim, até o presente momento, a comercialização. Então, ele vai basicamente para eventos, congressos, lançamentos, e é distribuído gratuitamente.

6. Quais os canais de divulgação utilizados? Site, blogue e redes sociais?

Temos Site e página de Facebook. Estou com um bolsista que gere o Site. Requer bastante cuidado. Eu diria que a divulgação no Facebook e no Site ficou estacionado, por conta das

férias. Agora, nós vamos retomar as atividades ali. São muitas frentes, às vezes, uma delas fica mais estagnada, foi o caso das redes sociais.

Financiamento/Orçamento

7. De que forma é definido e gerido o orçamento do laboratório?

7.0.1. Em função dos recursos materiais e humanos, das obras publicadas, das atividades

7.1. São as universidades que custeiam a totalidade ou parte do orçamento?

7.2. Os laboratórios conseguem ser autossustentáveis?

7.2.1. Se sim, como e em quanto tempo?

7.2.2. De seu ponto de vista, qual a sua chave de sucesso?

Essa questão da autossustentabilidade só aconteceria por meio da venda. E, para que ocorra venda numa instituição pública, é necessário ter um parceiro externo para uma coedição que possa efetuar todos esses recursos, ou por meio de projetos de uma fundação. Ocorre que para termos um laboratório de Produção Editorial, a gestão dele é de um docente que tem de atender à tríade pesquisa-ensino-extensão, com uma carga de dedicação exclusiva e que não está dedicado somente ao laboratório. Então, é uma sobrecarga bastante grande. Por agora, o efeito pedagógico é suficiente, mas sim, nós já pensamos muitas vezes em ter esta autossustentabilidade. E, assim como o ISBN levou quase quatro anos, eu acredito que um dia a gente consiga fazer isso também, mas as coisas são muito devagarinho. Nesse momento, a gente está voltado para a questão dos editais, para a seleção de originais a serem publicados. Existem outros laboratórios, mas eles estão muito na mão do professor. Se o professor não tiver força de trabalho, não puder dedicar todas as horas necessárias, o laboratório para.

Parcerias/Protocolos

8. O laboratório faz parcerias com editoras universitárias, desde logo com a que existe na sua universidade, e com outras editoras? E com gráficas?

8.1. Que tipo de protocolos?

8.1.1. Enumere as editoras. Alguma que se destaque das demais?

8.2. Qual a importância estratégica destas parcerias?

Nós temos aqui uma coisa muito boa que é uma imprensa universitária, e quando o coordenador do laboratório submete um projeto a um edital, ele coloca quais os recursos que ele precisa. Ele pode colocar ali, conforme o edital, uma rubrica para a impressão. Então, sai tudo aqui dentro. Claro que os livros têm algumas limitações gráficas, por exemplo, não são livros costurados, são livros colados, não existe um acabamento de verniz UV, o papel é conforme o que temos disponível. Às vezes, ocorre de quebrar uma máquina e levar um tempo para a máquina ser concertada e, então, o prazo de publicação pode levar um pouquinho mais. Causa muito trabalho e um certo estresse, mas a gente tem de saber que vai lidar com isso, não é tudo às mil maravilhas, não.

Sem o apoio da coordenação do curso e do Centro de Ciências Sociais e Humanas, ficaria muito difícil trabalhar. A parceria institucional da coordenação permite que se loque um ônibus para quarenta alunos, para o deslocamento em ações na Feira do Livro de Porto Alegre, por exemplo, onde vai dar visibilidade para o curso. Se eu não tenho esse ônibus, que é uma viagem cara, não tem como os alunos participar. E o apoio, por exemplo, do Centro de Ciências Sociais e Humanas, quando nós encaminhamos a solicitação do prefixo editorial, para conseguirmos o ISBN, passou pelo Centro e este deu o aval, dizendo que comprovava que existia uma editora e uma produção. Então, é uma questão fundamental, é um reconhecimento do trabalho internamente.

Estágio/Trabalho

9. O laboratório abre concurso para estágios? Se sim, são curriculares e/ou profissionais?

São estágios meramente curriculares, eles ganham horas de atuação, o que a gente chama aqui de ACG - Atividades Complementares de Graduação. Ganham horas e um certificado.

Sendo que eles não se podem formar se não tiverem terminado as ACG's ao longo do curso. Eles são remunerados, sim, quando diz respeito a um edital. Há muita coisa que tem de ser feita duas ou três vezes. É um espaço que tem essa margem de erro, inclusive, nós já tivemos espaço, não só para alunos de Produção Editorial, mas para o curso de Design. Então, eles trabalham em conjunto, eles dialogam juntos.

Dissertação que pode ser um projeto experimental também. Quando é um trabalho experimental, a parte de escrita é mais um relatório, não chega a ser um desenvolvimento intelectual.

9.1. De que forma esta experiência laboratorial pode aproximar-se de uma experiência profissional e acrescentar valor na procura de trabalho?

Sem dúvida, sem dúvida, eu tenho, por exemplo, dois alunos que trabalharam no laboratório em mais de um semestre em atividades distintas e hoje eles estão fazendo um curso aí em Portugal. Eles prestam serviços freelancer fora. Então, todo esse dia-a-dia na editora, eles vão pegando trabalhos como freelancer.

9.2. Quem colabora com o laboratório envereda pela via da investigação ou prefere aplicar os conhecimentos na prática numa editora, por exemplo?

Eu tive vários alunos que foram para mestrado e doutorado, para a via académica; e tive também pessoas que montaram a sua editora; e outras que foram trabalhar em editoras. Não há uma regra.

A editora pE.com, pelo tempo que ela tem de vida, digamos assim, ela anda um tanto direitinha, ao passo que há outras editoras, da Com-Arte, que tem quarenta anos, o nosso tem sete. Este curso de Produção Editorial é um curso que tem muitos eixos, por exemplo, algumas disciplinas são voltadas para o audiovisual, outras para mídia social, outras para produção científica e outras para a área dos livros. A grade do curso é muito ampla. Esse laboratório é voltado para o livro, mas tem outro que é voltado para aquelas revistas e periódicos científicos. Em relação a Santa Maria, normalmente, os alunos saem daqui. Eles vão trabalhar na capital, em Porto Alegre, de onde eu sou, inclusive, ou em outras áreas do país, ou à distância.

Considerações livres

10. Para concluir a entrevista, tem algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Se vocês (Estudos Editoriais, Universidade de Aveiro) têm interesse em parcerias connosco, de repente, podemos já planejar isso.

ANEXO 7

Autorização de entrevista de Plínio Martins Filho

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017



Compromisso


Eu, Plínio Martins Filho
(nome do participante), responsável pelo COM-ARTE - Editora Laboratório
(nome do laboratório de edição), pertencente à
Escola de Comunicações e Artes - ECA-USP (nome da Universidade), declaro
aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade associada, constem na dissertação.

☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:



A investigadora:



Sandra Isabel dos Santos Cardoso

Local e Data: São Paulo 20 junho 2018

ANEXO 8

Autorização de entrevista de Ana Gruszynski

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017


universidade
de aveiro

Compromisso

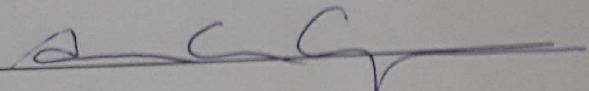
Eu, ANA CLÁUDIA GRUSZYNSKI
(nome do participante), responsável pelo LEAD
(nome do laboratório de edição), pertencente à
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (nome da Universidade), declaro
aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade
associada, constem na dissertação.

☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:



A investigadora:

Sandra Isabel dos Santos Cardoso

Local e Data: PORTO ALEGRE, 2 AGOSTO 2017.

3

ANEXO 9

Autorização de entrevista de Sônia Queiroz

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017



Compromisso

Eu, Sônia Maria de Melo Queiroz, responsável pelo Labeled – Laboratório de Edição da FALE/UFGM, pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais, declaro aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade associada, constem na dissertação.

☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:


A investigadora:

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2017.

ANEXO 10

Autorização de entrevista de Ana Elisa Ribeiro

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017



universidade
de aveiro

Compromisso

Eu, Ana Elisa Ferreira Ribeiro
(nome do participante), responsável pelo LABORATÓRIO DE EDIÇÃO
(nome do laboratório de edição), pertencente ao
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (nome da Universidade), declaro
aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade associada, constem na dissertação.

☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:

Ana Elisa Ferreira Ribeiro

A investigadora:

Sandra Isabel dos Santos Cardoso

Local e Data: Belo Horizonte, 7 de agosto de 2017

3

ANEXO 11

Autorização de entrevista de Ricardo Pinto de Souza

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017



Compromisso

Eu, Ricardo Pinto de Souza

(nome do participante), responsável pelo Laboratório de Edição do PPG em Ciência da Lit.

(nome do laboratório de edição), pertencente à

Universidade Federal do Rio de Janeiro (nome da Universidade), declaro

aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade associada, constem na dissertação.

☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:

Ricardo Pinto

A investigadora:

Sandra Isabel dos Santos Cardoso

Local e Data: Rio de Janeiro, 25/08/2017

ANEXO 12

Autorização de entrevista de Marília de Araújo Barcellos

Estudos Editoriais | Universidade de Aveiro | julho de 2017



Compromisso

Eu, MARILIA DE ARTUJO BARCELLOS
(nome do participante), responsável pelo Editoria Experimental pE.com.ufsm
(nome do laboratório de edição), pertencente à
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (nome da Universidade), declaro
aceitar participar neste estudo e ser verdadeiras todas as informações aqui prestadas.

- ☒ Autorizo que o meu nome, assim o do laboratório de edição e da Universidade associada, constem na dissertação.
- ☐ Prefiro manter a total confidencialidade e anonimato na dissertação.

Assinaturas

O/A participante:

Marília Barcellos

A investigadora:

Sandra Isabel dos Santos Cardoso

Local e Data:

Santa Maria, 10 de junho de 2018.

